FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 9 DE JANEIRO DE 1960

ANO 39.º — NÚMERO 13 320

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

GÉNIO LUSITANO

Na comunidade Luso-Brasileira

Enquanto, por vezes, nós em Portugal discutimos se temos ou não uma origem etnica que nos permita considerar a nacionalidade um todo uno, eterno e diferenciado dos outros da população ibérica — o Brasil, pela pena dos seus mais altos escritores e sábios, afirma-nos essa crença e justifica-nos essa certeza. Para eles, uma das causas mais fortes da união e da coesão do seu vasto país é, precisamente, a ascendência lusitana — e dessa ascendência se honram e orgulham como sendo uma das mais antigas e vigorosas da Europa. A formação do Brasil pela persistência e pelo génio portugueses, criando uma Pátria tão diversa das outras pátrias da América do Sul e a essas pátrias tão superior, ensina aos Brasileiros uma atitude de justiça e de verdade para com os Lusitanos e faz-lhe sentir a profunda originalidade e a personalidade indestrutível do nosso povo, que aonde vive ou passa edifica e levanta construções imorredouras.

Estas reflexões fazia eu relendo há dias um livro do malogrado Elisio de Carvalho, «Os Bastiões da Nacionalidade». Elisio de Carvalho foi um dos mais lusófilos escritores brasileiros e um dos mais belos e elevados espíritos da sua geração. Entusiasta, mas reflectido; artista de vibrante sensibilidade, mas pensador de sereno raciocínio; cri-

JOÃO DE BARROS

(Continua na página seguinte)

A carta que o presidente da Republica do Brasil enviou ao Presidente da Republica Portuguesa, ficará na história dos fraternos sentimentos dos dois povos. Há século e meio separados políticamente, mantêm os laços que sempre os uniram

O ministro da Presidência chegou a Goa esta tarde e teve recepção apoteótica

BEYRUTH, 9 — Seguindo viagem para Goa, via Karachi, o ministro português da Presidência, dr. Pedro Teotónio Pereira, partiu de Beyruth, num avião da B. O. A. C., que levantou voo á meia-noite e quarenta e cinco minutos.

Os jornalistas portugueses dr. Norberto Lopes, Tomé Vieira, Leopoldo Nunes, José de Freitas, dr. Ramiro Valadão, José Tengarrinha, padre Silva Rego e Matos e Lemos e os enviados da Emissora Nacional e da Radiotelevisão Portuguesa, que farão a reportagem da visita ministerial a Goa, Damão e Dio, encontram-se, por enquanto, retidos em Beyruth. Devem seguir viagem para a Índia Portuguesa á medida que houver lugares disponíveis nos aviões de carreira.

Para assegurar indistintamente a toda a Imprensa, Rádio e Televisão a reportagem, foi dada prioridade á partida do enviado especial da A. N. I., que seguirá para Goa no primeiro transporte aéreo.

A chegada do ministro Teotónio Pereira a Goa está prevista para o meio-dia de hoje, isto é, apenas com duas horas de atraso sobre o horário previsto no programa oficial. — (A. N. I.).

A chegada a Goa

CIDADE DE GOA, 9 — O dr. Pedro Teotónio Pereira chegou a Goa, ás 14 e 40, a bordo do avião dos Transportes Aéreos da Índia Portuguesa, que o conduziu desde Karachi.

Com a chegada do ministro, foi inaugurado o aeroporto «Benard Guedes».

Milhares de pessoas aguardavam o visitante. Desde manhã que a multidão disputava os melhores lugares para saudar o dr. Pedro Teotónio Pereira.

O ministro foi recebido pelo governador-geral, brigadeiro Vassalo

(Continua na 10.ª página)

Encalhou um arrastão na costa algarvia devido a violento temporal

OLHÃO, 9 (Pelo telefone) — Todo o litoral algarvio está a sofrer os efeitos de violento temporal, com chuvas torrenciais e vento ciclónico de Sueste, o mar está muito agitado e, esta madrugada, a uma milha a oeste da barra da Fuseta, encalhou o arrastão espanhol «Sol y Luna», da praça de Huelva, com treze tripulantes a bordo. Dado o alarme, o comandante do porto de Olhão, sr. capitão Pacheco Pinto, coadjuvado pelo delegado marítimo da Fuseta, sr. tenente José Brás, tomou as necessárias providências.

Imediatamente, foram mandados sair para o local os salva-vidas de Olhão, da Fuseta e de avira e, ainda, o rebocador da Junta Autónoma do Porto de Sotavento do Algarve. A agitação do mar e a violência do temporal não permitiram, todavia, que os salva-vidas ultrapassassem as barras.

Então, o delegado marítimo da Fuseta tentou, com êxito, estabelecer ligação com o barco encalhado,

dez tripulantes Foram salvos e três estão a bordo sem correrem grave risco

por meio de um cabo de vaivem lançado de terra. Com esse cabo foi possível salvar, em poucos minutos, nove dos treze tripulantes, ficando apenas a bordo o mestre e o contra-

(Continua na 13.ª página)

As "doze mais elegantes" gastam por ano com os vestidos entre 285 e 2.850 contos...

WASHINGTON, 9. — «Os meus vestidos são franceses e a minha maneira de vestir é também francesa» — declarou a senhora de Hervé Alphand, esposa do embaixador de França em Washington, ao responder á redactora das páginas mundanas do «Washington Daily News», que lhe pedira um comentário á inclusão do seu nome na relação das doze mulheres mais elegantes de 1959. E acrescentou: «E' uma honra para a França, para a costura francesa e para nós».

A esposa do embaixador de França compartilha essa honra com uma outra senhora, também residente em Washington: a esposa de Moreira Salles, embaixatriz do Brasil.

Segundo cálculos da Imprensa, as doze mulheres mais elegantes do Mundo gastam entre 10.000 e 100.000 dólares por ano nos seus vestidos. A senhora de Hervé Alphand concorda, no entanto, que uma mulher pode andar bem vestida sem gastar muito, se bem que esteja de acordo que os «vestidos de gala» sejam muito caros.

Por outro lado, o «Evening Star», que presta grande atenção ao guarda-roupa da embaixatriz oficial da costura francesa, assinala que á sua chegada á capital americana, a senhora de Hervé Alphand vestia-se exclusivamente com modelos Dior, mas que adoptou agora criações de Chanel, Balmain, Heim, Nina Ricci e Guy Laroche. — (F. P.).

Voltamos às calças vitorianas

DURBAN, 9. — As calças que apareciam sob as saias compridas das nossas avós, enfeitando de ren-

(Continua na página central)

2.ª TIRAGEM

O SPORTING pode considerar-se **campeão de reservas depois dos jogos desta tarde**

(Ler relatos na ultima página)

Há «bicha» no Banco de Portugal para a aquisição das novas moedas de prata

Excepcional procura de moedas da emissão do Infante D. Henrique

Na quarta-feira ultima, o Banco de Portugal pôs em circulação uma emissão de moedas de prata, comemorativas do centenário do infante D. Henrique, cujo total é de 10 mil contos: 4 000 de moedas de 20$00, outro tanto em moedas de 10$00 e 2 000 contos, em moedas de 5$00.

Cunhadas na Casa da Moeda, as moedas da totalidade da emissão não foram ainda entregues ao Banco de Portugal, que tem distribuido as quantidades recebidas, em

(Continua na 13.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

Diario de Lisbôa PUBLICA HOJE **32 PAGINAS** QUE INCLUEM MAGAZINE * JUVENIL * DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A nevrose colectiva do anti-semitismo

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O anti-semitismo é uma doença social, que ataca e afecta os diversos agregados populacionais, sem atender ao nível de civilização e cultura. Há mais de dezoito séculos que campeia pelo Mundo, causando vítimas, semeando a desolação e a morte. Nenhuma outra epidemia tem no seu activo igual número de sacrificados. Todas as tentativas de ataque têm falhado e as iniciativas mais honestas esfumam-se sem deixar rastro. O vento as dispersa impiedosamente.

Do ponto de vista médico e psi-

(Continua na 11.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

NOVA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

O cronista fiel que seguia na frota de Pedro Alvares Cabral comunicou a D. Manuel o «achamento do Brasil» em carta célebre que os arquivos conservam e tem feito correr rios de tinta. O espanto dos marinheiros á vista de terra, o desembarque, o contacto com os indígenas receosos, a primeira missa nessa praia austral, com as ondas a um lado e a floresta densa mais além, tudo isso Pero Vaz de Caminha relata com a simplicidade natural de quem deixa falar os factos não precisando que as palavras os engrandeçam. Quarenta anos tinham decorrido desde a morte do infante D. Henrique em Sagres; e cinquenta e um desde que seu irmão o infante D. Pedro — o intelectual das Descobertas — ficara estendido nos campos de Alfarrobeira não se atrevendo a tocar-lhe nem os lobos nem os corvos... Quatrocentos e sessenta anos passaram desde a carta de Pero Vaz de Caminha. Muita água o Tejo lançou para o mar, muitos milhares de homens pereceram sobre as ondas; e, nas terras de Santa Cruz, ás capitanias sucederam-se os governadores, a estes os vice-reis, o próprio rei lá aportou um dia; sucederam-se imperadores e presidentes, a Nova Lusitania e, no primeiro centenário da sua independência, um homem de verbo inspirado, Presidente da Republica Portuguesa, ia a essa mesma terra levar o abraço fraterno e enternecido e agradecer ao Brasil o ter-se tornado independente. Celebra o País as glórias do Infante Navegador, no ano do seu centenário. Virá celebrá-las connosco o Presidente da Republica Brasileira, cuja carta de aceitação do convite é um belo documento, resposta á carta de Pero Vaz de Caminha. Ouçamo-lo: «O prefácio da nossa História quadricentenária é o próprio sonho do Infante e, com enlevo poético, um saudoso autor brasileiro disse ser o Brasil o canto undécimo dos «Lusiadas». Para o culto da memória luminosa de D. Henrique contribui o povo brasileiro com os índices de sua grandeza. E o governo com a confirmação de sua solidariedade. Queira Deus que as duas nações, ligadas pelos mesmos compromissos tradicionais e inalienáveis, possam dar sempre ao Mundo a lição dessa continuidade».

FEIXE DE NOTICIAS

NA Aldeia Nova de S. Bento vários trabalhadores estavam numa pedreira da Junta Autónoma das Estradas. Tinham metido a dinamite e afastaram-se dando campo largo á explosão.. Esta deu-se, mais violenta do que se esperava. Abalou tudo e a terra fremeu, voaram pedras em todos os sentidos. Uma delas, com a força de bala de canhão, apanhou na cabeça o operário Bento Maria Perdigão, de 40 anos. Caiu para o lado, morto. Deixa viuva e três filhos menores que tinham no seu braço o seu sustento.

✱ Em Lobão da Beira desabou uma pilha de madeira que foi colher a pequenina Maria Julia, de 5 anos, filha de Florinda Abrantes e do sr. César Mendes. Andava ali a brincar. Muito ferida foi levada para o hospital de Tondela, mas quando lá chegou a ambulancia levava o corpo de um anjinho.

✱ Foi ontem á tarde na Avenida do Aeroporto. Vinha um automóvel. O José Augusto Quaresma, de 5 anos, morador no Casal Ventoso, ia a correr, inadvertidamente como é próprio da sua idade. Foi contra um automóvel e morreu no Hospital de S. José, pouco depois de lá ter dado entrada.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio de Belém, os srs. ministro dos Negócios Estrangeiros e comandante Armando Pereira de Castro Agatão Lança. Estiveram também ali, a inscrever-se no livro de cumprimentos, os srs. Torbjörn Seippel, embaixador da Noruega; Tarik-Emin, embaixador da Turquia, e dr. Joaquim Moniz de Sá Corte Real e Amaral, procurador á Camara Corporativa. ✱ Recolheu ao Hospital de S. José, onde faleceu ao fim da tarde, o sr. António dos Santos Gomes, de 23 anos, pedreiro, residente em Alvoco da Serra, Seia, que fora colhido por uma furgoneta, na Estrada das Laranjeiras, e ficou ferido na cabeça.

O V centenário

do Infante D. Henrique na América do Norte

NOVA BEDFORD (Massachusetts), 9 — O prof. Siqueira Coutinho, que desde 1916 reside em Washington, entrevistado pelo «Diário de Notícias» desta cidade revelou que, integrado na celebração do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, está a organizar um programa de festejos na Universidade de Georgetown.

«Interesso-me presentemente pela celebração do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. Estou a organizar um programa para a Universidade de Georgetown e ofereci os meus fracos préstimos á Casa de Portugal em Nova York, para qualquer outra iniciativa. Parece-me que seria uma óptima ocasião para s econvocar, neste país, um *Congresso do Porvo Português*, em que se pudesse apresentar e discutir a acção dos Portugueses nos Estados Unidos, desde o período das Descobertas até hoje». — (A. N. I.).

Um sério desastre

não deprimiu o moral da centenária!

ÉVORA, 9. — (Pelo telefone). — Vinda de Azaruja, deu entrada no Hospital da Misericórdia desta cidade a sr.ª Matilde Rosa Ginja, de 100 anos, solteira, natural de Évora, e que naquela localidade, onde reside, deu uma q da, que lhe provocou a fractura da clavícula esquerda.

É o primeiro acidente que a sr.ª Ginja tem, em cem anos de existência. Vive só há muito tempo e cuida dos arranjos da casa, sem a ajuda de ninguém.

A centenária atribui a longevidade ao modo sóbrio como se alimenta, prescindindo de vinho e de quaisquer outras bebidas alcoólicas.

— Espero viver ainda muitos anos — afirmou, após o desastre.

A Lusalite

homenageou funcionários com 25 anos de serviço

O conselho de administração da Lusalite ofereceu hoje um almoço aos seus empregados e operários com mais de 25 anos de serviço.

A refeição decorreu animadamente, na cantina daquele modelar estabelecimento fabril, na Cruz Quebrada, e reuniu, além de 33 empregados com aqueles anos de serviço, todos os chefes de serviço, o director e engenheiros da fábrica e os membros do conselho de administração, num total de 48 convivas, entre os quais se destaca o sr. dr. João Ribeiro da Silva, chefe dos serviços clínicos da fábrica.

Presidiu o sr. Max Abecassis, e na mesa de honra tomaram parte, ladeando-o, os srs. Raul Abecassis, eng. José Abecassis, dr. Lucas de Sousa, Conde Alto Mearim, eng. Vasco Ramalho e dr. António Ortigão Ramos, administradores; dr. Eduardo Empis, Conde Seisal e Baltasar Moser, dos corpos gerentes e eng. Benard Guedes, Calado, Jorge Abecassis e Celestino da Costa, director e funcionários da fábrica Lusalite.

Em nome dos homenageados, o sr. Conde Alto Mearim, que também completou 25 anos de serviço, agradeceu a realização do almoço e destacou o seu significado. Depois focou a dedicação de todos pela Lusalite, afirmando que os novos poderão vir a ser melhores, mas não terão maior amor e dedicação á empresa, visto que todos os presentes a viram nascer e souberam acarinhá-la, assistindo satisfeitos ao seu gradual desenvolvimento e rejuvenescimento, graças á política inteligente da administração.

Antes de terminar o sr. Conde Alto Mearim referiu-se, ainda, á acção do sr. Raul Abecassis, destacando as suas grandes qualidades de carácter e de industrial e salientando o facto de ele pertencer ao grupo fundador da Lusalite.

O sr. Raul Abecassis agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e saudou todos aqueles que completaram 25 anos de serviço, afirmando que a Lusalite se sentia orgulhosa dos seus colaboradores. Referiu-se, em especial, aos srs. Conde de Alto Mearim e Fernando Costa. Terminou por formular votos para que todos voltassem a reunir-se em comemoração dos 50 anos de serviço.

No final do almoço, o sr. Raul Abecassis procedeu á entrega de lembranças a todos os funcionários com 25 anos de casa, que receberam também emblemas comemorativos da Lusalite.

Na comunidade Luso-Brasileira

(Continuação da pág. anterior)

tico e poeta, historiador e economista — todas estas multiplas facetas do seu nobre talento se subordinavam a uma mesma orientação patriótica. Desde novo, defendia e explicava as ideias e as acções que mais uteis lhe pareciam á grandeza e á prosperidade da sua terra. E tal era o poder de convicção que animava as páginas dos seus livros, tão cheios de lógica, de razão e de probidade mental eram os seus argumentos, que bem pode dizer-se ter sido, pela influência da sua obra, um condutor e professor de fé cívica entre a mocidade do Brasil.

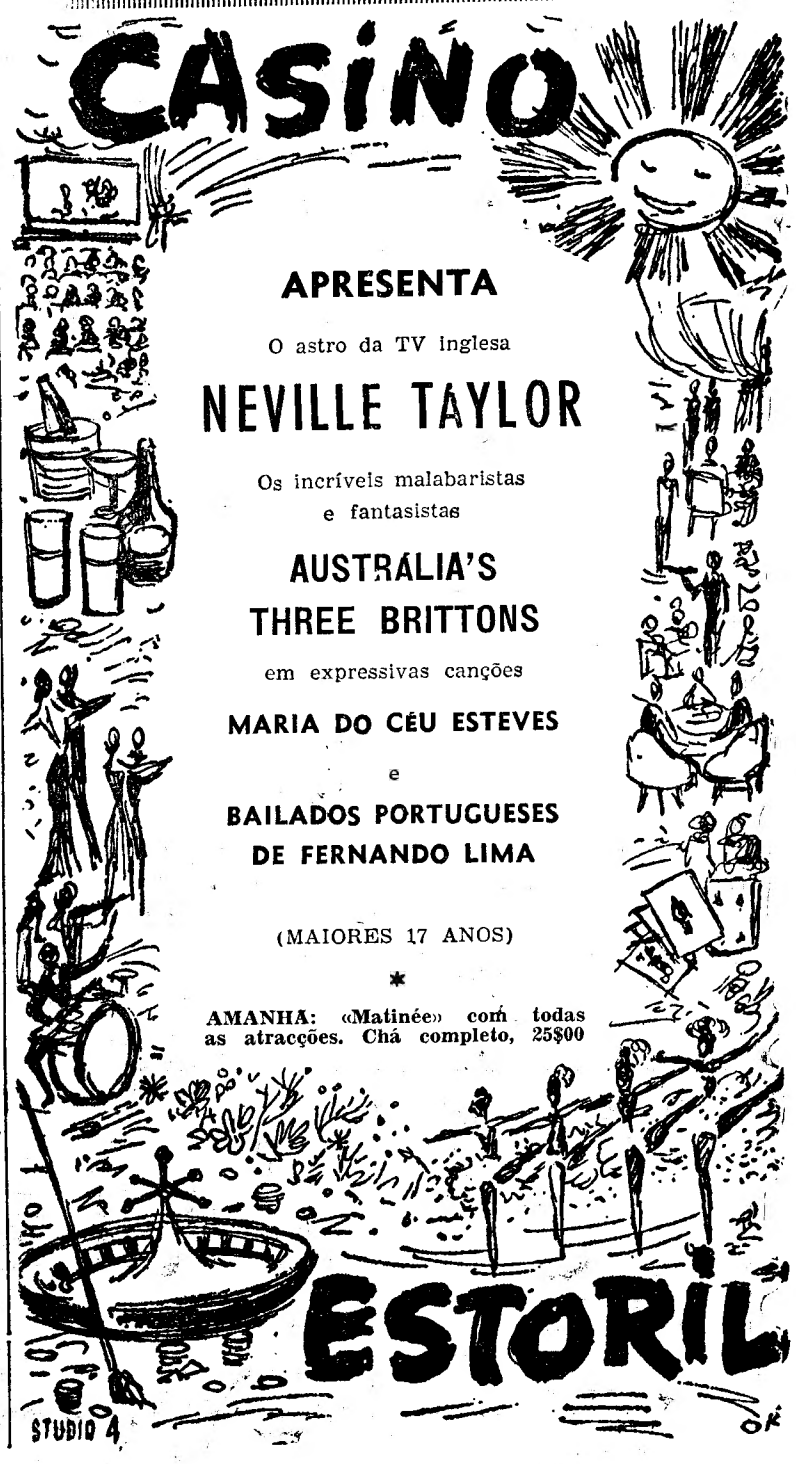
Essa fé cívica afirma-se com especial insistência em «Os Bastiões da Nacionalidade», livro todo consagrado á glória e ao futuro do Brasil, livro em que se encontra esta frase orgulhosa: tudo, em nós, é antes de tudo brasileiro; *e que, no entanto, pelo amor e pelo apego que denuncia ás coisas portuguesas, bem poderia trazer na capa a epígrafe que foi a divisa do apostolado de Elisio de Carvalho:* «pelo Brasil e por Portugal», *como já tinha sido a divisa do apostolado inesquecível de João do Rio...*

«É assim que o Brasil, no pensar do admirável escritor (Graça Aranha), se tem de afirmar como o continuador do génio português no mundo americano, dando á alma antiga mais vigor, mais entusiasmo e mais agilidade, e á América mais inteligência, mais beleza nas suas relações com o Universo», *escreve Elisio de Carvalho.*

Neste período incisivo e claro contem-se todo o pensamento do prosador ilustre sobre o magno problema do destino brasileiro, que ele assim entrelaça intimamente ao destino português. «Quem mais brasileiro que o trasmontano ou o alfacinha que levou a sua paixão da terra até ao sacrifício de defendê-la com a própria vida?». *E, mais adiante:* «aos Portugueses devemos, digamos sem eufemismos, a grandeza da terra, unida e identificada pelo sangue e pelo espírito da pátria, e a opulência da nacionalidade».

Não teriam tanta importancia estas afirmações se viessem de um Brasileiro que não consagrasse a actividade da sua vida ao culto e ao engrandecimento do Brasil. Mas Elisio de Carvalho era supremamente, ardentemente patriota. Falava portanto com autoridade máxima. O seu amor a Portugal não era um sentimento postiço:—era a consequência directa do seu amor ao Brasil, cujas tradições e passado são os mesmos que nós reivindicamos para nós, e que nos pertencem tanto como aos próprios Brasileiros.

«Os Bastiões da Nacionalidade», pelos assuntos tratados nos seus vários capítulos, pela erudição do seu autor e pelo seu estilo veemente e moço, continua a merecer a atenção de todos os espíritos desejosos de estudar e compreender o Brasil. E, para os Portugueses, possui este livro um interesse particular:—mostra de maneira claríssima como o patriotismo da elite brasileira não é adverso nem hostil ao patriotismo lusitano. Muito pelo contrário. Um e outro se fundem na evocação e na religião do passado. Um e outro se aproximam na legítima ambição de continuar, em nações diversas, o exemplo e a lição de energias e virtudes irmanadas por uma origem comum.—J. de B.



Festas associativas

Para amanhã, estão marcadas «matinées» dançantes na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, com a Orquestra Talismã, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, na Rua da Misericórdia, 20, 2.º, na Casa do Algarve, na Rua Capelo, na Casa de Ferreira de Zêzere, na Travessa dos Inglezinhos, 3, 1.º, abrilhantada pelo conjunto Waldemar Moreira, na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, com o conjunto Porto Rico e na Associação dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, com a conjunto Costa do Sol.

Dr. Baptista de Sousa

Por despacho do ministro da Saude e Assistência, em seguimento á proposta apresentada pelo enfermeiro-mor dos Hospitais Civis de Lisboa, o dr. José Baptista de Sousa foi provido definitivamente no cargo de director dos serviços gerais de clínica cirurgica dos referidos hospitais.

VIDA SOCIAL

DR. LUÍS LEITE PINTO

De avião, partiu hoje, para Angola e Congo Belga, o sr. dr. Luís Leite Pinto, administrador da Companhia de Seguros Império, que vai visitar as dependências daquela empresa seguradora.

Muitas vezes é suficiente apenas 1 comprimido.

Contra

dores de cabeça

constipações

reumatismo

ASPIRINA

BAYER

Há mais do que 60 anos ASPIRINA e BAYER familiares a todos.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º ESQ. TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS UTEIS — das 9 à Meia-noite

DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

Dois mercados um dos quais subterrâneo vão ser construidos em Almada

Na Quinta do Pombal, em Almada, vai ser construido um novo mercado, numa área de terreno com 7.000 m2 quadrados oferecida pela família Teotónio Pereira. O projecto da autoria do arquitecto João de Barros Caetano, foi já aprovado pelo Município e as respectivas obras estão orçadas entre 4 a 5 mil contos.

No sítio dos Torcatos, no caminho que liga a estrada de acesso ao monumento a Cristo-Rei, vai construir-se, também, outro mercado municipal, este subterraneo e unico no género no País, cujo projecto é da autoria do arquitecto Duarte Grilo e do eng. Macieira Dias, com uma configuração e um traçado arquitectónico verdadeiramente original. A parte acima do solo fica toda ajardinada, destinando-se a um parque infantil, com bancos para o publico, constituindo ao mesmo tempo um excelente miradouro. O mercado, própriamente dito, debaixo do solo será em circunferência, com várias bancadas para venda e exposição de produtos frescos, com duas rampas para entrada e saída de camionetas que transportam os produtos. Dotado de todas as modernas condições de higiene e de comodidade, disporá de frigorífico e armazem para guarda de produtos. A construção deste mercado está orçada em 600 contos.

No Hospital de Almada

Queda grave

Na sala de observações do Hospital de Almada recebeu tratamento a sr.ª D. Ana Maria Mesquita Figueira, residente na Rua Elias Garcia, 90 r-c., nesta vila, que na sua residência deu uma queda, fracturando a clavícula direita.

Engoliu uma moeda

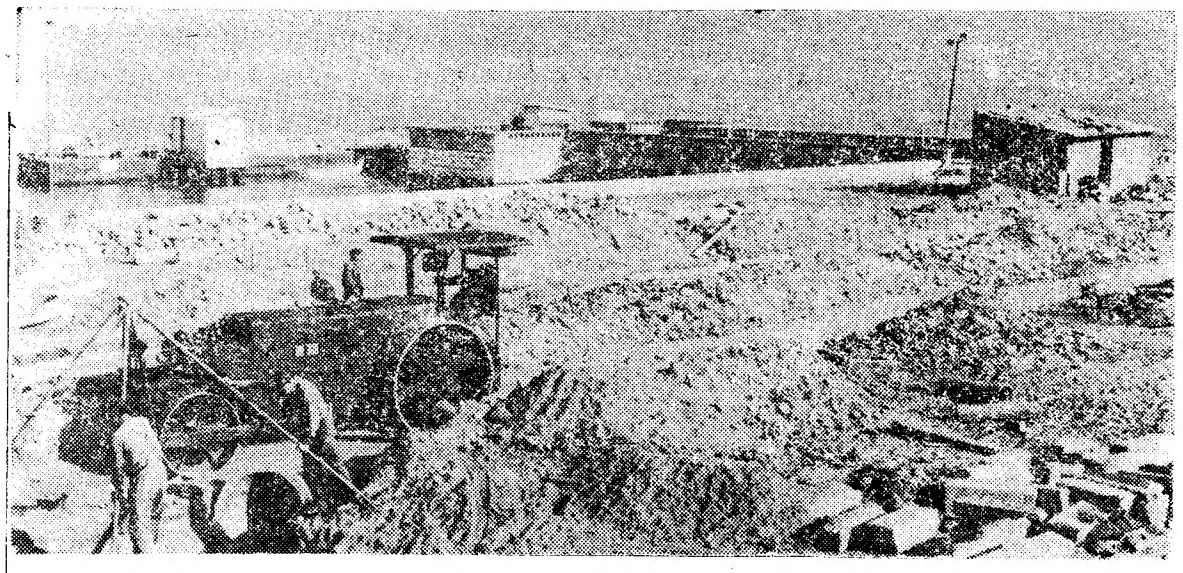
A menor Maria Filomena Belchior Nobre, de 6 anos, residente na Quinta das Rosas, em Valença de Cima, engoliu uma moeda que se alojou no esófago. Depois de receber os primeiros socorros no Hospital de Almada, transitou para o Hospital de S. José para lhe ser feita a extração da moeda.

Acidente no trabalho

O servente de pedreiro Alvaro Rodrigues, residente na barraca n.º 561, do Campo dos Caranguejais, nesta vila, quando trabalhava na obra de um prédio em construção, deu uma martelada no dedo polegar esquerdo, pelo que fracturou o dedo. Depois de tratado no Hospital de Almada recolheu a casa.

O DISPENSÁRIO da Assistência aos Tuberculosos vai mudar de Almada para a Cova da Piedade

Impróprìamente situado junto da Praça da Renovação, em Almada, paredes-meias com o sumptuoso edifício do Externato Frei Luís de Sousa e a dois passos da Escola Técnica, o antiquado dispensário do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos vai mudar de local, já demarcado na Cova da Piedade. As novas instalações, cujo plano está em estudo, serão especialmente apropriadas para as exigências da região, fortemente industrializada.



Um aspecto das importantes obras em curso para a transformação do cais e da zona contígua à estação fluvial da Trafaria

Está em construção um barco para 600 passageiros destinado à carreira Belém-Trafaria

Urge resolver o problema da dificuldade de trânsito na estrada de Cacilhas á Costa

Está a passar por uma ampla transformação, sofrendo, ao mesmo tempo, importantes trabalhos de beneficiação, o cais da estação fluvial da Trafaria, que serve os barcos das carreiras entre Belém e aquela localidade, que se fazem de 30 em 30 minutos, desde as 9 horas ás 23 e 30. São quatro esses barcos, pertencentes á empresa Damaso Vasques dos Santos. Na época de Verão fazem as carreiras durante o dia, de 10 em 10 minutos, pois é grande a afluência de passageiros, chegando os barcos a transportar, então, 20 mil pessoas, nas travessias diurnas e nocturnas — segundo nos informou o chefe do cais, sr. Henrique de Almeida.

Para satisfazer as exigências do tráfego, a referida empresa mandou construir um barco grande e moderno, que deve ser posto a flutuar ainda este ano e terá uma lotação de seiscentos passageiros.

O novo cais em construção deve ficar concluido em meados de Março, como nos disse o sr. eng. Francisco Fagulha Saraiva, que dirige as obras. O referido cais terá uma área de 450 metros quadrados, comportando um parque para estacionamento de automóveis, com as «pontas» ajardinadas, para efeito de embelezamento do local. Do lado esquerdo situa-se outro parque, destinado ás camionetas que embarcam e desembarcam e de molde a evitar engarrafamentos e dificuldades no acesso aos barcos.

Actualmente, em consequência das obras em curso, os passageiros são forçados a caminhadas por locais lamacentos em tempo invernoso, ou por meio de poeira sufocante, nos períodos soalheiros, até o cais de embarque.

O rio ali é bastante agitado, na enchente, de modo que as águas galgam fàcilmente as muralhas, as quais, segundo os entendidos, foram construidas quase a pique, daí resultando que, umas vezes, quando há temporal, as ondas rebentam a grande altitude, até transpor os molhes e atingir os barcos onde as pessoas ficam encharcadas. Também pelo mesmo motivo há, por vezes, grandes dificuldades na atracagem dos barcos.

O acesso ao cais de embarque e desembarque dos barcos da carreira Belém-Trafaria, nesta localidade, está a ser feito através de terrenos esventrados, que se transformam em lamaçais. Isso, contudo, podia ser evitado com uma solução transitória e fácil de aplicar

Quanto aos inconvenientes do percurso até o cais, esventrado por necessidade dos trabalhos, alguns dos passageiros residentes na Trafaria e que têm as suas ocupações em Lisboa, manifestam a opinião de que poderiam fàcilmente ser evitados se os barcos passassem a utilizar, para a atracagem, um segundo pontão existente no local. De resto, nada pàrece obstar á sua rápida utilização, tanto o serviço normal como os horários. E assim se beneficiariam as pessoas que, em elevado numero, sofrem todos esses percalços.

Aqui fica a sugestão, que nos parece de atender, na medida em que seja viável.

As dificuldades de trânsito na estrada de Cacilhas á Costa da Caparica

A estrada que vai de Cacilhas á Costa da Caparica é estreitíssima, cheia de curvas e contra-curvas, muros altos que surgem com frequência, uns formando angulos, outros em bico, outros ainda pronunciadamente recurvos, o que representa perigo iminente não só para o automobilista que não conheça bem o percurso, como para os peões.

No Verão, com a grande afluência de veículos, especialmente automóveis e autocarros para a Costa da Caparica, o trânsito faz-se com as maiores dificuldades. Por ser essa estrada muito estreita, excessivamente nalguns pontos, quando se cruzam dois carros em sentido contrário, torna-se um caso sério, com engarrafamento pelas consequentes demoras na manobra, da qual resultam esgotantes esforços para os condutores sairem de tais apuros. Por isso, na época estival são longas e intermináveis as «bichas» de carros que não se podem mover ou avançam em enervante lentidão. Chegam a estar assim imobilizadas 40 mil pessoas, que se deslocam de vários pontos para a Costa.

A estrada tem todas as condições para ser alargada, pois os muros que a cingem são, quase no totalidade, de quintas, não havendo necessidade, por assim dizer, de grandes expropriações para tão apreciável quão necessário benefício de interesse comum.

O caso merece ser devidamente ponderado e depende especialmente da Junta Autónoma de Estradas mais do que da Camara Municipal de Almada.

1960

NO INÍCIO DO NOVO ANO

A

DISCOTECA

Saúda os seus Ex.mos Clientes e Amigos, aproveitando a oportunidade para informar que acaba de lançar à venda os grandes sucessos mundiais em discos

- MARINA — ROCCO GRANATA
- VENUS — FRANKIE AVALON
- UNCHAINED MELODY
- RESTLESS KID
- DON'T LEAVE ME — RICKY NELSON
- MELODIE D'AMOUR
- IF YOU LOVE ME
- MY HEART SINGS
- YOU ARE MY DESTINY
- PITY PITY
- DON'T EVER LEAVE ME
- YOU BELONG TO ME — PAUL ANKA
- APRIL LOVE
- TUTTI-FRUTTI
- ANASTASIA
- SUGAR MOON
- TECHNIQUE
- I'M IN LOVE WITH YOU
- THE MARDI GRAS MARCH — PAT BOONE
- MACK THE KNIFE
- WHILE I'M GONE — BOBBY DARIN

O MAIOR «STOCK» NA MELHOR CASA DE DISCOS

«DISCOTECA»

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3-A — LISBOA (JUNTO AO HOTEL EDUARDO VII)

SNACK-BAR — DISCOS — SNACK-BAR — DISCOS

ANGÉLICA

PELES E COSTURA

CASACOS DE VIZON, ASTRAKAN, ETC.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 17 R/C., 17 DT.º — T. 60586

Tágide

Telef. 35327/8

Lisboa

O Espectáculo de CARMEN AMAYA será representado esta noite à 1,45 h., e nas restantes noites à 1 hora

SATISFAZENDO OS DESEJOS DO PÚBLICO

durante mais uma semana

CARMEN AMAYA

E O SEU ESPECTÁCULO

O maior acontecimento artístico do ano

(MAIORES DE 17 ANOS)

Palm Beach

Telef. 080851/2

Cascais

às 0,15 h.

Esta noite e no Sábado dia 16 últimas apresentações do Espectáculo de CARMEN AMAYA

2.ª FEIRA

A RAPARIGA DAQUELA NOITE

«PARTY GIRL»

ROBERT TAYLOR * CYD CHARISSE * LEE J. COBB

TODA A FASCINAÇÃO DE UMA HISTÓRIA DE AMOR
TODO O DESLUMBRAMENTO DE UM FILME MUSICAL

ADULTOS M/17 ANOS

SÃO LUIZ ALVALADE — UMA ESTREIA DE GRANDE CLASSE — CINEMASCOPE-METROCOLOR

MGM

MARIA VITORIA

EMP.ª «E. SALVADOR e R. MARTINS, LDA.»

2 SESSÕES ÀS 20.30 E 22.45

ADULTOS — M/17 ANOS

Bibi Ferreira

RIA NO MARIA VITORIA

COM A MAIS ALEGRE E POPULAR DAS REVISTAS DE

SALVADOR

TUDO NA LUA

UM EXTRAORDINÁRIO ÊXITO DE GARGALHADA!

António Silva

COM BIBI FERREIRA
ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES
HUMBERTO MADEIRA
MARIA DOMINGAS
e
MARIA JOSÉ DA GUIA

Amanhã, esp.º à tarde às 16 horas

ATENÇÃO AO PORTO: BREVEMENTE NO CINE-TEATRO «ÁGUIA D'OURO» a revista «TUDO NA LUA»

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
Adultos (Maiores 17 anos)

Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: CEIAS FADOS E GUITARRADAS

O MAIS APLAUDIDO ELENCO DE ATRACÇÕES

O FAMOSO DUETO QUE ENTUSIASMA O PUBLICO
LES VILLALTAS

A arrebatadora parelha de baile
QUINTEROS ESPAÑA

A brilhante bailarina
LOLITA CALVO

ANA MARIA E SEU BALLET

MUITO BREVE — EM ESTREIA: AS FORMOSAS BAILARINAS
DOLORES PATON E CARMEN POYATO

TRINDADE

Hoje, ás 21,45 — (17 anos)
O Teatro está aquecido

UM ESPECTACULO DE VERDADEIRO TEATRO MODERNO

12 HOMENS FECHADOS

de REGINALD ROSE, tradução de LUIS GALHARDO (Filho)

A abrir o espectáculo — A FARSA de GARCIA LORCA

AMOR DE D. PERLIMPLIM

SANDRO apresenta
Maria Della Costa
(PRÉMIO MELHOR ACTRIZ BRASILEIRA DE 1959)

MORAL EM CONCORDATA

ULTIMOS DIAS DO GRANDE SUCESSO

FIM DE FESTA

À BRASILEIRA!

UM AUTÊNTICO CARNAVAL

PREÇOS REBAIXADOS

AMANHÃ, MATINÉE A'S 16 H.
HOJE, ás 21.45

TEATRO CAPITÓLIO

ESP. 17 ANOS

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

TEATROS E CINEMAS

Teatro por novos para novos, no D. Maria II

O D. Maria apresentou ontem o seu primeiro espectáculo de «Teatro por novos para novos», em que estavam incluídas as peças. A menina Julia», de Augusto Strindberg, encenada por Jacinto Ramos, e «A sapateira prodigiosa», de Lorca, encenada por Varela Silva. Antes do mais, convém dizer que valeu a pena levar até ao final esta iniciativa simpática, corajosa até, embora nós esperassemos que nos moldes deste espectáculo estivesse implicita uma questão de qualidade, e não, apenas, um problema de mais ou menos juventude por parte dos encenadores, dos intérpretes e do publico. Mas, numa harmonia surpreendente, o publico elevou-se acima de si próprio com a digna interpretação de «A menina Julia», e desceu mais do que devia ao aplaudir, sem restrições, o novo atentado contra Federico Garcia Lorca cometido por Varela Silva na sua inverosimil encenação de «A sapateira prodigiosa».

Sem uma escola de encenação não é possível fazer encenadores perfeitamente preparados para a sua alta função e sem um teatro de qualidade não é de esperar que o publico ganhe consciência da sua presença. E', pois, necessário, olhar estes espectáculos como um verdadeiro princípio e desejar a sua continuidade para que se comece agora uma obra que há muito já devia estar feita.

«A menina Julia», de Strindberg, é uma peça tensa, de uma unidade exemplar, que se desenrola numa galopada ininterrupta até ao trágico final. Manifesto misógino, vive da fraqueza e da antipatia que a menina Julia conseguir fazer sentir e da altiva cobardia do criado João. Jacinto Ramos, que, justo é dizê-lo já, deu uma magnífica prova de si mesmo como encenador e intérprete, dividiu a acção em duas partes e imprimiu-lhe dois ritmos antagónicos, o primeiro próximo da comédia, e o segundo, demasiado perto do melodrama; assim, a tensão exigida pela tragédia não chega nunca a ser criada. A mesma falha se nota na interpretação, embora Jacinto Ramos e Lourdes Norberto consigam, mais de uma vez, dar-nos as personagens em toda a sua inteireza. No entanto, Jacinto Ramos não encontra a exacta ambiguidade do criado, que segundo próprio Strindberg, deve reunir a «brutalidade do escravo e a delicadeza de um aristocrata», e Lourdes Norberto não consegue sempre ganhar a altivez que a eleva, naturalmente, acima da sua condição de mulher (como diria também Strindberg) e do seu criado. O «hara-kiri» final é a coroação dessa dignidade e a libertação da sua inferioridade fisiológica.

Notável de exactidão, talvez excessivamente recortada, é Helena Felix na criação da moralizadora cozinheira. Nela, a luta de classes que atravessa toda a peça, encontra a mais absurda e paradoxal definição que o século de Strindberg começou a descobrir errada.

Os cenários de Sá Nogueira são limpos e acertados, mas precisariam de alguma agressividade para embalarem convenientemente a peça.

Decididamente, Lorca não tem sorte em Portugal. Mais uma vez, traiçoeiramente, se consumou ontem um atentado inacreditável contra a sua obra e contra o espírito mesmo que presidiu a toda a sua vida de artista espanhol. Para Lorca, a Espanha era algo de mais profundo do que uma simples «malagueña», um traje curto, um «frou-frou» de saias sevilhanas e um flamengo de «café-cantante». Para Lorca, a Espanha é uma poesia viril, um «canto jondo» sombrio, mas livre. Pois bem, Varela Silva, indo até contraindicações elementares do autor no texto da própria peça, deu-nos a mais incrível macaqueação de uma Espanha de pacotilha, pronta para exportação. Os trajos, o tom, o ritmo, a interpretação, tudo é falso, destruindo a densidade sublime que o poeta esconde atrás do mais saboroso lirismo popular. Todas as intenções são falseadas e até a pobre sapateirinha terna e irrequieta é transformada numa simples arruaceira. O sapateiro, esse, é um pequeno bobo, que ninguém será capaz de julgar digno do belo ardil que Lorca lhe reservou para o final da peça. Assim, não vale a pena.

Gina Santos é a tal sapateira e Raul de Carvalho o tal sapateiro.

As traduções de Redondo Junior e Carlos Wallenstein não têm a devida flexibilidade e colaboram muitas vezes, nos equívocos dos encenadores.

Se tivermos de votar, também, para os «Prémios Robles Monteiro», atribuiriamos com agrado o da encenação a Jacinto Ramos e teríamos pena de não poder, pelo «regulamento» do Prémio, atribuir o de interpretação a Helena Félix, no entanto, Lourdes Norberto é também capaz de o merecer.

A terminar, e se podermos ignorar a peça de Lorca, diremos que a série «O teatro por novos para novos» começou bem. Mas haverá muitos mais novos com direito a começar?

J. E. S.

FIM DE SEMANA

EM EXCELENTES CONDIÇÕES

Só no
Hotel Turismo da Ericeira
e Hotel Vale de Lobos

DIÁRIAS DE INVERNO

Esmerado serviço de
RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ

Informações e reservas pelos Telef. 25 e 130 Ericeira e 094846 e 094843

A temporada de ópera, em S. Carlos

E' difícil, senão impossível, calcularmos o que seria aquilo que sentiríamos, pensaríamos e faríamos perante factos e feitos idênticos, se em vez de termos já uma certa idade tivéssemos apenas uns vinte e poucos anos, se as coisas fossem novas para nós e não bastante conhecidas, se fossemos a um espectáculo como quem vai a um acontecimento raro. Contudo, há em nós um jogo de constantes e uma constancia de ideais que nos levam ano após ano a queixar-nos do mesmo ou a reclamarmos o mesmo, quase como se fosse por sistema ou por hábito. Ora, sistema ou hábito é que afiançamos que não é. Tomáramos nós que não nos tivesse parecido longo, cambaleante e frouxa a representação do «Lohengrin», de Wagner, escolhida para a estreia da temporada 1960 de ópera em S. Carlos. Não são as personagens principais que nos desiludiram; não é a genialidade do fenómeno teatral-musical wagneriano que negamos — se bem que cada vez nos apercebemos mais da megalomania que a afecta; e não seria justo negar o esforço da montagem, e denodo da direcção (Ale-

(Continua na 13.ª página)

ADULTOS. MAIORES DE 17 ANOS

UM TEMA ARROJADO

de OTTO PREMINGER

4.ª FEIRA no IMPÉRIO

MONUMENTAL

(MAIORES DE 12 ANOS)

A's 21,45 horas

HOJE

e

AMANHÃ

DESPEDIDA

da Companhia Brasileira

TEATRO

CACILDA BECKER

com a comédia de SUASSUNA

O SANTO E A PORCA

UM ÊXITO!

Amanhã, à tarde, às 16 horas

AVENIDA

ADULTOS, maiores de 17 anos

A's 21,45 horas

9.ª Semana

IRENE ISIDRO

NA FARSA

A MALA DA BERNARDETTE

COM

HENRIQUE SANTANA

E

HENRIQUE SANTOS

nos principais papéis

Amanhã, à tarde, às 16 horas

Casaroga

SEMPRE O MELHOR EM MUSIC-HALL

Telef. 23584

ADULTOS (Maiores 17 anos)

TODAS AS NOITES: ENCHENTES

A NOTÁVEL ATRACÇÃO ITALIANA

LES DONATI

EM BAILADOS ACROBÁTICOS

EM DANÇAS REGIONAIS PORTUGUESAS

CONSTANTE E O SEU CONJUNTO

E, AINDA, OUTROS GRANDES ÊXITOS

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

com os cantores ANTÓNIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO

EM BREVE:

UMA GRANDE ATRACÇÃO DE BAILE

E OUTRAS

NOTÁVEIS ESTREIAS

TIVOLI

Nos dias 11 e 12 de Janeiro, ás 18.30 horas

MARCEL MARCEAU

COM

PIERRE VERRY e ALEXANDRO

DOIS UNICOS RECITAIS

com programas diferentes

BILHETES À VENDA (Maiores de 12 anos)

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

TODAS AS NOITES, ás 21 e 45 (12 anos)—(O Teatro está aquecido)

E AOS SÁBADOS, EM TARDE POPULAR A PREÇOS REDUZIDOS

DIÁLOGOS DAS CARMELITAS

INTERPRETADO POR UM GRANDE ELENCO DE 27 FIGURAS

AMANHÃ, A'S 16 HORAS: REPETIÇÃO DO 1.º ESPECTÁCULO DO «TEATRO POR NOVOS, PARA NOVOS»

UMA PEGA 6$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO

PRAÇA DO AREEIRO, 11-D, no

BAR RIBATEJO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)

3.ª SEMANA

A aventura de Jean Lafitte que defendeu a Luisiania contra os Ingleses

O CORSÁRIO LAFITTE

com Yul Brynner, Charlton Heston e Claire Bloom

EDEN — Telefone 20768

15.30, 18.30 e 21.45

Adultos — 17 anos

Um filme de elevada categoria

DUAS MULHERES... ...DOIS DESTINOS!

com Kirk Douglas e Doris Day

Ele, demasiado tarde soube que a vida também era para amar!

ALVALADE — Telefone 763080

15.15, 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)

2.ª SEMANA

A heroica e generosa aventura de Jean Lafitte o ultimo dos corsários

O CORSÁRIO LAFITTE

com Yul Brynner, Charlton Heston e Claire Bloom

ODEON — Telefone 26283

15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

Uma acusação ás mães frívolas e aos pais ambiciosos

O CASO DE UMA ADOLESCENTE

com Martha Mijares e Raul Farrel

Eastmancolor

RESTELO — Telefone 610375

21.15 (M/17 anos)

Uma movimentada superprodução em Cinemascope

O TERROR DOS BÁRBAROS

com Steve Reeves

O PREÇO DA GLÓRIA

TIVOLI — Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/17 anos)

Gregory Peck e Deborah Kerr no já famoso filme de

A AMADA INFIEL

em Cinemascope — Cor de Luxe

Amanhã, ás 11 horas, Ses. Clás.: «Pandora» (M/17 anos)

POLITEAMA — Telefone 26305

15.15 - 18.15 e 21.30

3.ª semana triunfal

Um êxito como não há memória de outro tão sensacional

Um filme aplaudido em todas as sessões

RIO BRAVO

com John Wayne, Dean Martin, Richy Nelson e Angie Dickinson

Technicolor — (Maiores de 12 anos)

CONDES — Telefone 22523

18.15 (M/6 anos) e 21.30 (M/12 anos)

4.ª SEMANA

O fabuloso espectáculo em Cinemascope e Technicolor

O MAIOR CIRCO DO MUNDO

Victor Mature — Rhonda Fleming — Kathryn Grant — G. Roland

AVIS — Telefone 47163

15.30, 18.30 (p. r.) 21.45 (M/17 anos)

Um espectáculo picante, gracioso, hilariante e terno

JÚLIA... A RUIVA

com Pascale Petit e Daniel Gelin

CINEMA IDEAL — Telefone 24194

21.00 (M/12 anos)

UMA NAÇÃO EM MARCHA

Vistavision

ORGULHO CONTRA ORGULHO

ROYAL — Telefone 845037

21.00 (M/17 anos)

DESEJO SOB OS ULMEIROS

ALASCA

IMPÉRIO — Telefone 55134/5

15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

Ultimos dias

De boca em boca, corre a fama da mais graciosa comédia da época com Sophia Loren e Cary Grant

QUASE NOS TEUS BRAÇOS

— Technicolor —

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

Deborah Kerr—Rita Hayworth — David Niven — Burt Lancaster em

VIDAS SEPARADAS

Apenas uma vez na vida... um filme como este

ROMA — Telefone 727779

15.30, 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

Uma viagem maravilhosa através dos mais famosos Night-Clubs do Mundo

EUROPA DE NOITE

com Domenico Modugno, Carmen Sevilha e muitos outros astros

MONUMENTAL — Telefone 55131

15.15, 18.15 e 21.30 (M/12 anos)

A comédia mais delirante e inconcebível

EU SEJA CÃO!...

Aos preços do cinema normal

TERRASSO — Telefone 20917

21.00 (M/17 anos)

DA TERRA NASCEM OS HOMENS

CHEGOU A PRIMAVERA

L I Z — Telefone 48560

21.00 (M/12 anos)

O GRANDE INDUSTRIAL

AS RAPARIGAS DE IMMENHOF

CASINO ESTORIL

VIVA O CASAMENTO

21.00 (M/17 anos) c/ Anthony Perkins

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

O Sporting em Lisboa e o Benfica em Setúbal

factos salientes do princípio da segunda volta

Bom conjunto de jogos e perspectiva

de mudanças sensíveis na classificação geral

Amanhã, prossegue o «Nacional» da 1.ª Divisão, com o princípio da 2.ª volta, 14.ª jornada, e desde logo se apresenta a perspectiva do duo dos «guias» se dissociar, visto que um deles, o Benfica, se desloca a Setubal, onde ultimamente qualquer visitante tem deparado com bicudos problemas. A' perspectiva deve juntar-se a inquietação que a viagem do Guimarães a Evora suscita e a possibilidade que se depara aos campeões nacionais de melhorarem a respectiva classificação.

O calendário dos jogos é o que segue:

Benfica-Vitória de Setubal
Sporting-C. U. F.
Belenenses-Sp. Covilhã
Leixões-Atlético
Sporting de Braga-Boavista
Lusitano-V. Guimarães
F. C. Porto-Académico

EM SETUBAL — O Benfica (22 pontos) vai exibir-se no campo dos Arcos e, simultaneamente, vai deparar com uma série de inquietações, proporcionadas, como é óbvio, pelo Vitória de Setubal (10 pts.). Na época passada, registou-se um empate, mas o acontecido decerto não foi olvidado pelos «encarnados» que, no fundo, possuem capacidade suficiente para triunfar.

EM ALVALADE — Após o excelente empate, registado em Bilbau, os «leões» (22 pts.) recebem a C. U. F. (9 pontos). Os donos da casa petir a vitória da 1.ª volta.

NO RESTELO — O Sporting da Covilhã (14 pts.) desloca-se a Lisboa para enfrentar o Belenenses (17 pts.). Jogo que se afigura interessante e de despique emotivo. Os «azuis» podem vencer, mas experimentarão sérias dificuldades.

EM MATOSINHOS — O Lèixões (12 pts.) recebe a visita do Atlético (9 pts.). A forma revelada pelos Matosinhenses convida á concessão de um favoritismo amplo.

EM BRAGA — Os dois ultimos classificados defrontam-se e isso equivale a supor-se o pior para o Boavista (4 pts.), visto ser visitante. O Sporting de Braga (7 pts.) pode distanciar-se do seu antagonista.

EM EVORA — O Vitória de Guimarães (18 pts.) terá de defender o seu 3.º lugar perante um Lusitano (10 pts.). Os eborenses, em ambiente favorável, constituem um sério obstáculo.

NAS ANTAS — O F. C. Porto e a Académica, ambos com 14 pontos, devem repetir a vitória da 1.ª volta. curioso. Os campeões nacionais terão de produzir uma manobra ofensiva, simples e prática. Caso contrário, os «estudantes» podem causar apreensões.

As formações prováveis

VITORIA F. C. — Mourinho; Soares e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Sidney; Inácio, Bira, Mendonça, Miguel e Pompeu.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Saraiva, Artur e Cruz; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém.

Arbitro: Braga Barros, de Leiria.

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Julio, Morato e Mendes; Hugo, Faustino, Fernando, «Vadinho» e Seminário.

G. D. da C. U. F. — Gama; Abalroado e José Luís; Oliveira, Palma e Orlando; Gastão, Faia» (ex-Barreirense), Pedro Silva, Salvador e Uria.

Arbitro: Samuel de Abreu, de Santarém.

BELENENSES — José Pereira; Moreira e Carlos Silva; Marciano, Paz e Vicente; Yauca, Matateu, Dimas, Vítor Silva e Tonho.

SPORTING DA COVILHA Rita; Helder e Couceiro; Martinho, Lourenço e Lãzinho; Manteigueiro, Pires, Suarez, Ilo Caldas e Amilcar.

Arbitro: Francisco Guerra, do Porto.

LEIXÕES S. C. — Rosas; Pacheco e Raul II; Ventura, Raul I e Carlos Alberto; Medeiros, Osvaldo, «Jaburu», Oliveira e Nunes.

ATLETICO — Ramin; Ferreira e Nunes; Germano, Orlando e Coelho; Angeja, Gomes, Tomé, Bispo e Tito.

Arbitro: Diogo Manso, de Braga.

SPORTING DE BRAGA — Faria; Armando e José Maria; Passos, Calheiros e Pinto Vieira; Velez, «Livinho», Caraballo, Mendonça e Silvio.

BOAVISTA — Levi; Franco e Serafim; Alcino, «Manero» e Campos; Garcia, Monzon, Adriano, Guilherme e Germano.

Arbitro: Edmundo Carvalho, de Aveiro.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Pisca, Falé e Vicente; Palmeiro Antunes, Joab, Caraça, José Pedro e Fialho.

VITORIA S. C. — Pinho; Caiçara e Abel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Romeu, Celu, Edmur e Azevedo.

Arbitro: Jaime Pires, de Lisboa.

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Roberto, Paula e Monteiro da Costa; Morais, Teixeira, Noé, Montaño e «Humaitá».

ACADEMICA — Maló; Araujo e Mesquita; Malícia, Wilson e Torres; Duarte (Gaio), Miranda, Curado, Chipenda e Rocha.

Arbitro: Amadeu Martins, de Braga.

PROVAS DA A. F. L.

Os 40 jogos de amanhã

A A. F. L. reservou para amanhã mais uma jornada de intensa actividade, que já no domingo seguinte se não repetirá, pois termina amanhã o Campeonato Distrital da 1.ª Divisão (10 encontros).

Eis o programa:

Campeonato Distrital da 1.ª Divisão — Vilafranquense-Vitória, em Vila Franca de Xira; Operário-Sintrense, em Chelas; Casa Pia-Desportivo dos Olivais, em «Pina Manique»; Alhandra-Futebol Benfica, em Alhandra; Alverca-Sacavenense, em Alverca — todos ás 13 e 15 horas — respectivamente, em «reserva» e «honra».

Campeonato Distrital da 2.ª Divisão — Palmense-Ericeirense, em Palma; E. Amadora-U. Povoense, na Amadora; Santa Iria-Vialonga, em Santa Iria; Fanhões-Charneca, em Fanhões; Castelo-Odivelas, na Picheleira — os três primeiros ás 15 h. e os dois ultimos, ás 15 e 30 h.

Campeonato Distrital da 3.ª Divisão — Série A — Cascalheira-Oeiras, no campo de Sacavém; Algés-Bairro de Inglaterra, no campo António Estêvão Simões Alves; Linda-a-Velha-Carcavelos, no Estádio Nacional (treinos «duro»); Alto da Eirá-Bom Sucesso, no campo da Tapadinha (treinos).

Série B — VilaVerde-Queluz, no campo Afonso Araujo de Sommer; Murcifalense - Montelavarense, no campo do Marcador; 1.º Dezembro-Belas, no campo Conde de Sucena; Cacém-Malveira, no campo Marquês de Pombal.

Série C — P. Loures-Camarate, no campo Major Arsénio Rosa Bastos; Caneças-Tojal, no campo da Lapa; P. Frielas-Povoense A. C., no campo do Bonjardim; Castanheira-Loures, no campo de São João; Zambujalense-Bucelenses, no campo Conde de Mendia.

Todos os jogos se efectuam ás 15 e 30 horas.

Campeonato Distrital de Juniores da I Divisão — (2.ª fase) — Série A — Atlético-Belenenses, no campo da Tapadinha, ás 10 e 30 h.; Benfica-Vilafranquense, no Campo Grande, ás 10 h.

Série B — Casa Pia - Oriental, no Estádio «Pina Manique» (treinos), ás 11 h.; Sporting-Estoril, no Estádio «José Alvalade» (treinos), ás 10 e 30 h.

Campeonato Distrital de Juniores da II Divisão — Série A — Vitória-Operário, no campo do Vitória, ás 10 e 30 h.; Cascalheira-Tarujense, no campo José Ramos, ás 9 e 30 h.; Santa Catarina-Mirantense, no campo Alfredo Marques Augusto, ás 10 e 30 horas.

Série B — Cascais-Carcavelos, no campo Guilherme Salgado; Sintrense-Cacém, no campo Manuel Soares Barreto; F. Benfica-Amadora, no campo Francisco Lázaro. Todos ás 10 e 30 horas.

Série C — Sacavenense-União Povoense, no capo de Sacavém, ás 10 e 30 horas; Camarate-D. Olivais, não se efectua por falta de comparência da equipa do Clube Desportivo dos Olivais. Odivelas-Alverca, no campo Diogo José Gomes, ás 10 e 30 horas.

HOJE À NOITE

BADMINTON — «Regional» da 1.ª Divisão. No Ginásio da Escola Nuno Gonçalves: Sporting-Técnico e Benfica-Direito. No Gil Vicente: Lisboa Ginásio-Triangulo Vermelho.

Para o torneio da 2.ª Divisão: Técnico-Sporting e Oriental-Banco de Angola, no Ginásio do Técnico. Ás 21 horas, começam os primeiros encontros.

BASQUETEBOL — No ginásio do Técnico, ás 22 horas, defrontam-se o Oriental e o Técnico para o campeonato da 1.ª Divisão.

COLUMBOFILIA — Nos salões do Clube Estefania, ás 18 horas, inauguração da exposição dos pombos-correios campeões da campanha de 1959.

O Congresso da Federação realiza-se ás 20,30 horas para a apreciação do relatório e contas da gerência e eleição dos novos corpos gerentes.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Nos terrenos anexos ao campo de treinos do Estádio Nacional, realiza-se ás 10 e 15 horas, o campeonato regional de principiantes de corta-mato, na distancia de 5.000 metros.

Haverá, ás 11 horas, uma prova extra para juniores e seniores, na distancia de 8.000 metros.

BASQUETEBOL — A A. B. L. marcou para amanhã os seguintes encontros:

3.ª Divisão — Campolide-Lisgás (2.ª cat.), no Liberdade, ás 10 h.; E. Física Lisgás, em T. Vedras (1.ª cat.), em T. Vedras, ás 11 horas.

Juniores e infantis — Belenenses-Liberdade, no Restelo, ás 9 e 30 e 10,30 h.; Benfica-Nacional, no C. Grande, ás 9,30 e 10,30 h.; Sporting A-Queluz (inf.), no Passadiço, ás 10,30 h.; Moscavide-Ateneu, (I), nos Olivais, ás 10,30 h.; L. Ginásio-Casa Pia (J), em S. Gens, ás 11 h.; Paço de Arcos-C. D. U. L. (J), em Paço de Arcos, ás 9,30 horas.

DESPORTO CORPORATIVO — Continua o 18.º Campeonato de Futebol da F. N. A. T., com os seguintes encontros:

Em Alvalade — F. Simões-Celcat (2.ª Div. B), S. C. Guérin-Comp. Carris (1.ª Div.) e F. C. Regina-TAP (2.ª C.), respectivamente, ás 9, 11 e 13 horas.

Em Belém — S. N. Panificação-B. Carenque (2.ª C.) e A. Gaudêncio- C. M. Cascais (2.ª B), ás 9 e 11 horas.

Na Picheleira — C. Telefones-Carris (2.ª C.) e C. Telefones-Refinaria (1.ª), ás 9 e 11 horas.

Em Sacavém — F. L. Sacavém-F. C. Regina (1.ª Div.), ás 10,15 h.

Em Cascais — Org. T. Santos-Simca (2.ª B), ás 15 horas.

HANDEBOL — Começa o campeonato de juniores, com os seguintes desafios: Benfica-Sporting A, Madre de Deus-Liberdade F. C. e Monte Pedral-Paço de Arcos, no rinque da Madre de Deus, ás 9, 10 e 11 horas; Ávila-C. Ourique, Belenenses-Ginásio do Sul e Glória-Sporting B, em C. Ourique, ás 9, 10 e 11 horas; Cova da Piedade-Mouraria e Oriental-Almada, em Almada, ás 9 e ás 11 horas.

HÓQUEI EM CAMPO — Começa o Campeonato de Lisboa, com os seguintes encontros: S. F. Palmense-Belenenses, em Palma, ás 11 horas; Futebol Benfica-Atlético C. P., no campo «Francisco Lázaro», ás 14 horas (res.) e ás 15 e 30 horas (honra).

RAGUEBI — Prossegue o campeonato nacional com os seguintes encontros: Agronomia-Benfica, Belenenses-C. D. U. L. e Sporting-Académica — nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar — ás 11 horas, os dois primeiros, e ás 9 horas, o ultimo.

TÉNIS DE MESA — O Campeonato de Lisboa, de infantis, retoma o seu curso com os seguintes encontros, ás 10 horas, nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar:

Série A — Musical União-Benfica B, Ateneu-Arroios A, C. Católico A-Belenenses A e Paço de Arcos-Mirantense.

Série B — Arroios B-Sporting, Belenenses B-Benfica A, E. Amadora-Estoril e F. C. Lisboa-C. Católico B.

TIRO A CHUMBO — No «stand» do C. P. T. C., no Lumiar, provas de «skeet» (25 pratos) e aos pombos (5 pombos), a partir das 15 h.

— Será esta a «canção» da próxima semana ?...

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

O Peniche e o Barreirense

não devem perder amanhã a invejavel posição de "guias"

Começa amanhã a «reprise» do campeonato nacional da 2.ª Divisão. Por outras palavras: principia a segunda volta do importante certame. Os vencedores das Zonas continuam longe de se descortinar e os clubes de menores possibilidades não desesperam, ainda, de se safarem da zona perigosa.

Os jogos da Zona Norte

O programa da 14.ª jornada da Zona Norte apresenta-se assim:

Peniche-Beira Mar (0-1)
U. Coimbra-Salgueiros (0-1)
Marinhense-Vila Real (1-6)
Chaves-Torriense (4-3)
Caldas-Acad. Viseu (3-1)
Sanjoanense-Vianense (1-0)
Espinho-Oliveirense (1-2)

Entre parentesis indicam-se os resultados dos jogos da 1.ª volta.

Quatro dos visitados — Peniche, U. de Coimbra, Marinhense e Sporting de Espinho — aguardam os jogos de amanhã com o pensamento na desforra. Na verdade, só o Marinhense, dada a maneira expressiva como foi vencido na «ronda» de abertura, e o União de Coimbra pela diferença de valor que o separa do adversário, parecem com tarefa dificil. O Peniche e o Sporting de Espinho devem conseguir os seus desejos.

Os outros três visitados — Chaves, Caldas e Sanjoanense — merecem favoritismo. Quer dizer: devem repetir os triunfos da primeira jornada da prova.

Os desafios da Zona Sul

O programa da Zona Sul apresenta-se assim:

Barreirense-Olivais (1-2)
Lusitano V. R.-Oriental (0-3)
Arroios-Portimonense (0-7)
Montijo-Estoril (4-0)
Almada-Olhanense (0-2)
Farense-Serpa (1-1)
Beja-Juventude (0-3)

Entre parentesis indicam-se os resultados dos encontros da 1.ª volta.

O guia da classificação — o Barreirense — recebe a visita do Olivais, para um ajuste de contas. O desejo de desforra é bem claro e não parece que seja dificil realizá-lo.

Mais dificil se apresenta a pretensão do Oriental, cuja deslocação a Vila Real de Santo António é, sobremodo, dificil. Aos Lisboetas exige-se aplicação constante, sem o que a vitória será muito problemática.

O Arroios e o Estoril defrontam, também, equipas da província e o forte desejo de triunfarem não parece, só por si, bastante para lhes dar o triunfo.

Relativamente ao jogo de Almada admite-se que os locais constituam adversário dificil para o Olhanense. O Farense e o Desportivo de Beja merecem favoritismo.

HOMENAGEM

a um funcionário

SANTAREM, 9 — (Pelo telefone) — Por ter sido promovido, vai ser colocado na delegação em Leiria, do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, que é de 1.ª classe, o dr. António Amaral, que há alguns anos era delegado daquele organismo neste distrito.

Pelas 18 horas de hoje, numa das salas da Delegação, com a presença dos dirigentes dos organismos corporativos, ser-lhe-á oferecida uma lembrança; ás 20 horas, num dos salões do Hotel Central, haverá um banquete de homenagem, presidido pelo governador civil do distrito, com a presença do presidente da Comissão Distrital da União Nacional, do presidente da Junta do Distrito e de muitas outras individualidades.

Uma festa na Guarda

para os filhos dos sargentos

GUARDA, 9. — A Corporação dos Sargentos desta guarnição levou a efeito a sua tradicional festa, dedicada aos seus filhos, que se realizou no refeitório do quartel do Batalhão de Caçadores 7, tendo presidido o sr. major Abílio de Matos Pacheco, comandante militar. Falou sobre o significado da festa o 1.º sargento Abel Costa, tendo agradecido o sr. comandante, que saudou a Corporação e louvou a sua iniciativa.

No final foram distribuidos brinquedos ás crianças, bem como uma merenda.

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN
GELADINHO

O «REGIONAL» DE BASQUETEBOL

O Benfica derrotou o Sporting após um jogo quezilento (47-26)

Liberdade, 43-Atlético, 16
Tabacos, 31-Nacional, 32
Belenens., 59-C.A.C.O., 27

Mais uma jornada e eis-nos no termo do Campeonato Regional de Basquetebol da Divisão de Honra, o torneio mais importante do distrito de Lisboa e, que, na verdade, reune os principais valores individuais da modalidade, o lote donde sairá a base da equipa nacional.

O Benfica, já campeão e que foi recebido ao entrar no rectangulo de jogo pelos seus numerosos adeptos ao som de gaitas e estalinhos, roletas, fitas carnavalescas e outros objectos barulhentos, disputou com o Sporting uma partida (se é que se pode chamar jogo ao que nos foi dado observar) que mais vale esquecer para sempre.

Os «leões», que jogavam também sem qualquer preocupação aparente, pois o resultado da partida em nada influiria nas posições de ambos os contendores, não foram mais precisos e mais brilhantes do que o adversário.

O encontro, que devia revestir-se de uma beleza sem par, redundou numa partida quizilenta, verdadeiramente insípida e desagradável.

Desde os jogadores, que a maioria das vezes se perderam em verdadeiras «loucuras» (correrias, passagens mal feitas, cortinas incompletas, lançamentos sem precisão, passes, transportes de bola, etc.), contrárias a toda a ideia colectiva, até aos juizes da partida, que se impressionaram com o barulho dos adeptos, a acção foi mais negativa do que positiva.

As duas expulsões, a 1 minuto do fim da primeira parte, de Layne, do Sporting, e Julio Campos, do Bemfica, com o marcador em 18-15 a favor dos «encarnados» e ainda as três desclassificações (José Alberto, do Benfica, aos 33-21, favorável ao seu clube; Garrancha, do Sporting, aos 43-24; e Barreto, dos «leões», aos 47-24, a favor do Benfica), atestam bem a maneira como se desenrolou a partida.

Houve rudeza a tocar, por vezes, a deslealdade, facto que empanou o desenrolar do encontro. Os grupos tomaram caminhos errados, complicando o que de singelo se pedia. A baixa marcação (20-15 na primeira parte e 47-26 no final) ilustra, por outro lado, a decadência dos jogadores nos encestamentos.

A história do jogo, o mais barulhento do campeonato, conta-se ràpidamente: bom começo dos «leões», que avançaram no marcador até serem alcançados e ultrapassados, aos 12-11. Contra-ataques dos «encarnados», apoiados com lançamentos de meia-distancia, facto que veio, afinal, a ditar o triunfo para os benfiquistas, principalmente no decorrer do segundo tempo.

A luta de tabelas, enquanto Layne esteve em jogo, pendeu sempre para o Sporting. Barreto, enquanto não foi tocado no seu amor-próprio (duas faltas que lhe foram assinaladas foram duvidosas), defendeu magistralmente.

No Benfica, Pires, com uma mão extraordinária, resolveu todos os problemas que os seus companheiros, por vezes, lhe criaram, como «capitão» da equipa. José Alberto «sentiu» a partida e enervou-se com as decisões dos juizes, que não lhe perdoaram o mais ligeiro deslize. Coelho, pela primeira vez, quis para si a bola e de tal forma se «embrulhou» com ela que não merece nota positiva. Furtado, no seu angulo e sem adversário á ilharga, é um bom marcador de meia-distancia. José Mário, do Sporting, salvou-o da mediocridade, dois apontamentos que deram quatro pontos á sua equipa. O «estilo» de Carvalho não está ainda talhado para a equipa dos «leões», que passa por um período grave na sua carreira.

A vitória dos «encarnados» é de aceitar pelo empenho que puseram nas jogadas, vibrando e vivendo mais intensamente a partida.

Nos restantes encontros da ronda, o Liberdade, que se fixou no quarto lugar da classificação geral, jogou excelentemente contra uma equipa já condenada á baixa de Divisão — o Atlético. Com uma primeira parte estonteante, alcançou ràpidamente vantagem no marcador, a ponto de ao intervalo ter já 16 pontos á maior (23-7). Os alcantarenses, quebrados e desinteressados, limitaram-se, na segunda parte, a reter um pouco a bola, facto que também não apoquentou o vencedor. No fim: Liberdade, 43-Atlético, 16.

O Nacional, que esteve mais de dois terços da duração da partida na mó de baixo, conseguiu com um final entusiástico ultrapassar no marcador o Tabacos, ganhando a partida apenas por um ponto de vantagem. Ao intervalo, o vencido tinha três pontos á maior no registo da marcação (15-12).

Finalmente, o Belenenses derrotou com facilidade o Campo de Ourique, impondo-se desde o início. Ao intervalo, os «azuis» ganhavam por 25-16 e no fim marcaram 59-27.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	Marc.	P.
Benfica ..	13	13	—	—	731-437	39
Belen. ...	13	10	—	3	686-505	33
Sporting .	13	8	—	5	621-533	29
Liberd. ...	13	7	—	6	520-568	27
C.A.C.O. .	13	5	—	8	497-681	23
Nacional .	13	4	—	9	455-570	21
Tabacos ..	13	3	1	9	520-666	20
Atlético .	13	1	1	11	397-603	16

BEBA BARRITOS
VERMUTE NACIONAL

A gripe "fria" grassa na Itália

NÁPOLES, 9. — Mais de 20.000 Napolitanos foram já atacados pela «gripe fria», nome dado á presente epidemia de gripe que alastra em várias regiões de Itália.

O chefe dos serviços sanitários da província de Nápoles, dr. Mário Zecca, tomou as precauções profilácticas convenientes para debelar a propagação da epidemia. Todas as pessoas que em virtude da sua actividade estão em contacto com o publico foram vacinadas. Os veículos dos transportes colectivos e as escolas setão a ser desinfectados. — (F. P.).

CHEGA AMANHÃ

o ministro alemão da Defesa

E' esperado amanhã, ás 13 horas, em avião militar do seu país, o ministro da Defesa da Alemanha Ocidental, que se desloca a Portugal a convite do sr. general Botelho Moniz, que, como os ministros da Marinha e do Exército e os subsecretários de Estado da Aeronáutica e do Exército e outras altas individualidades militares, aguardará, no aeroporto da Portela de Sacavém, o dr. Franz Josef Strauss.

Aquele membro do Governo alemão, que permanecerá no nosso País até ao domingo 17, em várias conferências com o ministro português da Defesa e visitas de carácter militar e turístico, será recebido depois de amanhã, á tarde, pelos srs. Presidentes da Republica e do Conselho.

A CIDADE

Caso do dia

O sr. Martins resolveu ir dar um passeio ao Aeroporto e convidou a acompanharem-no dois amigos que gostosamente aceitaram.

Tão bem começado, porém, o passeio não tardou a complicar-se. Foi quando o amável chefe da expedição encontrou um guarda a barrar-lhe o caminho que ele, eufórico, ia abrindo aos que o seguiam. Era uma escada vedada ao publico. Mas o sr. Martins já a subira sem que ninguém lhe opusesse quaisquer obstáculos.

O guarda, inamovível, severo, opõe-se. Vai o Martins mete-se por outro lado. O mesmo agente da autoridade lhe surge pela frente e agarra-o por um braço.

O Martins debate-se e protesta:

— O senhor é mau!

O guarda não se comove. Então o Martins pede socorro e paradoxalmente grita:

— Ó da guarda!

Acode um empregado do Aeroporto, a quem o Martins implora que o acompanhe até á esquadra, para onde o querem levar, pois tem medo da ferocidade daquele polícia. Dito e feito. O guarda aceita a sugestão, mas durante o trajecto, o Martins, sentindo-se de novo forte, diz-lhe que aquilo não há-de ficar assim...

Resultado: foi condenado no Tribunal de Polícia, por insultos e ameaças á autoridade, em 18 dias a 15$00 diários e 50$00 de imposto, sendo-lhe levados em conta dois dias de prisão.

Pela Polícia

O ETERNO VIGÉSIMO PREMIADO — Pela 8.ª secção da Polícia Judiciária foi remetido a juizo um processo em que António dos Santos Nunes e Manuel Gonçalves da Graça são acusados de em Setembro do ano passado terem burlado pelo conhecido «conto do vigário por meio do vigésimo premiado», Francisco Pedro Pereira, de Vila Real de Santo António, que aqui se deslocará para tirar a carta de motorista.

Os arguidos, já com várias prisões pelo mesmo crime, o ultimo dos quais preso em regime de medida de segurança, conseguiram que o Francisco lhes entregasse a quantia de 2.800$00, que trazia para custear a citada carta de motorista, convencendo-o de que o vigésimo da lotaria que lhe passaram para as mãos, a fim de ser rebatido tinha sido premiado com 20.000$00.

PRESOS POR FURTO — Brigadas móveis da Secção Central localizaram e detiveram Rogério Gouveia Talharim, bate-chapas, de 23 anos de idade; Licínio Resende Marques Freire, empregado de escritório, de 19 anos de idade e José Mário Nunes, de 32 anos de idade, motorista de praça, os quais praticaram vários furtos por arrombamento em estabelecimentos desta cidade, e cujo valor atinge algumas dezenas de contos.

A Polícia Judiciária conseguiu apreender grande parte dos artigos furtados, na sua maioria aparelhos de telefonia, ferros eléctricos e máquinas de barbear eléctricas, tendo a maioria sido vendida a particulares, por Valentim Alves Godinho Dias, «O Tide», que também se encontra detido nos calabouços desta Polícia. Nalguns dos furtos praticados tomaram parte um indivíduo de nome Julio e José Correia dos Santos o «Carlos» ou o «Tirol», tipógrafo, de 18 anos de idade, que residia na Avenida Almirante Reis, 62, 5.º, esq.º se ausentou para parte incerta, ao saber da prisão dos seus companheiros, pelo que se procede a diligências para a sua captura.

Pelos hospitais

DESASTRE DE MOTO — Deram entrada na sala de observações do Hospital de S. José o caixeiro-viajante José Manuel Latas, de 42 anos, e o seu filho, Vitor Manuel, de 13 anos, moradores em S. Domingos de Rana, que chocaram com uma camioneta de passageiros, perto de Carcavelos, quando seguiam de moto, ficando muito contusos na cabeça e corpo.

Quem perdeu?

Na secção administrativa da P. S. P. (Governo Civil) encontram-se depositados os seguintes objectos achados ontem em Lisboa: um porta-moedas com uma importancia em dinheiro; dois pares de cuecas para criança; relógio de pulso para senhora; pulseira de ouro achada num estabelecimento do Chiado; bilhete de identidade de António José Lourenço da Silva; cédula de Vitor Manuel Lopes Ferreira; cartão de José Pereira; cautela de penhor de gabardina; cartão de Francisco Varão; duas radiografias de Maria Emília Avelino; capa para guarda-chuva; carteira de Maria do Carmo Gonçalves; dois porta-moedas; tampão para roda de automóvel; três pares de luvas; argolas com chaves; e várias chaves.

Também no Sindicato Nacional dos Motoristas se encontra o seguinte: mala com borracha para água e peugas; gabardina de homem; dois chapéus de chuva; mala de mão para senhora, com aneis e fio de ouro, porta-moedas e esferográfica; uma sombrinha preta, com ponteira de metal.

Não corre risco de cair a ponte de D. Luís sobre o rio Douro

PORTO, 9.—Corre nesta cidade um alarme absurdo. Diz-se (nem mais nem menos) que a ponte D. Luís ameaça cair e que, para evitar a sua queda, as autoridades se empenham em complexas obras.

O que acontece, porém, é apenas o seguinte: A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais mandou proceder a profundas obras de consolidação de muros de suporte numa vasta área a poente da Muralha Fernandina, assim como á consolidação da base em que a mesma assenta, em quase toda a extensão da alcantilada escarpa dos Guindais, a ocidente da mesma muralha, em terrenos municipais. A Camara não colabora nesse esforço, o que profundamente estranhamos, até porque já ali perderam vidas e haveres habitantes deste burgo. Se a Muralha Fernandina assenta, por um lado, em terreno do Estado, também é certo que por outro assenta em terreno municipal.

A cautelosa e acertada medida das autoridades em suspender todo o movimento de pessoas e veículos no tabuleiro inferior da ponte não se teria tomado, se a entrada da mesma pelo lado do Porto não estivesse ao alcance da queda de pedregulhos da referida escarpa dos Guindais. Isto quer sòmente dizer que, se no mesmo sítio estivesse uma igreja, uma escola ou um mercado erguidos em terra firme se teriam tomado idênticas medidas de protecção, não só em relação aos edifícios, como ás pessoas que os frequentassem

Os que dão crédito ás referidas patranhas, ignoram que tanto a ponte de D. Luís como a de D. Maria Pia, por onde se faz todo o movimento dos comboios entre o Norte e o Sul, são, constantemente, vigiadas por técnicos do Laboratório da Engenharia Civil, que têm variadíssimos pontos balizados, onde constantemente se fazem medições e cálculos.

A visita do ministro do Interior

Chegou, ontem á noite, a esta cidade o sr. coronel Arnaldo Schulz que era aguardado na estação das Devesas pelos srs. dr. Elísio Pimenta e coronel Santos Junior, comandante da Polícia e oficialidade. O ministro do Interior, que vinha acompanhado pelo seu chefe de gabinete e secretário particular, instalou-se no Hotel Infante de Sagres. Esta manhã aquele membro do Governo, acompanhado pelo presidente do Município, engenheiros e técnicos camarários visitou o bairro Fernão de Magalhães, a via de cintura interna entre a Avenida Fernão de Magalhães e a Rua do Relógio, o bairro de moradias populares do Outeiro, os bairros de Agra do Ameal, Carriçal e Carvalhido, os acessos á Ponte da Arrábida e o bairro da Pataleia.

Ao visitar uma casa do bairro do Carvalhido, onde vive uma família realojada de uma «ilha», o ministro verificou que a habitação estava quase totalmente desprovida de móveis e ordenou ao seu secretário que providenciasse no sentido de se conseguir os trastes indispensáveis para o quarto de uma criança em idade escolar, que dormia numa enxerga.

A's 14 e 30 o ministro presidiu ao festival no Estádio das Antas realizado pelo comando da Polícia e dedicado á sua ultima escola de alistados, estando também presente o comandante-geral da corporação, coronel Marques de Oliveira que chegou a esta cidade cerca do meio dia, vindo de Braga.

As chamadas de Troncas foram simplificadas

A partir da meia-noite de hoje são da maior simplicidade as chamadas telefónicas denominadas de «Serviço Regional» (arredores do Porto), limitadas pelas áreas de Espinho, Trofa, Baltar, Vilar do Pinheiro, Gondomar, Paços de Brandão, etc., cujas ligações os assinantes obterão marcando no automático os respectivos numeros, portanto sem a intervenção da telefonista que até agora atendia ao marcar-se o numero 9.

Nessa conformidade, entra em serviço a nova lista n.º 79, a qual, apesar de todas as suas deficiências, imperfeições, omissões e erros, é indispensável utilizar, pois todos os numeros foram profundamente alterados, o que vem contribuir para uma maior perturbação até nos serviços da própria companhia.

Empregado infiel

O pracista Manuel António Martins de Castro, de 42 anos, morador na Rua do Pinheiro, em Ermezinde, enquanto esteve empregado na firma Maciel & Ribeiro, Lda. recebeu de clientes 30 608$60 que gastou em proveito próprio.

Julgado agora em colectivo no 2.º Juízo Criminal, foi condenado em 2 anos e 3 meses de prisão maior, 3 meses de multa a 30 escudos por dia e mil de imposto de Justiça.

Condenado em pena maior

Por ter furtado, por diversas vezes, alguns milhares de litros de azeite, em valor superior a 26 contos, num armazém em que esteve empregado e onde entrou com chaves ali roubadas, foi condenado no Tribunal Criminal em dois anos de prisão maior, 3 meses de multa a 30$00 por dia, 1 000$00 de imposto de justiça, o empregado comercial Manuel Ferreira, de 26 anos, morador na Rua da Cedofeita, 8. O empregado do mesmo armazem Manuel Ferreira Alves, de 22 anos, que o auxiliou nos furtos, foi condenado em 18 meses de prisão, 3 meses de multa a 30 escudos e mil de imposto de justiça.

Atropelado por um automóvel

Deu entrada no Hospital da Misericórdia em estado grave Mário Fernando Sousa e Silva, de 23 anos, cuja residência se desconhece, que foi atropelado na Rua da Constituição por um automóvel conduzido por Fernando Silva Santos, morador na Rua de Pena Ventosa.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45. A revista «Isto é delas».
NUNO ALVARES — As 21 e 30 — «O Crime da Aldeia Velha».
RIVOLI — Às 15 e 30 e 21 e 45 — «Maxim».
COLISEU — A's 21 e 30 — «O amorzinho da minha vida».
S. JOÃO — Às 15 e 30 e 21 e 30 — «Agente secreto n.º 1».
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Rumo Tóquio».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O primeiro amor de Schubert».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Kasin, o Bandido».
VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «A Ultima Verdade».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30— «A volta ao Mundo em 80 dias».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «Barqueiro do Volga».

FOI INAUGURADA a 2.ª esquadra da P. S. P. de Braga

BRAGA, 9. — (Pelo telefone). — O comandante-geral da Polícia, coronel Marques de Oliveira, procedeu esta manhã á inauguração da 2.ª esquadra da P. S. P., instalada no edifício do antigo Hospital Militar, á Rua de Camões.

Aquele oficial chegou ao edifício por volta das 9 horas e, depois de ter passado, revista a uma companhia da P. S. P., foi recebido no gabinete do comando distrital, pelo cap. Euclides de Barros, que o saudou. Depois de visitar as instalações o coronel Marques de Oliveira dirigiu-se á nova esquadra e, tendo percorrido todas as dependências do edifício, procedeu á sua inauguração.

No final do acto, o comandante-geral seguiu para Guimarães e mais tarde para o Porto.

AÇORDA DE SÁVEL
FAMOSO PRATO
do Ribatejano de Salvaterra

Depois do jantar
visite as nossas montras
CASA MAX
193-A — R. D. Estefania — 193-F

O ministro das Finanças visitou esta manhã o Banco de Fomento

O ministro das Finanças visitou esta manhã a sede do Banco de Fomento Nacional que há dias abriu as suas portas ao publico e começou a sua actividade.

Recebido pelo governador do Banco, sr. dr. Simões de Almeida, e pelos restantes membros do conselho de administração, o sr. prof. dr. António Pinto Barbosa visitou as instalações do novo estabelecimento de crédito, interessando-se pelas suas condições de funcionamento.

Após a visita, aquele membro do Governo, reuniu-se com o conselho de administração do Banco, com cujos componentes trocou demoradas impressões, acerca da forma como a nova instituição vai exercer a sua actividade, num domínio que interessa particularmente ao progresso do País.

UM QUADRO de Salvador Dali sobre a chegada de Colombo à América

NOVA YORK, 9. — «Cristóvão Colombo descobre a América» — é o título do ultimo quadro de Salvador Dali, que vai ser apresentado na terça-feira, em reunião particular, aos críticos norte-americanos.

O quadro será apresentado por Huntington Hartford, na Sala das Tapeçarias da Companhia de Arte Francesa. Salvador Dali assiste á apresentação do seu trabalho, que é de maiores dimensões de quantos pintou até hoje: mede cerca de 3 metros e 60 por 4 metros e 20.

Estão igualmente convidados para o acto da apresentação da obra os representantes do clero e vários elementos do mundo artístico norte-americano.

Hartford encomendou o quadro a Salvador Dali para figurar entre as obras da «Galeria de Arte Moderna» do «Circulo de Colombo» desta cidade, de que é fundador, e que deve estar concluida em 1962. — (A. N. I.).

O «RÁPIDO» PARIS-BASILEIA escapou por um triz a uma tentativa de sabotagem

PARIS, 9. — Descobriu-se um acto de sabotagem na bifurcação de linhas de caminho de ferro em que os comboios tomam ou a direcção de Basileia ou a de Paris. Em três agulhas tinham sido colocadas peças metálicas, de tal maneira que parece tratar-se de trabalho de profissionais. A sabotagem descobriu-se a tempo de desviar o «rápido» Paris-Basileia. — (F. P.).

Joias Antigas e Modernas

compramos pelo mais alto preço
G. OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

A inauguração da temporada da ópera, no S. Carlos, foi assinalada com a presença do Chefe do Estado, que ocupou com sua esposa o camarote lateral reservado ao Presidente da Republica

Os acontecimentos dominantes da vida da Meca do cinema durante o ano que findou

HOLLYWOOD, 9 — Os acontecimentos que marcam na vida de Hollywood — casamentos, divórcios, mortes e romances — repetiram-se no ano passado com a frequência habitual.

A história numero um do ano foi o caso romance-divórcio-casamento de Debbie Reynoldes-Eddie Fisher-Elizabeth Taylor.

Um acontecimento importante foi a visita do primeiro-ministro Nikita Kruchtchev.

Um filme — o «Ben-Hur» — custou 15 milhões de dólares e conseguiu, além do «record» das despesas, um «record» de bilheteira.

Divórcios e separações continuaram com a abundancia habitual: Terry Moore, Marlon Brando, Joan Caufield, Vera Miles, Jim Arness, Deborah Kerr, Ernest Borgnine, May Britt, Vic Damone, Arlene Dahl, Sammy Davis, Glenn Ford, Betty Hutton e Efrem Zimbalist Filho.

Entre os que deram o nó matrimonial contam-se Victor Mature, Rod Steiger, June Lockahrt, Margaret O'Brien, Gia Scala, Dorothy Malone, Jacques Bergerac, Nick Adams, Dale Robertson, Bárbara Rush e Arlene Hower.

Durante o ano tiveram filhos Jayne Mansfield, Joan Caufield, Janet Leigh, Ana Kashfi, Marlon Brando, Jerry Lewis e Bing Crosby que foram contemplados cada um com seu bebé.

A morte rondou mais persistente durante o ano passado: morreram Cecil B. de Mille, Lou Costello, Wayne Morris, Mário Lanza, Paul Douglas, Kay Kendall, Ethel Barrimore, Gilda Gray, Edmond Gwenn, Steve Reeves (o «Super-homem») e Alfalfa Switzer. —(A. N. I.).

As calças sob as saias com rendas e fitas [do tempo das nossas avós] estão em moda na Africa do Sul

(Continuação da 1.ª página)

das e fitas os tornozelos das elegantes, transformaram-se de um dia para o outro em atavio indispensável das mulheres da vila africana de Knysna.

Sem que ninguém possa explicar exactamente por que fantasia, um clube feminino de Knisna decidiu que nada pode haver de mais «chic» do que usarem-se blusas brancas e calças pretas. Mas não se trata de qualquer espécie de calças, de talhe mais ou menos masculino. E' indispensável que se trate dessas calças, consideradas perfeitamente femininas, franzidas com elásticos tanto na cintura como nos artelhos.

No dia seguinte, os estabelecimentos de modas receberam encomendas que ultrapassaram largamente as suas possibilidades de venda. Por telefone, por carta, por telegrama, receberam encomendas que foram expedidas para os maiores centros de toda a Africa do Sul.

Não há memória, desde os tempos distantes do reinado da rainha Vitória, de semelhante afluência de pedidos dessas calças a que, nos países de língua inglesa, continua ainda a chamar-se «bloomers», em memória de «miss» Bloomer, considerada a sua inventora.

Os comerciantes de Knysna enviaram mostruários ás localidades mais próximas — e as encomendas multiplicaram-se.

Os preços aumentaram rápidamente. Mas as encomendas continuam a afluir e a ultrapassar a existência, mesmo depois da chegada dos primeiros fornecimentos de reforço.

A grande inovação da moda que se espalha rápidamente em toda a Africa do Sul é que as elegantes de 1960, ao darem o seu voto entusiástico ás calças vitorianas — aboliram as saias. — (A. N. I.).

MAUSOLEU de Artur Portela

Os amigos e admiradores do nosso inesquecível camarada Artur Portela, uma das figuras centrais do jornalismo português, que ao «Diário de Lisboa» deu o melhor do seu talento e do seu entusiasmo, estão a aderir á iniciativa de lhe construir um mausoleu.

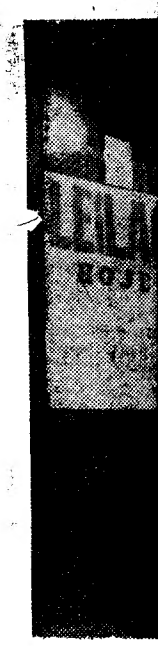
Registamos hoje mais os seguintes nomes:

Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação Nacional; prof. Manuel Calvet de Magalhães; Direcção dos Inválidos do Comércio; Dr. Alfredo Franco; Vasco Lopes de Mendonça, José Lourenço Cardoso; José Luís de Almeida Ricardo; Aero Clube de Portugal; Augusto Bertholo; Mário Rosa; Urbano Rodrigues; Fernando Fragoso; Urbano Tavares Rodrigues; e Casa do Algarve.

Caçada em Espanha

BADAJOZ, 9. — Como em anos anteriores, realiza-se neste fim-de-semana, na zona fronteiriça, entre Badajoz e Elvas, uma batida em que participam muitos caçadores, quer portugueses quer espanhois, entre os quais alguns vindos de Madrid expressamente.

O sr. contra-almirante Américo Tomás participa também na batida, como aconteceu nos anos anteriores, quando era ministro da Marinha. Entre os caçadores espanhois encontra-se o generalíssimo Franco. — (A. N. I.).



Na porta d

O lei pri

Fechado d Royal, tão ri tas, para da do Banco B instalações s xadas, come habitual leil particularme de chá, café de lote de v

Entre esse la firma So lientam-se louça em harmoniosas clássicas; es lheres de pr de lavar, et da garrafeir vinhos do

S
fitas

o Sul

nda. Por
legrama,
e foram
centros

os tem-
a rainha
ência de
que, nos
continua
ers», em
ner, con-

ysna en-
calidades
comendas

rápida-
as conti-
ar a exis-
chegada
os de re-

noda que
n toda a
elegantes
oto entu-
s — abo-
I.).

nha

anos an-
de-semana,
lajoz e El-
participam
ueses quer
uns vindos

érico To-
tida, como
es, quando
re os caça-
generalís-

Na porta do extinto Café Royal, o anúncio clássico depois do encerramento — leilão...

O leilão do Café Royal

principiou com grande concorrência

Fechado definitivamente o Café Royal, tão rico de tradições lisboetas, para dar lugar a uma agência do Banco Borges & Irmão, cujas instalações serão em breve ali fixadas, começou já a realizar-se o habitual leilão de todo o recheio, particularmente móveis, serviços de chá, café e restaurante e grande lote de vinhos.

Entre esses artigos, leiloados pela firma Soares & Mendonça, salientam-se artísticos serviços de louça em «christofle», incluindo harmoniosas terrinas de linhas clássicas; espelhos de cristal, talheres de prata, máquinas de café, de lavar, etc., e uma bem fornecida garrafeira, da qual fazem parte vinhos do Porto muito antigos e aguardentes de Alcobaça de 1912 e 1929.

O leilão, que deverá estar concluíno próxima terça ou quarta-feira, realiza-se das 15 ás 19 e das 21 ás 24 horas, sempre com grande concorrência e a presença de antigos frequentadores assíduos que ali vão para matar saudades...

CHEGOU A LISBOA

o encenador Luca de Tena

Num avião da TAP, chegou a Lisboa, o encenador espanhol Luca de Tena, que vem dirigir, no D. Maria II, a peça «A visita da velha dama».

No Aeroporto, foi recebido por Amélia Rey Colaço e por Mariana Rey Colaço.

No campo da Amadora

onde existiu o Grupo de Aviação "República"

foi hoje descerrada uma lápida evocativa

das viagens aéreas ali iniciadas

Celebrou-se hoje a penultima cerimónia comemorativa do cinquentenário da fundação do Aero Clube de Portugal: o descerramento, na Academia Militar, na Amadora, onde existiu o Grupo de Esquadrilha de Aviação «Republica», duma lápida autorizada pelo ministro do Exército, evocando a descolagem, daquele aeródromo, desde 1924 a 1934, de aviões pliotados por aviadores portugueses que ligaram, por via aérea, o nosso País ás suas províncias do Ultramar.

Assistiram o ten.-coronel Kaulza de Arriaga, subsecretário de Estado da Aeronáutica; numerosos oficiais aviadores, pilotos civis, os directores do Aero Clube de Portugal e outras entidades.

O coronel-aviador Pinheiro Correia, presidente do Aero Clube de Portugal, começou por apontar o duplo fim do programa comemorativo: «fazer propaganda da aviação e prestar justiça a quem pela aviação alguma coisa tem feito em Portugal».

Afirmou que o clube está convencido de que «bem cumpriu a sua missão» e agradece o auxílio que lhe foi prestado por todos os departamentos da Aeronáutica civil e militar.

Evocando os «raids» dos nossos aviadores disse:

— Lisboa-Madeira, Lisboa-Rio de Janeiro, Lisboa-Macau, Lisboa-Guiné-Rio de Janeiro, Lisboa-Guiné-Angola-Moçambique, Lisboa-India, Lisboa-Angola-Lisboa, Lisboa-Timor-Macau-India-Lisboa, Lisboa-Guiné-Angola-Moçambique-Lisboa e outras viagens não foram actos irreflectidos de estouvados ou indisciplinados antes foram proezas raciocinadas e meditadas, cheias por vezes de sacrifícios, morais e materiais, desenganos, malquerenças e a que por vezes sómente se fez justiça uma vez concluidas com sucesso e quando permitiam aos que mais as tinham hostilizado encher-se de loiros á custa alheia...

Acentuou que todos os «raids», viagens e cruzeiros aéreos efectuados em Portugal foram sempre da iniciativa directa dos aviadores e nunca foram mandados organizar ou efectuar por quem de direito.

Saudou, na pessoa do brigadeiro António de Sousa Maia, o aviador militar português que possui o «brévet» mais antigo, os pioneiros da Aeronáutica Militar, aquele grupo de oficiais que em 1915 deram o exemplo, oferecendo-se para ir frequentar no estrangeiro as várias escolas que por essa época existiam e que, posteriormente, foram os pilares da Aviação militar portuguesa; e evocou os mortos, destacando entre eles António de Brito Pais.

Agradeceu a honra da presença do subsecretário de Estado, do general Buceta Martins, comandante da Academia Militar, do coronel João Viana e do professor Hernani Cidade, a quem deu a palavra, para uma evocação dos feitos da aviação portuguesa, ante os cadetes, e especialmente ante os da Aeronáutica.

Aquele professor catedrático começou por acentuar que, na lápida a descerrar se inscreveram datas das viagens que ali tiveram o seu ponto de partida:

— Não quiseram os organizadores desta comemoração que nela figurassem os nomes dos heroicos aviadores que as empreenderam. Porventura se omitiram para assim mostrar que os feitos comemorados foram obra não deles, senão da Nação. Os aviadores não passaram de agentes de um anseio tão antigo como a Pátria, desde que ela, fortalecida pela vitória contra o país que lhe negava o direito á existência autónoma, sentindo não caber nos limites metropolitanos, afrontou os medos do «Tenebroso», para encontrar além dos mares os recursos para o seu desafogo económico e as possibilidades da sua expansão espiritual.

Evocou essa expansão e a técnica que a obteve, dizendo:

À beira do «Tenebroso», por onde apenas passavam cruzados e mercadores, viviamos longe das grandes rotas por onde se fazia o

(Continua na 10.ª pagina)

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de leste, o céu estava muito nublado, chovia no Algarve e havia nevoeiro em Lisboa por acção duma massa de ar transportada na circulação duma depressão centrada a sudoeste do continente.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Porto, Coimbra e Portalegre, 10°; Lisboa, 11°; Faro e Funchal, 14°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: Máxima, 13°,8; mínima, 11°,6. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16°,0; mínima, 12°,6.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado. Vento fraco; predominando de Leste. Periodos de chuva nas regiões a sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela. Nevoeiros matinais no litoral Oeste e regiões baixas. Acentuado arrefecimento nocturno.

OURIVESARIA

SANTA FILOMENA

Continua sendo a fornecedora de lindas pratas antigas e jóias para coleccionadores particulares e museus.

Visite este estabelecimento aonde encontrará o que pretende.

Largo Manuel Emídio da Silva, 9-C (Frente ao portão do Jardim Zoológico).

AÇORDA DE SÁVEL

FAMOSO PRATO

do Ribatejano de Salvaterra

Publicações

«Igreja de S. Lourenço da Vila Nogueira de Azeitão

O n.º 97 do Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, relativo a Setembro de 1959 econsagrado á igreja de S. Lourenço de Vila Nogueira de Azeitão.

Esta séric dos monumentos nacionais está a ser verdadeiramente magnífica e de suma utilidade. Repositório de arte e documento autêntico da grande obra realizada, o boletim marca lugar de primeiro plano na bibliografia artística portuguesa.

Como em todos os numeros anteriores, o presente segue as normas estabelecidas. Insere uma notícia histórica do monumento; especifica as obras de restauro efectuadas e, por ultimo, os desenhos e fotografias; desenhos de plantas, alçados e projectos e fotografias da igreja e vários pormenores, antes e depois do restauro. Saliente-se os quadros e painéis de azulejos setecentistas da igreja.

Lições de violoncelo por Maria da Conceição Macedo

A violoncelista Maria da Conceição Macedo, começará a reger um curso de violoncelo na cidade do Porto, no próximo dia 15 de Fevereiro. Este curso, integrado nas actividades do Curso Silva Monteiro, destina-se a alunos principiantes e a violoncelistas que já possam fazer um trabalho de aperfeiçoamento.

No Instituto Italiano

A pianista Maria Regina de Vasconcelos realiza, nos dias 19, 20 e 27, no Instituto Italiano, conferências-concertos sobre a musica italiana de «settecento». O Instituto apresentará também ao nosso publico, em Janeiro, as jovens pianistas C. Pastoreli e Marcella Crudelli.

«Moçambique Ilustrado», n.º 14 da Marinha Mercante», n.º 43

Documentando com actualidade exemplar os interesses e actividades da nossa marinha mercante, sob a perspectiva mais isentamente nacional, este Boletim tem constituido factor insubstituivel de orientação e informação nas matérias da sua especialidade. Na presente edição incluem-se os textos de despachos do sr. ministro da Marinha sobre a construção do novo navio da carreira dos Açores e as comunicações de Portugal continental com a ilha da Madeira; estudos dos srs. dr. J. A. Corrêa de Barros sobre a carreira Moçambique-Norte da Europa e dr. J. Rodrigues dos Santos sobre problemas do transporte marítimo; informações actualizadas sobre regime jurídico de carga no convés, embarcações registadas em Angola, legislação, navios novos, cargas, fretes, alterações na frota mercante nacional, combustíveis fornecidos, etc. As secções sobre o movimento marítimo mundial completam, como é de uso, as páginas deste excelente boletim econóico e técnico.

«Boletim da Casa de Portugal no Rio de Janeiro», n.º 8

Abre esta edição do órgão da Casa de Portugal no Rio com um artigo referente á entrada no seu 3.º ano de publicação e a missão que se propôs realizar e tem efectivado, com êxito, para a instituição que serve e para a comunidade portuguesa do Rio de Janeiro. Reproduz, a seguir, numa página com iluminuras, três belos sonetos de Antero de Quental. No artigo *Política* procura definir-se, em relação á Pátria de origem e á Pátria de adopção, a posição dos Portugueses do Brasil uns para com os outros e para com os Brasileiros deles descendentes e com os que o não são. Uma página é consagrada ao infante D. Henrique a respeito de quem se transcreve um admirável artigo do influente jornal *Correio da Manhã*. Duas páginas ocupa um artigo sobre o conselheiro Camelo Lampreia, a sua obra diplomática no Brasil e na Holanda e ainda os seus serviços como simples cidadão á Casa de Portugal. Duas páginas são dedicadas á conclusão da História da Escola Nuno Álvares Pereira.

Baseada num artigo do dr. Nuno Simões sobre a emigração portuguesa em 1958, publicado na Imprensa brasileira, insere o *Boletim* um criterioso comentário a respeito do problema. O comentarista pergunta por que razão é possível ainda que emigrem analfabetos nossos, quando a lei expressamente o proibe.

A Ilha da Madeira consagra 2 páginas de texto e 4 de óptimas fotografias.

Duas páginas de Memórias do general Norton de Matos referem-se ao incidente com a Alemanha, levantado em 1912, pelo comandante de um navio de guerra alemão, fundeado em Luanda e que teve a mais firme e patriótica réplica por parte do então governador-geral da província. Traça, a seguir, o perfil dos sócios falecidos Manuel de Almeida Neves, Mário de Sousa Soares, Eduardo Pinto da Cunha, Manuel José Rodrigues e José Alves Martins. Na sua habitual secção *Panorama* insere entre outras, notas da maior oportunidade sobre *Contributo Geográfico e geo-económico de Portugal para a Comunidade Luso-brasileira* e sobre a necessária intervenção dos cônsules de Portugal em determinados actos da vida civil dos Portugueses residentes no estrangeiro. Largo noticiário da vida e actividade social da Casa de Portugal em que sobressaem a visita do comodoro Sarmnto Rodrigues e as expressões muito lisonjeiras que ele deixou no livro dos visitantes.

Verifica-se pelo quadro dos sócios da Casa de Portugal no Rio de Janeiro que, em 31 de Março, havia 7607 e que foram admitidos até 30 de Junho 51 novos. Tendo falecido 11 durante o trimestre o quadro social, no fim do primeiro trimestre era de 7647 o numero de sócios em exercício. Os serviços

A chegada a Goa do ministro da Presidência

(Continuação da 1.ª página)

e Silva, e pelo comandante militar, brigadeiro Cirne Pacheco, tendo, em seguida, passado revista á guarda de honra constituida por pelotões de forças do Exército, metropolitanas, de goesas e africanas, e por uma formação da Marinha. Entretanto, uma salva de vinte e um tiros, assinalava a chegada do representante do Governo.

Depois, o dr. Pedro Teotónio Pereira dirigiu-se para a tribuna erguida na nova aerogare, donde assistiu ao desfile das tropas em continência, seguindo-se os cumprimentos do patriarca das Índias, D. José Vieira Alvernaz, da alta oficialidade e das autoridades.

A inauguração da aerogare

Seguiu-se a cerimónia da inauguração da aerogare. A multidão irrompeu em aplausos quando o dr. Pedro Teotónio Pereira se dirigiu para a tribuna.

Depois, escoltado por «jeeps» militares, e seguido por um cortejo formado por centenas de veículos, o carro do dr. Teotónio Pereira iniciou o percurso até á capital, acompanhado pelo governador-geral. Durante todo o percurso, o ministro da Presidência foi vibrantemente aclamado por grande multidão com cartazes de boas-vindas. Extensas filas de crianças das escolas agitavam bandeirinhas portuguesas. No ar subiam foguetes.

O dr. Teotónio Pereira confiou uma mensagem á Emissora de Goa, exprimindo a imensa satisfação que sentia por se encontrar em terra da India Portuguesa.

Falando em inglês e com destino á emissão que naquela língua mantém aquela estação o ministro dirigiu, depois, cordiais saudações aos emigrantes goeses que vivem no estrangeiro.

Recepção apoteótica

A entrada do cortejo na cidade foi apoteótica. Milhares de pessoas de todas as raças e classes sociais irromperam em aplausos entusiásticos, enquanto no ar estralejavam foguetes e morteiros.

Por entre alas de povo que agitava bandeiras, dava vivas e acenava carinhosamente, o ministro chegou ao Palácio do Cabo.

Á tarde, pelas 17 horas, realizava-se, no salão dos Vice-Reis, no Palácio do Idalção, uma sessão solene em honra do ministro. — (A. N. I.).

AÇORDA DE SÁVEL
FAMOSO PRATO
do Ribatejano de Salvaterra

Desapareceu a mulher do possivel autor de um crime de morte

em Vila Pouca de Aguiar

VILA POUCA DE AGUIAR, 9—Ausentou-se para parte incerta, e está a ser activamente procurada pelas autoridades, a mulher de Manuel Lourenço, também conhecido como o «Garrilho», que se encontra a cumprir pena maior na cadeia do Montijo e se suspeita seja o assassino de Carlos Silva, que desapareceu da Cidadelha de Aguiar, desta freguesia, onde era estabelecido, em Janeiro de 1954.

Como o «Diário de Lisboa» então noticiou, o desaparecimento de Carlos Silva causou grande consternação e suscitou as mais desencontradas explicações, todas ficando sem confirmação por não se haver encontrado sinal do cadáver ou indício do caminho que teria tomado o desaparecido.

Já o assunto ia caindo no esquecimento quando agora surge uma possível explicação do mistério. Na cadeia de Vila Pouca de Aguiar, encontrava-se preso um tal Carlos de Oliveira Borges, solteiro, natural de Guilhado e residente no lugar de Gralheira, freguesia de Telões. Tinha como companheiro Manuel Lourenço, natural do vizinho concelho de Ribeira de Pena. Num momento de fraqueza, o Lourenço confidenciou ao Carlos Borges naver agredido com uma foice um homem, que enterrou ainda vivo numa trincheira de uma curva da estrada que liga esta vila a Chaves. Não disse, porém, qual a corte em que enterrou a vítima. O Carlos Borges pensou que a vítima fosse o desaparecido Carlos Silva e não fez segredo das suas conjecturas.

Chegados os rumores ao conhecimento do comandante do posto da G. N. R. desta vila, a quem se devem os mais relevantes serviços, iniciaram-se imediatas investigações, tendo sido ouvidos já o Borges e outros habitantes de Guilhado. Aguarda-se agora que o tribunal desta vila se pronuncie, a fim de que prossigam as investigações. Entretanto, desapareceu para parte incerta, com os filhos, a mulher do Lourenço.

Faz falta uma ponte

na freguesoa de S. Bartolomeu de Messines

S. BARTOLOMEU DE MESSINES, 9—Na aldeia denominada Barradas, desta freguesia, cruzam uma estrada e um ribeiro. Este é de certa fundura e de leito estreito, e a estrada que sempre tem existido, espontaneamente construida pela população, e já tem beneficiado de arranjos levados a efeito pela mesma, necessita de ser reparada, especialmente até á aldeia das Pedreiras, por ser o meio de comunicação entre a sede desta freguesia, a referida aldeia e vários outros sítios, seguindo para a vizinha freguesia de S. Marcos da Serra.

Todos os anos, no Inverno, as águas que correm no ribeiro, impedem a passagem de veículos, animais e peões, estabelecendo frequentemente o isolamento da numerosa população, que para tudo o que lhe é essencial tem que vir á sede da freguesia.

E', pois, de imperiosa necessidade a construção de uma ponte, cujo custo é relativamente pequeno, e que sob todos os aspectos, muitos e incalculáveis benefícios traria.

QUEM DEVE PAGAR

o exame psiquiátrico numa secção penal?

A Procuradoria-Geral da Republica em parecer emitido e hoje publicado no «Diário do Governo» diz que «o exame sobre a integridade mental de arguido em processo penal, pelo regime vigente, deverá ser feito por psiquiatra da zona respectiva; não sendo possível, e á falta de peritos com os conhecimentos necessários, na respectiva comarca, requisitar-se-á o dito exame a estabelecimento psiquiátrico adequado se, porventura, não for caso de propor a realização da diligência em anexo psiquiátrico do respectivo distrito judicial».

Acrescenta o parecer: «A efectuar-se o referido exame fora da comarca, as despesas de deslocação e internamento do arguido, não preso, deverão ser satisfeitas ao abrigo do artigo 9.º, n.º 7.º, do Decreto-lei n.º 35 483, de 2 de Fevereiro de 1946, acrescendo as quantias por esse modo adiantadas pelo Cofre Geral dos Tribunais, ao imposto de justiça liquidado, afinal, nos termos do artigo 160.º do Código das Custas Judiciais».

CAIU UM AVIÃO

atingido por um raio

SAINT JOHN (Nova Brunswick), 9. — Um avião particular caíu e incendiou-se num prado perto de Saint John, durante violenta tempestade, acompanhada de forte trovoada. Morreram carbonizados as quatro pessoas que o avião transportava.

Supõe-se que o desastre foi motivado por ter o aparelho sido atingido por um raio. — (A. N. I.)

A cerimónia desta tarde no campo de aviação da Amadora

(Continuação da página central)

comércio, não apenas das mercadorias, mas também das ideias. Isso nos manteve em atraso cultural em relação aos países que se desenvolveram em torno dos mediterraneos; mas esta mesma circunstancia nos facilitou fazer progredir por «saber de experiências feito», a ciência da marinharia que por imprevistas e grandes rotas ligou, não apenas povos, mas raças e continentes que se desconheciam.

Depois de acentuar que nos não contentámos com estabelecer feitorias na orla dos continentes, pois penetrámos neles e os bandeirantes reproduziram, na imensidade do sertão brasileiro, «mutatis mutandis», a epopeia que os navegadores tinham realizado através da vastidão dos Oceanos, o professor Hernani Cidade entrou própriamente, no assunto da sua palestra:

— Um dia, iniciou-se no Mundo a navegação aérea. Logo nos seus inícios figura um português—Bartolomeu de Gusmão. Os seus progressos, análogamente aos das viagens sobre o Globo logo se estenderam dos céus que cobrem os continentes aos que se alargam sobre os mares. E nesse novo anseio de «quebrantar os vedados términos» não podiamos deixar de obedecer ao velho impulso que afrontou o Adamastor. Não tinhamos continentes a descobrir, mas tinhamos a estabelecer mais rápidas relações com os pedaços da Pátria por eles dispersos. E então surgem os pioneiros do ar, como haviam surgido os navegadores dos Oceanos e os bandeirantes do sertão. E tal como antigamente, não ficara sem a contribuição do nosso saber experimental a técnica da navegação. Assim, agora também, um grande desbravador do sertão africano, alado em aviador — Gago Coutinho — adapta o sextante com que por lá se orientara ao avião em que fez, com Sacadura Cabral, e pela primeira vez com técnica científica, a ligação de Portugal com o Brasil. Eis o significado essencial desta pedra. Rememoram-se nela todos os esforços aqui iniciados para ligar fraternalmente, pela rapidez do voo, os membros dispersos da grande família lusitana.

E o ilustre mestre concluiu assim:

— Somos acusados de vaidosos, e a cada passo se lêem referências desprimorosas contra a embófia com que nos proclamamos em quase tudo precursores e originais. Não faltam razões para os que assim nos acusam e menoscabam. Mas ninguém nos negará o direito de afirmar que, na modéstia a que as circunstancias nos reduzem, se muito aprendemos de outros, muito nos esforçámos, e com eficiência, para alguma coisa lhes ensinar. De qualquer modo, não há povo das nossas dimensões geográficas que mais tenha contribuido para o progresso da Humanidade, o que é a mais perfeita justificação da autonomia com que comparticipámos no grande e fecundo diálogo das nações. Tanto a liberdade é condição de expansão e plenitude na vida individual, como colectiva.

Em seguida, foi descerrada a placa.

Exposição Filatélica

do Arte e Sport

Foi esta tarde inaugurada, na sede do Clube Arte e Sport, na Rua Coelho da Rocha, n.º 69, pavilhão n.º 9, a sua 1.ª Exposição Filatélica.

Presidiu á inauguração o dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho, presidente do Clube Filatélico de Portugal, que é também membro do juri da exposição, com os srs. José Rodrigo Dias Ferreira, dirigente da Federação Portuguesa de Filatelia, e mestre Leopoldo de Almeida, presidente da assembleia geral do clube organizador.

São expositores os srs. António Francisco Gonçalves, Artur José Pereira Barbosa, Carlos Bento, Carlos Gonçalves do Amaral, José Augusto Costa da Silva Pinto, José Luís Vaz Henriques, Manuel António Jerónimo e Ricardo de Castro Gomes.

Os C. T. T. autorizaram um carimbo postal comemorativo, com o qual tanto o clube organizador como o Clube Filatélico de Portugal editaram sobrescritos especiais.

Instituto de Odivelas

No dia 14, festeja-se no Instituto de Odivelas o 60.º aniversário da fundação daquela escola, com diversas cerimónias alusivas. Haverá uma recepção ás antigas alunas seguida de um chá de confraternização.

As antigas alunas devem fazer as suas inscrições na secretaria do Instituto.

✝

Raul de Carvalho

FALECEU

Alberto de Carvalho, sua mulher Maria Azevedo de Carvalho e filhos, Maria Alice Leal de Carvalho, Jacinto Barbosa de Carvalho, seus filhos e mais familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido irmão, cunhado, tio e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Basílica da Estrela para o cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA ALVES

✝

Raul de Carvalho

FALECEU

Valentim de Carvalho, Lda., com o mais profundo pezar participa o falecimento do seu saudoso sócio, Raul de Carvalho e que o seu funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Basílica da Estrela para o cemitério dos Prazeres.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

cológico, qual a razão? O anti-semitismo não é privilégio de uma determinada camada populacional, de certo grupo de indivíduos predispostos ou influenciados pelo meio. Afecta todas, de alto e baixo nível, em conjunto ou em separado. Existem, no entanto, causas instintivas e emocionais, umas e outras geradas nas últimas camadas do subconsciente, no subconsciente irracional, zona de Jung, lá, bem no fundo, onde todos se igualam, e o intelectual desce ao nível do iletrado e ignorante.

Cristãos e Judeus têm sido vítimas do mesmo mal. Uns e outros encontram-se envolvidos pelo drama sem igual, que apavora a humanidade livre, ceifados pelo mesmo ódio, enfermos do mesmo mal.

Todas as explicações têm sido vãs, inúteis, e têm-no sido porque ficam aquém do próprio fenómeno, no campo sentimental e fluido da justificação. A verdadeira causa do anti-semitismo não é consciente ou intelectual, económica ou política, social ou racial. E', para além do entendimento médio, emocional e subconsciente.

Todos os factores são, porém, importantes e contam quando se procede à análise do acontecimento em si.

Paradoxalmente — sucede assim todos os dias — o anti-semitismo nada tem de ver com Judeus e Árabes, ambos semitas em sua origem e tronco comum.

Analisado à luz dos modernos ensinamentos psicológicos, o anti-semitismo não é mais do que a manifestação visível de uma nevrose individual e social, de uma nevrose grave, guarda avançada de catástrofes maiores ou de demência.

Só a psicopatologia consegue explicar a razão por que o vento insano sopra servindo interesses ocultos, ultraconservadores e extremistas, sem nexo e sem bússola.

Entre muitos e sortidos tipos de anti-semitismo existem dois com características especiais: o continental ou germânico e o anglo-saxão, insular, ou americano.

O de molde germânico, que lançou nas câmaras de gás seis milhões de Judeus, entre eles a pequena Anne Frank (cuja história abalou o Mundo), defende o indivíduo em si e ataca o agregado social e religioso; o segundo, aceitando a religião de Moisés (critério puritano), condena e detesta o Judeu como elemento essencial no agregado social.

Os dois tipos de anti-semitismo — o continental e o norte-americano, o continental e o insular — completam-se e amalgamam-se. No âmago são dois síndromas da mesma enfermidade, da mesma nevrose, acutilante e traiçoeira, prenúncio de loucura individual ou colectiva.

Um e outro não conseguem negar que o judaísmo deu origem ao cristianismo e que os Judeus deram ao Mundo, entre outras, as figuras máximas de Moisés, David, Isaías e Cristo, não esquecendo os próprios apóstolos.

Os anti-semitas hibridos, tatuados pelo mesmo estigma de ignorância, esquecem que o Velho Testamento é, na ordem cronológica e divina, o primeiro dos Livros, e que Cristo foi circuncidado como todos os miúdos hebreus. Aceitam o judaísmo primitivo (Jules Isaac, (Jésus et Israël», Paris, 1948) e ultrajam e condenam os Judeus.

Conveniente também será recordar que Jules Isaac não é israelita e que a mulher e a filha foram assassinadas nos campos de concentração nazi, na Alemanha, só porque usavam o apelido de Isaac!

No prefácio da primeira edição, Jules Isaac escreveu, com o próprio sangue: «Convencido de que o anti-semitismo é uma lepra e que as raízes do mal mergulham longe, o autor procura demonstrar que a origem se encontra na ignorância, no erro e na injustiça, achando-se o remédio na leitura dos textos sagrados e no perfeito conhecimento das realidades históricas».

Entre as mentiras que alimentam o caudal do anti-semitismo encontram-se estas, por exemplo: o Judeu adora falsos deuses e, ao mesmo tempo, defende com purissíma lucidez o monoteísmo; tem uma vida de família exemplar e ambiciona para o vizinho uma existência dissoluta; constitui o único exemplo histórico da persistência de um grupo social diferenciado e representa um perigo para a sociedade legalmente constituida; Marx acusa-o, em «O Capital», de inimigo da revolução social e de capitalista; os inimigos de Marx e das suas doutrinas económicas alcunham-no de anticapitalista! Povo sem analfabetos, dizem-no inimigo da cultura, confundindo esta com o saber escolástico; apresentado como incapaz de se bater, vence, todavia, dentro das retalhadas fronteiras de Israel, os exércitos de sete países árabes, treinados pelos melhores oficiais britânicos.

Na campanha-relâmpago do Sinai, comandados pelo general Moché Dayan, desbaratam o exército egípcio que, na retirada, deixa o mais moderno material de guerra soviético... E na última grande guerra, em todos os países aliados, bate-se na primeira linha e conquista as mais altas condecorações (Israel Cohen, «The Jews in the War», Londres, 1952).

Infindável a longa série de paradoxos, engendrados sempre pelos mesmos indivíduos, devido a dissociações conhecidas no campo da medicina mental. Que admira, se o enfermo insano se imagina, no decorrer do mesmo dia, Napoleão e pedinte da Igreja, senhor feudal e perseguido? Não cometem os esquizofrénicos as maiores atrocidades?

Cegueira mental verifica-se nos indivíduos com aspecto normal e até nos de escol.

A dissociação psicológica vislumbra-se na cerebrização do homem que passa, do mais obscuro ao mais culto; do homem que passa ou que fica apegado a monstruosos distúrbios.

A propaganda anti-semita, aproveitando-se da vaga emocional e cíclica, explora a seu modo a chamada «razão do erro útil». Só a psicoterapia individual e social poderá orientar o homem ou o agregado social, conduzi-lo a um melhor entendimento e compreensão de um dos problemas mais agudos de todos os tempos.

Reside na razão histórica do próprio judeu, que o coloca no grande planalto da luz, a causa prima do anti-semitismo.

A humanidade, através de exemplares estratificados pela mentira e pelo totalitarismo, pretende cíclicamente regressar ao culto do bezerro de oiro, esquecendo a lição eterna do monoteísmo.

A obsessão do bezerro tem acompanhado o homem através dos tempos.

Não se trata de um problema de lógica ou de um silogismo. Se o fosse não seria dificultoso resolvê-lo. Tem raízes mais fundas.

Não se trata também de um limitado problema de psicologia individual, mas de um grave problema de psicologia colectiva.

Ambivalência, coexistência do amor e do ódio, retrata espectralmente o homem de hoje, sem escrúpulos, com dois lares e meia vergonha...

A psicanálise explica a razão por que grande parte da população se persuadiu de que não atingirá a maioridade enquanto existir vigilante o «povo da Bíblia».

Freud registou, num dos seus livros, esta verdade, estudando a psicologia das massas: a multidão actua por vagas nevróticas. As do anti-semitismo têm muito de comum com as da histeria, revelando que o anti-semitismo não é mais do que uma nevrose do agregado social e do indivíduo, e mais do grupo do que do próprio homem.

Não traduz a nevrose a fuga da realidade? Quando os problemas da vida se adicionam sem solução, o refúgio compensador encontra-se na irrealidade, no mundo da fantasia.

As vagas de anti-semitismo foram sempre, através de todas as épocas, prefácios de catástrofes e prenúncios de guerra (J. S. Wechsler, M. D., «The Neurologist's Point of View. Essays on Psychiatric and Other Subjects». New York, 1945).

«Only when the human animal has gained mastery over his emotional life, or, at least, succeeds in catching a true vision into it, will the problem of anti-Semitism disappear».

Eu partilho a douta opinião do professor Wechsler, um dos maiores neurologistas da América do Norte, bem estrumado país para a semente anti-semita...

A. d'E.

Na inauguração das novas instalações da «Sabena»

foram expostos os objectivos da criação da «Air Union»

Na Avenida da Liberdade, 11-B, magnificamente situadas, portanto, foram ontem, ao fim da tarde, inauguradas as novas instalações da Sabena no decorrer de um acto que se revestiu de particular interesse, no qual estiveram presentes numerosos convidados, entre eles os srs. J. B. Mulders, director do Turismo Belga; drs. Mário Neves, director-adjunto do «Diário de Lisboa»; e Tavares de Almeida, chefe dos serviços de Imprensa do Secretariado Nacional da Informação; e Carlos Alberto Pereira da Rosa, director do «Século Ilustrado»; directores das companhias aéreas que operam no nosso País e representantes da Imprensa, Rádio, Cinema e Televisão.

Os convidados foram recebidos pelos srs. coronel Fernand Bunniat, director; dr. Afonso Costa, director-adjunto, e Paulo Lauret, chefe da promoção de vendas da Sabena, que acompanharam e elucidaram os visitantes numa minuciosa visita ás novas instalações, cujo projecto é do sr. arquitecto António Egea, as quais impressionam muito favorávelmente pelos inexcedíveis bom gosto decorativo e conforto interior.

Antes de um simpático beberete, no Hotel Ritz, o sr. coronel Fernand Burniat agradeceu a presença e saudou os seus convidados. Em seguida, relembrou a proficua e progressiva actividade da Sabena em Portugal, especialmente a partir de 1951, quando as carreiras de Africa das Linhas Aéreas Belgas passaram a fazer escala no aeroporto da Portela de Sacavém.

Depois, referindo-se á acção futura da importante companhia, anunciou: A entrada em serviço dos «Boeing-Jet-Intercontinental» nas linhas de Africa e da América do Norte, e cujos primeiros voos se realizarão dentro de dias, marcará uma nova etapa na história da Sabena, que justifica plenamente o alargamento da sua representação no Mundo.

E acrescentou:

— Logo que o aeroporto de Lisboa esteja pronto a receber estes novos aparelhos, ofereceremos aos Portugueses do Congo a possibilidade de efectuar a viagem entre Lisboa e Léopoldville, em cerca de 6 horas. Por outro lado, um acontecimento de grande importancia para o mundo da aviação comercial teve lugar em 1959: foi a associação das companhias «Air France», «Alitalia», «Lufthansa» e «Sabena», denominada «Air Union». Esta união tem, essencialmente, por fim uma organização comum e suficientemente poderosa para assegurar as funções que lhe competem no quadro da aviação comercial no Mundo, procurando limitar o excesso da concorrência actual existente nos seus países e no estrangeiro.

O coronel Burniat referiu-se aos propósitos da importante e nóvel organização aérea, de se transformar numa associação aberta a todas as companhias da I. A. T. A., informando ainda que as instalações ontem inauguradas poderão vir a ser também a sede da «Air Union».

Preciosa colecção

de arte oriental

vai ser leiloada em Lisboa

Anuncia-se para esta noite, na Rua da Emenda, a almoeda de uma colecção de arte oriental verdadeiramente preciosa. São cerca de duzentos lotes. Ceramicas, bronzes, pratas e outros metais, biombos, armários e móveis diversos.

Os objectos reunidos por conhecedor que sabia o que comprava acumulam-se nas salas de onde sairão para outras residências, outros palácios, museus e embaixadas; e dessa dispersão resultará o enriquecimento de recheios que talvez um dia se dispersem também. E' o destino e nesse deambular dos objectos belos vão recebendo os olhares enfeitiçados dos admiradores, dos artistas ou simplesmente dos colecionadores que os reunem como se entesouram barras de oiro. Às vezes nas vitrinas e sobre as cómodas uma jarra Ming tem a altivez de mulher formosa sobre que se cravam olhares cupidíneos «Te quiero» lhe dizem os olhos flamejantes.

A arte oriental tem os requintes, a minucia e delicadeza desses povos que parecem esquecer-se da vida, do movimento, da fuga do tempo para se concentrarem apenas na perfeição das coisas pequenas. Vemos um Buda sorrindo, de ventre saliente, e satisfeito e o sorriso é a tradução da felicidade completa, as cores são as da pele bem tratada e rósea e os olhos, eses olhinhos pequeninos e maliciosos do Oriente, são o espelho da alma feliz e eterna. Uma figura de deusa da misericórdia, porcelana branca decorada a azul, da dinastia Thsing, os olhos em amendoa, o nariz achatado, a mão direita saindo dos largos mantos em ar de bênção, é a mulher chinesa submissa, terna, compreensiva, fazedora de vontades do seu senhor. E' uma deusa humana.

Mas que riqueza, imaginação e largueza de concepção e desenho neste pote de porcelana com decoração policroma a preto! Cavaleiros audazes avançam velozes, como o vento e insensíveis como o raio prontos a ferir com suas lanças de aço branco os piratas que fogem de tamanho furor. Nem os mares profundos os detêm na corrida. E sob as patas dos cavalos, flores pequeninas e delicadas saudam a vida. Sobre uma mesa estes Bramas de milhentos braços e pernas procriam o Mundo; uma bailarina em bronze, do Nepal, curveteia as pernas firmes, ergue o braço esquerdo, fixa o direito na anca firme e, os seios avançam cheios, redondos, prometedores. Uma cafeteira moura de Caxemira tem nos seus trabalhos de metal centenas de horas de trabalho dos operários que no século XIV a lavraram.

Preciosa jarra de prata

Arte indu, arte chinesa, arte nipónica, nos móveis, nas pratas, nas estatuetas, jarros e jarrões que um artista coleccionou e se vai dispersar...

Como se faz uma colecção

Não é fácil, seja a quem for, reunir em tempos normais uma colecção de arte oriental tão numerosa e tão escolhida como esta que um magistrado português conseguiu em terras de Macau e Goa.

O amor e enternecimento, o apreço destas coisas exigem cultura e sensibilidade que se não aprendem. Nascem com o indivíduo como nasce o artista.

E' preciso uma fortuna para comprar algumas peças Ming. Mas a abundancia faz o barateamento até das coisas mais caras e preciosas. O magistrado português estava em Goa quando a União Indiana se formou, se proclamou em Republica e separou da coroa britanica. Era o império da rainha Vitória que vinha por aí abaixo. Os marajás e rajás desfizeram seus palácios encantados e colocaram dinheiro em bancos do Ocidente. A India acordara e tudo se esboroava. As preciosidades dos seus palácios apareciam aos milhares nos antiquários de Goa ou eram rogadas a particulares, naturalmente por preços muito inferiores aos dos tempos normais. Às vezes por preços dez ou cinquenta vezes menos. As grandes peças da colecção que se vai desfazer num rés-do-chão da Rua da Emenda, a partir de amanhã á noite foram adquiridas então.

O desfazer de uma casa é o enriquecimento de outras. Dos palácios dos marajás passaram os Bramas e os jarrões para a residência de um juiz em Goa. Dali vieram para Lisboa. Agora irão para quem mais apreciar e valorizar, para quem mais der.

Em ALHANDRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se por intermédio de CECÍLIO AUGUSTO COSTA.

DEIXE-ME AJUDÁ-LO COM FAMEL

O Xarope Famel, produto médico mundialmente conhecido, penetra no organismo para aliviar as dores, acalmando a irritação e a tosse; e pode assegurar um sono tranquilo durante a noite, contribuindo para a convalescença.

Xarope Famel

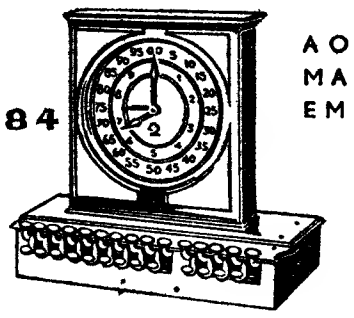
PARAÍSO

UM NOME A FIXAR

COMEMORANDO 75 ANOS DE ACTIVIDADE

AO SERVIÇO DO MUNDO INTEIRO

A *National* OFERECE *

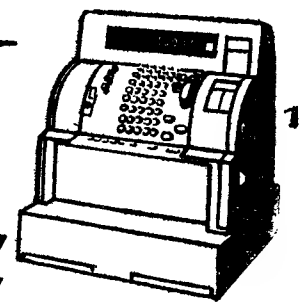


1884

AO POSSUIDOR DA REGISTADORA **NATIONAL** MAIS ANTIGA EM PORTUGAL QUE SE ENCONTRE EM FUNCIONAMENTO, UMA

NOVA E MODERNA REGISTADORA

National



1959

PARA TANTO, BASTARÁ DEVOLVER-NOS, ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1960, O CUPÃO DEVIDAMENTE PREENCHIDO JUNTAMENTE COM UMA CARTA, DE PREFERÊNCIA DACTILOGRAFADA, DIZENDO QUAIS AS VANTAGENS QUE A SUA REGISTADORA **NATIONAL** LHE TEM PROPORCIONADO.

A PRIMEIRA CAIXA REGISTADORA CONSTRUÍDA NO MUNDO FOI **NATIONAL**

CAIXAS REGISTADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE • SOMADORAS • SISTEMAS ELECTRÓNICOS

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY OF PORTUGAL

RUA AUGUSTA, 146 • LISBOA
RUA GUEDES DE AZEVEDO, 117 • PORTO
RUA FERREIRA BORGES, 79, 1.º-DTO. • COIMBRA

*RECORTE, PREENCHA E ENVIE-NOS ESTE CUPÃO

National

QUEM É O DONO DA MÁQUINA REGISTADORA MAIS ANTIGA EM FUNCIONAMENTO?

NOME .....

MORADA .....

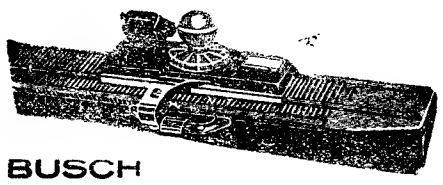
LOCALIDADE .....

MODELO ..... N.º .....

TEM ..... ANOS AO MEU SERVIÇO

Máquinas de tricotar BUSCH

Um produto Suiço da mais alta qualidade

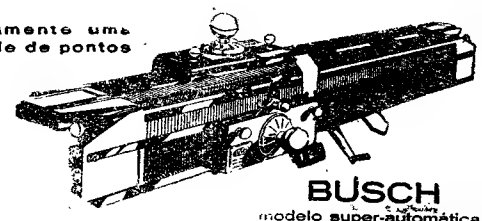


As máquinas de tricotar mais práticas até hoje apresentadas

BUSCH
modelo simples

Faz automàticamente uma enorme variedade de pontos

A máquina que responde às mais altas exigências



BUSCH
modelo super-automática

A maquina de sonho que executa todos os pontos duma forma impressionantemente simples

PREÇO

MODELO SIMPLES
- pronto pagamento Esc. 2.500$00
- prestações até 24 mensalidades de Esc. 115$00

MODELO SUPER-AUTOMÁTICA
- pronto pagamento Esc. 4.800$00
- prestações até 30 mensalidades de Esc. 180$00

Agora todas as senhoras, podem comprar sem sentir estas maravilhosas máquinas de tricotar Gratuitamente damos uma instrução completa no manejo da máquina a todas as compradoras

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS.

Agencia Comercial Sueca, L.da

Av. Fontes Pereira de Melo, 45 — Telef. 733111 — 4 linhas — LISBOA

No Norte:
M. SIMÕES JR. LDA.—R. de Santo António, 208—Telef. 25581—PORTO
DELEGAÇÃO EM COIMBRA:
RUA FERNÃO DE MAGALHÃES, 32-2.º

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Sede — 95, Rua do Comércio, 119

Capital 200.000.000$00
Fundo de Reserva 206.000.000$00

E' convocada a Assembleia Geral Ordinária deste Banco para reunir no dia 25 do corrente mês, pelas 16 horas, na Sede do Banco, a fim de tratar da seguinte ordem do dia:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o relatório e contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal, relativamente á gerência finda em 31 de Dezembro de 1959.

2.º — Eleição de dois membros do Conselho de Administração e dos dois Vice-Presidentes da Mesa da Assembleia Geral, de harmonia com as disposições estatutárias.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1960.

O Presidente
(a) *José Ribeiro do Espírito Santo Silva*

HIPOTECAS

QUALQUER MARCA
QUALQUER SÉRIE
QUALQUER IMPORTANCIA
QUALQUER TEMPO

Sobre automóveis

RUICAR

RUA SANTA MARTA, 27-G, 1.º
Telefone: 53884

POLICLINICA CAMPO D'OURIQUE

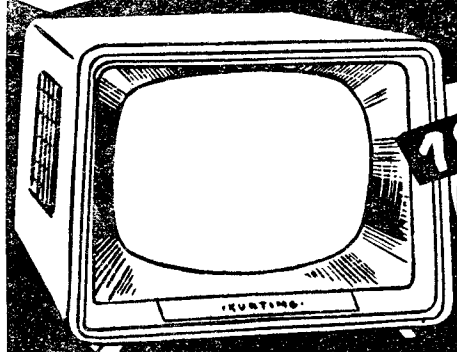
Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.
Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

Longa distancia

imagem e som "Hi-Fi"

AUTOMÁTICO



196$20

IMEDIATAMENTE *em sua casa*

DISTRIBUIDORES

KORTING

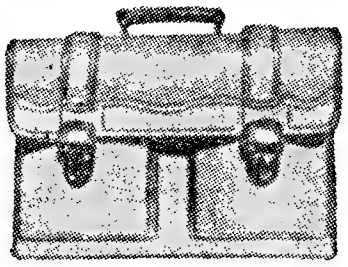
RUA SÁ DA BANDEIRA, 592 — PORTO

Clara Macedo Garcia Vidal

FALECIDA A 16/12/59

Sua família, impossibilitada de agradecer directamente a muitas das pessoas que a acompanharam na sua dor, vem pùblicamente testemunhar-lhes o seu profundo reconhecimento.

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A. Comprido — R. Madalena, 97

Em ALGÉS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na AGÊNCIA CULTURAL, Avenida Combatentes da Grande Guerra.

BOM NEGÓCIO

Cede-se bom negócio do ramo de vestuário de crianças com bom estabelecimento e boa clientela e atelier bem apetrechado com pessoal antigo e especializado. Motivo de retirada urgente. Resposta a este jornal ao n.º 91.

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

xander Kraahals), o trabalho ora rendoso ora ingrato de Pellegrini, assistido por Pasquali, com o coro do teatro de S. Carlos. Estamos convencidos até de que, como em temporadas anteriores, esperam-nos algumas noites de S. Carlos sensacionais, por menos exigentes para o palco, e já passado este estado febril e inquieto que se assemelha nos princípios de temporada ao possível cansaço enervado dos fins de época.

O que mais falhou no conjunto desta representação de estreia, foi a convicção, a compenetração da interpretação geral, e também a unidade cénica. Não é preciso um grande esforço para se chegar á conlusão de que o contrário é que seria para admirar. Os abundantes coros não podiam dominar todas as situações, o naipe dos 1.os tenores, sobretudo; as exigências de cena seriam parcialmente insoluveis; a costumada lufa-lufa da preparação do espectáculo não permitiria evitar as correrias nos bastidores e as indicações de regência de cena que transpuzeram largamente a rampa. A indumentária é que foi inferior ao que temos visto noutras solenidades de grande aparato; e a Orquestra Sinfónica Nacional podia — ou poderia? — fazer melhor, quando detém planos principais, sobretudo; mas é impossível que não afecte a segurança do seu trabalho o numero insuficiente de instrumentos de corda; da falta de redondeza dos metais, não sabemos que causa culpar; em todo o caso, a orquestra de um modo geral sublinhou bem o desempenho vocal, e não foi só por falta de numero que se apagou em certas ocasiões em relação aos intérpretes de cena, (o que consideramos um erro, wagnerianamente falando, mas erro naturalmente imposto pelas circunstancias).

Cada cantor solista, de per si, consegue belos desempenhos dos seus papéis, também não todos e em tudo inteiramente perfeitos, mas seguros, e de relevo, valorizados por uma certa homogeneidade de conjunto que soube e pôde superar o atabalhoamento, ou a parali- Seguindo a ordem de entrada, começamos pelo «Arauto». Alfons Holte, que não parecia muito feliz nos seus trajes mas que tem uma voz sã. Arnold Van Mill, bem nosso conhecido, denunciou-se no desempenho do rei Henrique como um temperamento mais romantico de que dramático, com inflexões que o seu belo timbre de voz dispensava, nesta obra que tem por si como um dos seus mais altos valores o hieratismo. A figura sinistra de Frederico de Telramundo foi logo de entrada desenhada e caracterizada com propriedade por Frans Anderssen, realizando um grande trabalho de especiais dificuldades no longo dueto do 2.º acto com Ortruda; e Frans Anderssen consegue ressalvar a violência vocal, que valoriza pelo timbre bem escurecido da voz. A ainda mais sinistra Ortruda teve por intérprete outra nossa desconhecida, Walburga Wegner, que pouco mais tem do que uma presença muda no 1.º acto, mas bastante para indicar-nos a sua inteligência e o vigor dramático do seu temperamento, apesar da figura relativamente franzina; no mesmo infindável dueto com Frederico, no 2.º acto, alcançou toda a veemência desejada, defendendo-se dignamente da sua qualidade de timbre não inteiramente adequada ao papel.

Chegamos á ideal figura de Elsa da Brabante, que Wagner, ou o mito por ele colhido, sacrifica a reacções mentais muito terrestres, e ao impoluto protagonista. Gré Browenstijn marcou uma entrada feliz como segurança e compreensão, mas a sua acertada transparência sonhadora do 1.º acto não foi bastante transfigurada pelo aparecimento de Lohengrin; já foi inteiramente comunicativo o seu enlevo no 2.º acto, mas o contraste com Ortruda não foi muito vincado; Gré Browenstijn atingiu, pelo contrário, toda a necessária gama de valores dramáticos no grande e inalterávelmente formoso dueto com Lohengrin, no 1.º quadro do 3. acto.

Lohengrin, que Wagner mais acarinhou do que maltratou com as suas proverbiais exigências de meios de interpretação, teve em Sandor Kónya a anunciada realização de excelsa categoria, com todos os requisitos de untuosidade e de sobrenatural presença, e tão seguro de si, que atravessou toda a comprida partitura sem uma beliscadura nos seus constantes cuidados de pormenorização, sobrenadando na palidez atabalhoada que timbrou o ultimo quadro. Só discordamos do seu execsso de branco rosado na caracterização do rosto, agravado ainda pelo estilo, falso quanto á nosa opinião, da cabeleira.

Teremos ocasião de retomar o fio das nossas considerações sobre esta montagem, e alguns dos tantos pormenores que a representação nos sugere, depois da anunciada representação no Coliseu, em boa hora determinada. A força magestosa de Wagner, a magia da sua orquestra, a riqueza das suas abundantes combinações corais, a caracterizada oposição do bem e do mal, nas suas personagens principais, num desempenho honroso no total, hão-de impor-se largamente, a despeito das deficiências que entendemos não calar.

FRANCINE BENOIT

Atrás do reposteiro

- Conclui-se amanhã a temporada da companhia brasileira da actriz Cacilda Becker, no Teatro Monumental.
- Raul d'Além e Fernando de Oliveira concluiram uma fantasia infantil que está a ser musicada pelo maestro Alves Coelho (Filho) e que se destina á companhia Rafael de Oliveira.
- O grupo de bailados «Verde-Gaio» deve no corrente ano deslocar-se á ilha da Madeira, onde realizará espectáculos no Teatro Municipal.
- Foi adiada para melhor oportunidade a digressão á provincia, da companhia que está a actuar no Teatro Avenida, e que com êxito continua a representar a comédia «A mala da Bernardette».
- Pensa-se em levar á cena o original do dramaturgo brasileiro Pedro Bloch, «Os inimigos não mandam flores».
- O ensaiador Charles começa na próxima terça-feira a dirigir os ensaios de coregrafia da revista que a companhia que está no Sá da Bandeira, do Porto, apresentará no Variedades.
- O ilusionista português Conde de Aguilar continua em digressão pelo Norte de Angola.

Primeiras exibições

«Duas mulheres... dois destinos...», no Eden

Um filme de Michael Curtiz, com quinze anos, surgiu ontem no Eden, com a frescura de uma obra recente. O drama de um jovem musico que quebra o seu isolamento com a voz sonora e máscula do seu trompete é também, um pouco, a história acidentada do «jazz». Numa linguagem vigorosa, que tem sido repetida mas que, pela antiguidade da película, se revela aqui admirável, Curtiz marca poderosamente as figuras. Kirk Douglas, no protagonista, é uma máscara magnífica. Doris Day, numa das suas primeiras películas, é uma jovem cantora que se opõe, pela sua simplicidade, a uma *intelectual* primária. Lauren Bacall.

Bons documentários.—*L.*

«Júlia... a ruiva», no Avís

A mulher-criança, lançada nos ultimos anos por diversas cinematografias, e personificada, por exemplo, em Brigitte Bardot e Andrey Hepburn, cresceu e começou a ganhar desenvoltura. Et voilá Julie... la rousse! irrequieta, endiabrada, mas fria, quando é preciso, castigadora e tremendamente calculista. Para o publico português Pascale Petit vai ser uma gostosa revelação. O seu talento, emboora não explorado totalmente, é digno de grandes voos e talvez resista ao frágil vedetismo do novo cinema francês.

Com «Julia... a ruiva», Claude Beissol e Louis Lafforgue não nos dão um grande filme, mas proporcionam-nos uma boa noite com um divertimento engenhoso e de uma alegria saudável. Louis Lafforgue que além de argumentista é também o autor da musica e intérprete, possibilita-nos os mais divertidos «gags», como o do encontro do hotel, verdadeiramente de antologia.

A interpretação é da melhor qualidade e Daniel Gelin e Pascale Petit vivem com mestria os seus duplos personagens. Lafforgue é um cómico realmente divertido.

Em complemento, um clássico documentário policial, á inglesa.—*Visor K.*

Sessões clássicas

No Tivoli «Pandora» com Ava Gardner

Amanhã, ás 11 horas, no Tivoli, é exibido o filme «Pandora», de Albert Lewis, magistralmente interpretado por Ava Gardner, James Mason e Nigel Patrick.

Aproveite para vêr!

Só hoje e amanhã. Últimos espectáculos da Grande Companhia de Circo. Hoje podem assistir crianças. As maiores atracções da actualidade. Kinito, o Rei da alegria. Amanhã, à tarde e à noite, últimos espectáculos

Não há palavras que possam classificar a carreira notável e extraordinária da Grande Companhia de Circo que dá os seus ultimos espectáculos hoje e amanhã no Coliseu.

Hoje, podem assistir crianças a partir dos 6 anos para ver Kinito, o Rei da gargalhada e da fantasia e ainda ciclistas, malabaristas, escada aérea, ursos japoneses, saltadores acrobatas, icarios, equilibrio em corda tensa, trapezista, pêndulo humano e duas parelhas de palhaços cheios de bom humor e de graça inexcedível. Amanhã, á tarde, entrada gratuita ás crianças até 10 anos e á noite, ultimo espectáculo para despedida da Companhia.

Vida artística

Exposição António de Carvalho na Voz do Operário

Prosseguindo no seu programa de actividades culturais, é inaugurada amanhã, ás 21 e 30 horas, na Voz do Operário, uma exposição de desenhos do artista António de Carvalho.

A referida exposição estará patente ao publico até 17 do corrente, das 21 ás 24 horas.

As medas comemorativas do centenário do Infante

(Continuação da 1.ª página)

montantes de 10 a 12 contos, por todas as delegações do continente e das ilhas adjacentes.

Como, porém, há muitos coleccionadores, ansiosos por obter as novas moedas, tem-se registado no Banco de Portugal excepcional afluência de pessoas, interessadas na aquisição da colecção.

O Banco de Portugal recebeu, até agora, 1 400 contos em moedas de 20$00; 850 contos, em moedas de 10$00, e 1 000 contos, em moedas de 5$00, mas, dada a grande procura que têm tido e a circunstancia de o Banco só ceder cinco colecções a cada pessoa, começa a registar-se falta de moedas.

Esta manhã, esgotaram-se as moedas de 20 e 10 escudos, havendo apenas de 5$00. Não há memória de haver tanto interesse na aquisição destas moedas, nem o numero de coleccionadores se revelar tão elevado. E' claro que nem todos são coleccionadores, pois muitos esperam vender depois as colecções das moedas, ganhando 5 ou 10 escudos em cada uma, conforme o interesse dos coleccionadores e as suas possibilidades financeiras.

Na próxima segunda-feira, a Casa da Moeda enviará ao Banco de Portugal mais 600 contos de moedas de 20$00; 300 contos de moedas de 10$00 e 100 contos em moedas de 5$00.

O encalhe de um barco espanhol na costa algarvia

(Continuação da 1.ª página)

-mestre do arrastão, o mestre de pesca e o maquinista, que se recusaram a abandonar o barco, apesar de serem aconselhados a fazê-lo, pois, se o estado do tempo piorar e o arrastão adornar, as possibilidades de salvamento serão muito menores.

Ao contrário, se o temporal amainar, procurar-se-á desencalhar o barco.

O encalhe do barco

O «Sol y Luna», pesqueiro do alto, saíra ontem de Huelva, cerca das 8 horas. Navegando com mau tempo, e por avaria na sonda, devido á intensa serração, foi investir contra a ilha Armona, perto da Fuseta, mesmo em frente da casa do salva-vidas. A tripulação dormia e no convés estava apenas um vigia. Mas todos acordaram ao sentir o fundo do barco bater na areia.

Na povoação da Fuseta, terra de pescadores, o caso provocou emoção e alarme. De bordo foram atirados «very lights» solicitando socorro, enquanto através da aparelhagem de T. S. F. era solicitado o rebocador, para a hipótese de se poder desencalhar o «Sol y Luna».

Só três homens a bordo

Até ao meio-dia, dos quatro homens que ficaram a bordo foi recolhido mais um. Os três restantes permanecem no «Sol y Luna», considerando-se que as suas vidas não correm perigo. A tripulação do «Sol y Luna» é constituída pelo mestre, Teodoro Izquierdo, de Huelva; Manuel Martinez Inácio, também de Huelva; o motorista Sabino Spissua, de Bilbau; Marchon Massara, de Huelva; o motorista Benedicto Rodriguez, da Corunha; Raul Fernandez, de Huelva; Francisco Eugénio, de Lepe; Angel Rodriguez Diaz, de Huelva; José Perez Gervásio, de Huelva; Ramon Rodriguez Tenorio, de Huelva; José Corrales Ruiz, de Huelva; António Martinez Nuñes, de Cartaya; Raul Freire, de Huelva.

O «Sol y Luna» desloca 73 toneladas brutas e está coberto pelo seguro. Logo que o temporal amaine, com o auxílio dos rebocadores, tentará safar-se o barco.

Encerra-se amanhã

a exposição do presépio no Quartel do Carmo

Encerra-se amanhã, ás 21 horas, a exposição do presépio armado pelos soldados da Guarda Nacional Republicana no Quartel do Carmo.

O presépio está patente das 10 ás 21 horas, e a entrada do publico faz-se pelo portão da Calçada do Carmo.

ANÚNCIO

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO DISTRITO DE SANTARÉM ADMISSÃO DE CHEFE DE SECÇÃO

Para conhecimento dos interessados se anuncia que se encontra vago na Caixa de Previdência do Distrito de Santarém, com sede na cidade de Santarém, no Largo do Milagre n.º 51, um lugar de Chefe de Secção, o qual será provido em indivíduo do sexo masculino, licenciado em Direito ou em Ciências Económicas e Financeiras, ou em empregado ou ex-empregado das instituições de Previdência, habilitado com qualquer curso superior e que tenha prestado pelo menos dois anos de bom e efectivo serviço na categoria de chefe de secção ou de primeiro escriturário, respectivamente, mediante proposta da mesma instituição, sujeita á sanção de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social.

Os interessados deverão juntar ao respectivo requerimento o documento comprovativo de possuirem as habilitações necessárias. Os requerimentos deverão ser apresentados no prazo de 15 dias.

Santarém, 7 de Janeiro de 1960.

A DIRECÇÃO

PARAÍSO

UMA CASA A VISITAR

Novos sucessos em discos Durium

Little TONY em LONDRES

ep 3193 — Hey little girl / The Hippy hippy shake — Arrivederci baby / I can't help it

GASTONE PARIGI e seu quinteto

ep 3197 — Notte lunga notte / Noche de ronda cha cha cha — Cara, Amore, Tesoro / Cha cha cha les segrëtarias

EDOARDO LUCCHINA e sua orquestra

ep 3194 — MARINA / Nuvola per due — Arrivederci / Love in Portofino

MARINO MARINI e seu quarteto

ep 3192 — LISBONA MIA / Un Telegrama — MARINA / Sei Bella

À venda nas principais casas de DISCOS
Depósito—Rua Alexandre Herculano, 7—LISBOA

NECROLOGIA

FUNERAIS

D. Celeste dos Santos

ILHAVO, 9 — (Pelo telefone). — Efectuou-se o funeral da benemérita senhora D. Celeste dos Santos, viuva do oficial da Marinha Mercante sr António José dos Santos O féretro saiu da sua casa desta vila para a igreja matriz, onde foram rezados ofícios de corpo presente. Nele se incorporaram as crianças das escolas com os seus professores, bombeiros, escuteiros, irmandades, direcção do hospital e do asilo, direcção do Património dos Pobres e numerosas pessoas de todas as categorias sociais. A Camara Municipal fez-se representar pelo seu vice-presidente sr. João Fernandes Vieira e a Direcção Escolar de Aveiro pelo adjunto sr José Lavado Corujo.

Além de legados, no valor de centenas de contos, a outras instituições de beneficência, o seu testamento estabelece como unico herdeiro do remanescente de todos os seus bens, direitos e acções, o Património dos Pobres da Freguesia de Ilhavo, pelo que essa instituição de beneficência deverá receber alguns milhares de contos.

D. Elisa Ramos Pinto

ALHAIS (Vila Nova de Paiva) 9. — Vítima de atonia muscular, que há cerca de 2 anos a prostrara no leito, faleceu a sr.ª D. Elisa Ramos Pinto, dedicada irmã do padre Manuel Ramos Pinto, presidente da Camara Municipal de Vila Nova de Paiva. O funeral da bondosa senhora, que contava 75 anos de idade, constituiu verdadeira expressão de pesar e homenagem ás suas excelsas virtudes.

D. Filomena da Fonseca Oliveira

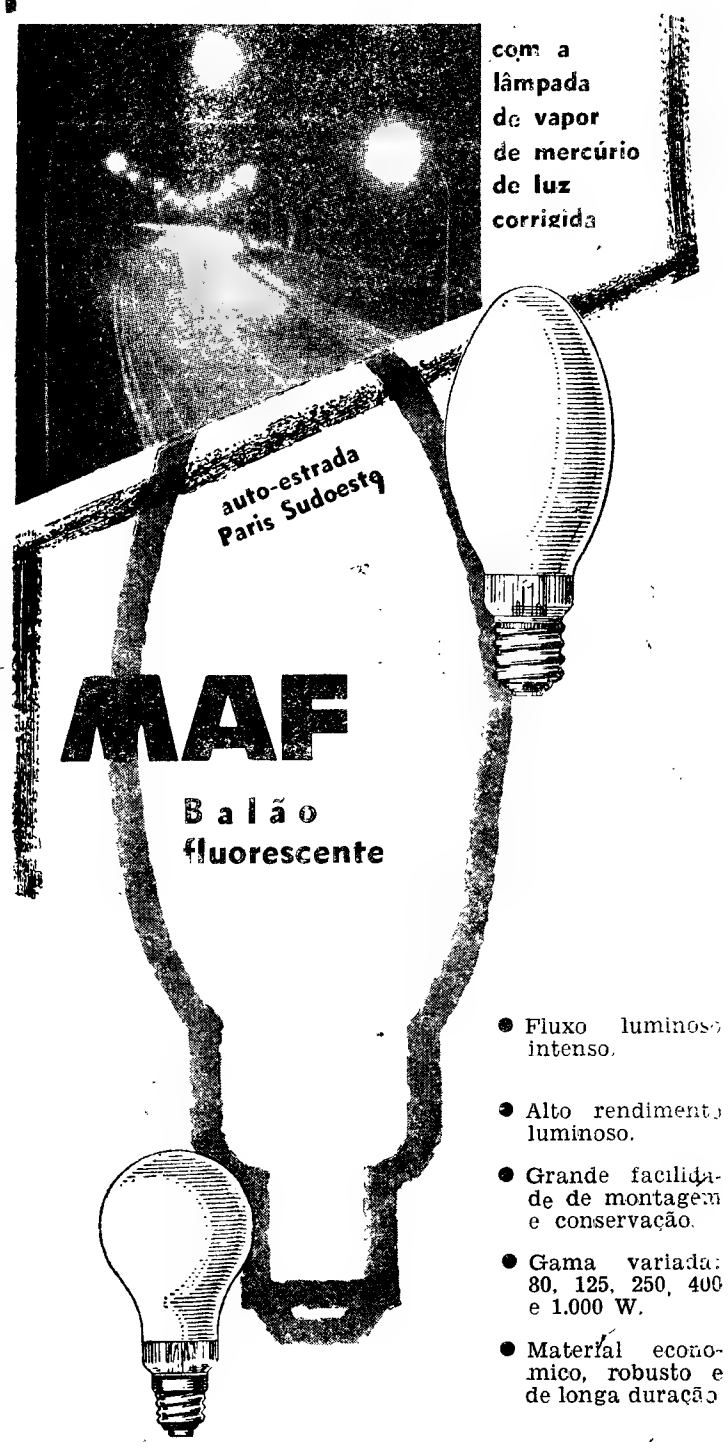
SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 9. — Com enorme acompanhamento realizou-se para o jazigo de família do cemitério desta paróquia o funeral da sr.ª D. Filomena da Fonseca Oliveira, da casa da Senra. A saudosa extinta era viuva, sendo mãe da sr.ª D. Lourença da Fonseca Oliveira e avó do sr. Álvaro da Fonseca Oliveira, do sr. engenheiro José da Fonseca Oliveira, da sr.ª D. Celeste e do sr dr. Almerindo de Almeida Eça.

SUFRAGIOS

António Lourenço Fernandes

Sufragando a alma de António Lourenço Fernandes, sua viuva, sr.ª D. Dilar Maurício Fernandes, manda celebrar amanhã, ás 10 horas, na igreja de S. Paulo, missa de trigésimo dia.

2 vezes mais luz pelo mesmo consumo



- Fluxo luminoso intenso.
- Alto rendimento luminoso.
- Grande facilidade de montagem e conservação.
- Gama variada: 80, 125, 250, 400 e 1.000 W.
- Material economico, robusto e de longa duração

LAMPE MAZDA

DELEGADOS

Agência Geral de Material Eléctrico, Lda.

R. dos Industriais, 4-1.º—às Cortes—Lisboa—Telefones 660692-660604-666082

A esferográfica Parker T-Ball

A diferença reside na qualidade Parker

É possível que outras esferográficas custem um pouco menos mas quantas há que possuam uma tão generosa reserva de tinta?

A esferográfica Parker T-BALL possui uma recarga que escreve *cinco vezes mais* do que a de qualquer outra esferográfica vulgar.

Já alguma vez comprou uma esferográfica barata correndo o risco de gastar muitas vezes o valor do custo em recargas de curta duração?

Isso não acontecerá quando possuir uma esferográfica Parker T-BALL visto ser esta a famosa esferográfica que escreve cinco vezes mais do que as outras com uma só recarga. E as recargas seguintes — à venda no seu fornecedor Parker em quatro grossuras e cinco cores de tinta — são baratíssimas. Todas elas possuem em exclusivo a ponta de textura porosa T-BALL que assegura maior duração e grande suavidade de escrita.

A esferográfica Parker T-Ball

UM PRODUTO DE THE PARKER PEN COMPANY

No. 9-B642

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL:

VIALGA, Representações SARL — Av. António Augusto de Aguiar, 90-7.º

Telef. 733254 — LISBOA

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO — Encontram-se a pagamento as unicas ou primeiras prestações das seguintes contribuições e impostos:

Contribuição Industrial — Grupos A, B e C; Contribuição Predial; Imposto Profissional — Profissões Liberais, Empregados por Conta de Outrem e Assalariados cujo desconto não tenha sido feito com folhas de férias; e *Imposto s/ Aplicação de Capitais — secção A.*

LICENÇAS — Pagam-se no corrente mês: *Acendedores e Isqueiros* (os titulares de licenças do ano anterior têm tolerancia no uso do acendedor sem licença até ao dia 15 deste mês); *Tabaços; Imposto de Transito* de animais de carga ou sela, de veículos não automóveis, de bicicletas sem motor e triciclos; *Uso e Porte de Arma; Contrastaria;* no Governo Civil: *Porta aberta; Jogos Lícitos; Toques de Musica e Aguas Minerais.*

VEICULOS AUTOMOVEIS — Devem ser manifestados até ao dia 15 do corrente nas Camaras Municipais.

ESTRANGEIROS — *Visto anual* Os maiores de catorze anos residentes em Portugal devem apresentar os seus documentos de residência ao visto; *Empregados* — Todas as empresas devem enviar á P. I. D. E. uma relação nominal, em duplicado, dos estrangeiros ao seu serviço.

IMPOSTO DE COMPENSAÇÃO — Paga-se a primeira prestação deste imposto, lançado aos veículos automóveis que utilizam combustível de procedência estrangeira diferente da gasolina.

IMPOSTO DE CAMIONAGEM — Deve pagar-se até ao dia 20 o imposto devido pelas carreiras regulares de serviço de aluguer de transporte de mercadorias e passageiros, respeitantes ao mês findo.

FUNDO DO DESEMPREGO — Termina no dia 10 o prazo do seu pagamento.

MATRIZES PREDIAIS — Estão patentes ao exame dos contribuintes durante o mês corrente.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL — Está patente ao publico interessado o lançamento desta contribuição para efeitos de conferência ou de reclamação contra os elementos respectivos, se for caso disso.

RECLAMAÇÕES — *Prédios devolutos:* pode apresentar-se a reclamação para a anulação dos correspondentes duodécimos da colecta, respeitantes a prédios ou andares, devolutos durante o ano de 1959; *Conhecimentos:* — pode reclamar-se o seu desdobramento por se acharem indevidamente agrupados por dois ou mais contribuintes. *Lançamento:* — pode reclamar-se contra o da Contribuição Predial desde que se verifique estar errado. *Contribuição Industrial e Imposto Profissional:* — deve reclamar-se sobre as anulações de colectas respeitantes a anos posteriores áquele em que se tiver verificado a cessação de factos tributários.

IMPOSTO PROFISSIONAL — ASSALARIADOS — As entidades patronais devem entregar nas secções de finanças, até ao dia 15, as reclamações dos descontos efectuados durante o ano de 1959.

IMPOSTO DE CAPITAIS, Secção A: — Deverão pagar durante este mês o imposto respeitante a juros e dividendos recebidos no mês anterior; *Jornais e Periódicos:* — termina no dia 10 o prazo para solicitarem as guias e devem fazer o pagamento imposto até ao dia 15; *Companhias de Seguros:* — Devem apresentar na I. G. S., até ao dia 15, uma nota da liquidação da receita processada no semestre antefrior, líquida de estornos e anulações e pagar o imposto até ao dia 30, enviando um exemplar da guia áquela entidade até ao dia 5 de Fevereiro.

ACÇÕES CADUCADAS E DIVIDENDOS PRESCRITOS: — Deverão ser apresentadas nos meses de Janeiro e Fevereiro as relações que compreendam os valores, depósitos e créditos caducados até 31 de Dezembro de 1959, ou certificados negativos, apresentação que se fará nas secções de finanças da área da sede da companhia, sociedade ou banco.

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» noticiava no dia 9 de Janeiro de 1930 a aparição de um novo livro de Norberto de Araujo, «Passa longe o Amor», e dizia: «A sensibilidade de Norberto de Araujo, ao mesmo tempo ardente e delicada, impetuosa e calma, tem neste seu livro notas de uma vibração e de um sentimento que perturba e comove. Consagramos-lhe a admiração e o carinho que merece».

EFEMÉRIDES

No dia 9 de Janeiro de 1822 foi por D. Pedro pedida a independência para o Brasil.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — Às 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Rádio rural; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Às 19, Trechos em piano, por Georges Liberace e conjunto; 19 e 15, Emissão infantil; 19 e 45, A Orquestra de Billy Vaughan; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica de «jazz», pela Orquestra de Georgie Auld; 20 e 30, Album musical; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Canções de Itália; 21 e 30, Ritmos sul-americanos; 21 e 45, Serão para trabalhadores, transmitido do ginásio do Liceu Camões. No intervalo: Selecção da ópera «Porgy and Bess», de Gershwin, ao piano Luciano Sangiorgi; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B» — Às 19, Palestra por Maria de Carvalho; 19 e 10, «Trio n.º 1», de Schubert; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Nono programa do Festival Setembro Musical de Montreux; 20 e 45, Musica para guitarra clássica: «Granada», da «suite espanhola n.º 1», de Albéniz; «Fandaguillo», de Joaquim Turina; «Homenagem para o Tumulo», de Debussy, de Manuel de Falla; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, «Cantos da Prisão», de Dallapicola; 21 e 45, Tempo de poesia; 22, Ciclo «Sonata»: «Sonata n.º 4, em lá menor, op. 25», de Beethoven; 22 e 20, Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45, Que quer ouvir?: «Romance em fá maior, op. 56», de Beethoven; 2.º acto e final da ópera «O Barbeiro de Sevilha», de Rossini; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — ÀS 18, Teatro de brincar; 18 e 45, Ritmos de baile; 19, Orquestras e canções; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 21, Solistas; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 50, Curso de língua inglesa; 22, Imagens por musica; 22 e 15, Brasil; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Cançonetas; 23, Concerto, programa de divulgação; 23 e 30, Mário Lanza; 23 e 45, Noticiário; 2, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Às 18 e 15, Musica seleccionada; 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 5, Boletim religioso; 19 e 10, Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25, Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20 e 15, Separador musical; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, Encontro com o «jazz»; 21 e 30, Fados; 21 e 40, Rádio rural; 22 e 5, Quando o telefone toca; 22 e 45, Noticiário; 23, A 23.ª hora.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Às 20 e 30, abertura; 20 e 32, «Telejornal» (1.ª edição); 20 e 50, programa juvenil; 21 e 50, «Portugal de Além-Mar» (programa dedicado ás províncias ultramarinas, com a colaboração do Centro Cultural Goês); 22 e 10, «Viagens sem passaporte: A Holanda»; 22 e 25, Edison Marinho e a sua orquestra, com a colaboração de Manuel Serrano; 22 e 45, «Teledesporto»; 23, «Telejornal» (2.ª edição); 23 e 15, «Naquele tempo...», pelo cónego dr. António dos Reis Rodrigues.

SESSÃO CULTURAL

Na Escola Francisco Arruda, haverá esta noite, uma sessão cultural, em que colaborará o escritor Loureiro Botas.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO E — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Universitária — Rua O, 29-D, Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria), Tel. 778953; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, (Junto á Avenida Brasil), Tel. 765262; Europa — Estrada da Portela, lote 5-A, a Alvalade (Pote de Água), Tel. 710131; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Avenida de Berna, 24-B (Junto á Igreja de Fátima), Tel. 763107; Sá da Bandeira — Avenida Duque de Ávila, 203-B, Tel. 41961; Cardeira — Avenida Duque de Ávila, 32-C, Tel. 43495; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da «Maternidade» e do «Avis Hotel»), Tel 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45578; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Tel. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Véritas — Rua da Misericórdia, 132, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 10 — 1 (3m,45); 13 e 20 (3m,40).
Dia 11 — 1 e 44 (3m,57); 14 e 2 (3m,48).

BAIXA-MAR

Dia 9 — 18 e 19 (1m,52).
Dia 10 — 6 e 44 (1m,49); 19 e 2 (1m,43).
Dia 11 — 7 e 22 (1m,37); 19 e 40 (1m,32).

SERÃO PARA TRABALHADORES

Passando hoje o dia de São Julião, patrono dos profissionais da industria hoteleira, a F. N. A. T. organiza, a partir das 21 e 30, no ginásio do Liceu Camões, um serão, dedicado aos sócios do Sindicato Nacional dos Profissionais na Industria Hoteleira e Similares.

CONFERÊNCIAS

O professor e inspector do ensino liceal dr. António Martins Afonso proferiu, esta tarde, na sala dos conselhos do Liceu Normal de Pedro Nunes, uma conferência, intitulada «Impressões de uma recente peregrinação por terras de Angola. A paisagem natural e humana».

FESTAS ASSOCIATIVAS

Hoje á noite, haverá, na Casa do Minho, na Rua Vítor Cordon, 14, um baile, abrilhantado pela orquestra de José Barreiros, no decorrer do qual o grupo coral cantará os «Reis» e a «Esturdia minhota»; e também haverá festas com um conjunto musical, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, na Rua Silva Carvalho, 225, e na Casa das Beiras, com variedades.

EXPOSIÇÕES

Hoje, ás 18 horas, a pintora Alga inaugura, no Hotel Tivoli, uma exposição dos seus trabalhos.

Às 22 horas, inaugura-se, na sede da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», a quinta exposição de desenho de António Carvalho.

JANTAR DE PROFESSORES

Hoje, ás 20 horas haverá, na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, um jantar de confraternização, promovido por professores primários alentejanos.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — Às 21 e 45 — «Diálogos das Carmelitas».
MARIA VITORIA — Às 20 e 30 e 22 e 45 — «Tudo na Lua».
MONUMENTAL — Ás 21 e 45 — «O Santo e a porca».
AVENIDA — Às 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
TRINDADE — Às 21 e 45 — «12 homens fechados».
CAPITOLIO — Às 21 e 45 — «Moral em concordata».
COLISEU — Ás 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «A amada infiel».
S. LUÍS — «O corsário Lafitte».
S. JORGE — «Vidas separadas».
IMPÉRIO — «Quase nos teus braços».
EDEN — «Duas mulheres... Dois destinos!».
POLITEAMA — «Rio bravo».
MONUMENTAL — «Eu seja cão!...».
ODEON — «O caso de uma adolescente».
ALVALADE — «O corsário Lafitte».
CONDES — «O maior circo do Mundo».
ROMA — «Europa de noite».
AVIS — «Julia... a ruiva».
RESTELO — «O terror dos bárbaros».
JARDIM — «As sete colinas de Roma».
IDEAL — «Uma nação em marcha».
PROMOTORA — «As noites de Cabiria».
CAMPOLIDE — «Herança de honra»
CINE CHABY (Algueirão) — «Feitiço ardente».

TAUROMAQUIA

Touros em Lourenço Marques

No segundo espectáculo desta temporada lidaram touros dos herdeiros de Emilio Infante, magros como os da primeira tarde, o cavaleiro Brilha de Matos, que deu volta á arena, e os novilheiros Felix Noble e Durão também com volta á arena, e Barroca, com duas voltas. Bregando foram aplaudidos João Romão, Carlos Raimundo e Ludovino Bacatum, este especialmente. Pegaram bem os vila-franquenses José Lourenço e Mendes de Almeida, que acompanharam Brilha de Matos nas voltas á arena.

Em Manaus e na Coreia

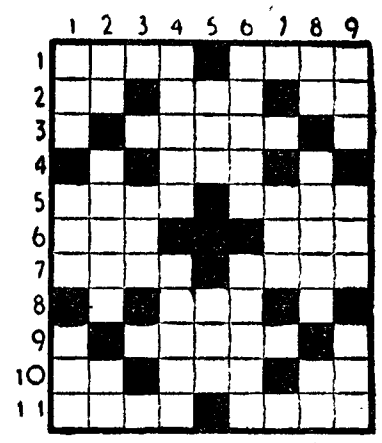
Os jornais brasileiros dão noticia da corrida de touros efectuada em Manaus, numa praça com lotação para sete mil pessoas, com os novilheiros Juan Bravo, Silvio Romero e Jorge Romero, e o «Indio Apache», António Augusto, que foi o triunfador.

Anuncia-se também corridas de touros na Coreia, promovidas por Alfredo Ovelha, que se encontra nas Filipinas há três anos e se propõe estender a sua actividade a paragens mais longinquas.

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1828



HORIZONTAIS: 1 — Aquele que. Freguesia do concelho de Torres Vedras. 2 — Algarismo. Olé. Céu. 3 — Insiste. 4 — Rilhe. 5 — Caixa de madeira forrada para roupas. Afluente do rio Lis. 6 — Eiró. Rente. 7 — Freguesia do concelho de Castelo Branco. Rio que faz parte da fronteira entre Portugal e Espanha. 8 — Tília. 9 — Freguesia do concelho da Figueira da Foz. 10 — Comparecer. Colorido. Utensílio de lavoura. 11 — Perseguição. Composições poéticas.

VERTICAIS: 1 — Pronome relativo. Pronome pessoal. Textualmente. 2 — Arvore de Damão. Serra de Portugal. Batráquio. 3 — Rio de França. 4 — Reduzira a farinha. Acomete. 5 — Atilho. Nome de homem. 6 — Linha secundária de caminho de ferro. Corpo simples, gasoso, de cheiro sufocante e activo. 7 — Estava. 8 — Em a. Elos. Pretexto. 9 — Sapo do Amazonas. Pega. Porém.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1827

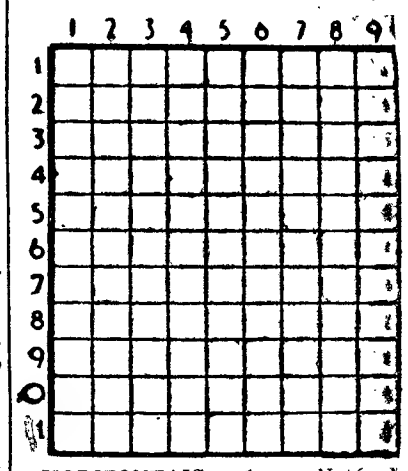
HORIZONTAIS: 1 — Vias. Orce. 2 — A. Rompe. 3 — CL. Meã. Em. 4 — Ais. Ara. 5 — VENTURA. 6 — Loira. 7 — Apa. Mim. 8 — Roda. Dará. 9 — Duas. Ural. 10 — AC. Por. II. 11 — Soba. Assa.

VERTICAIS: 1 — Vaca. Pardas. 2 — LIV. POUCO. 3 — Ar. Selada. 4 — Som. No. Aspa. 5 — Mentia. 6 — Opa. Ur. Dura. 7 — Ré. Aramar. 8 — Era. Irais. 9 — Erma. Amália.

(Provérbio: A VENTURA POUCO DURA).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3876



HORIZONTAIS: 1 — Notável pintor português, autor de um admirável «Santo António». 2 — Artigo definido. Além disso. 3 — Nação. Preposição latina que indica movimento. 4 — Utensílio. Demios. 5 — De alto preço. Deus dos pastores. 6 — Lavram. Espaço. 7 — Preposição. Redimi. 8 — Ponta acerada. Em partes iguais. 9 — Prefixo de negação. Nome de mulher. 10 — Comer á noite. Preposição e artigo. 11 — Angustias.

VERTICAIS: 1 — Animal doméstico. Planície. 2 — Artigo definido. Parceiro. Certo. 3 — Quieta. Entre nós. 4 — Certa. Goste muito de. Prefixo que designa ar. 5 — Vila e concelho do distrito do Porto. Rei dos Amalecitas, vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. 6 — Outra vez. Parceiro. Sapo do Amazonas. 7 — Campeão. Enjoar no mar. 8 — Nesse lugar. Nome de mulher. Oferece. 9 — Mandai. Obstáculo.

Solução do problema n.º 3875

HORIZONTAIS: 1 — Eram. Atar. 2 — Nota. Lide. 3 — Acata. 4 — Ea. Ora. Da. 5 — Aru. Lar. 6 — Destacara. 7 — Ao. Oc. 8 — Licores. 9 — Mi. Are. Em. 10 — Aço. Ana. 11 — Lara. Alão.

VERTICAIS: 1 — Enseada. Mal. 2 — Ró. Are. Liça. 3 — Ata. Usal. Or. 4 — Maço. Toca. 5 — Aria. Ora. 6 — Alta. Core. 7 — Tia. Lace. Al. 8 — Ad. Dar. Sena. 9 — Reparas. Mão.

PARAÍSO
PARA A DECORAÇÃO DO SEU LAR
RUA DA VITÓRIA, 44 TELEFONE 36 85 04

BEBA BARRITOS
VERMUTE INDIVIDUAL

As experiências no Pacífico anunciadas pelos Sovietes podem ser o prelúdio do envio de um homem ao Espaço

WASHINGTON, 9 — Nas esferas oficiais americanas entende-se que o facto da U. R. S. S. ter decidido proceder a experiências de lançamento de «superfoguetões» para o Oceano Pacífico, indica que o fosso que separa os Estados Unidos e a União Soviética, em matéria de foguetões, se alargou ainda mais.

No entanto, e passado o primeiro momento de surpresa, é opinião das referidas esferas que o gesto soviético está conforme com as leis da guerra. Políticamente, Moscovo parece ter considerado oportuno o momento para mostrar ao Mundo que o Oceano Pacífico deixou de ser um polígono de experiências balísticas exclusivamente americano.

O Governo russo, com efeito, apressou-se a lembrar aos Americanos que a União Soviética em breve irá lançar foguetões muito maiores que os primeiros «sputniks», e com «cargas uteis» que ultrapassam em muito as possibilidades imediatas dos Americanos. As ultimas manifestações da supremacia dos Russos sobre os Americanos em matéria de exploração do espaço terão muito em breve as suas repercussões na política interna dos Estados Unidos, onde os democráticos lançarão uma ofensiva com base no tema da fraqueza da técnica americana. O presidente Eisenhower bem o previa, pois na mensagem de quinta-feira acentuou com muita insistência as qualidades do foguetão «Atlas», e as esperanças que se podem ter noutros engenhos americanos. — (F. P.).

Conjecturas sobre os objectivos da U. R. S. S.

WASHINGTON, 9 — Em relação á notícia dada pelos Russos, de que entre 15 de Janeiro e 15 de Fevereiro deveria ser considerada perigosa e interdita á navegação uma área de 45.000 milhas quadradas a Oriente das ilhas Marshall, surgiram já comentários muito dispares.

Fontes oficiosas pretendem que a nova série de experiências com foguetões que os Soviéticos ali vão realizar é o preludio do lançamento de um homem no Espaço exterior.

Os cientistas norte-americanos, especulando com a notícia, declaram que os Russos podem ter em vista:

Experimentar e dar a afinação final a um sistema de recuperação de «cápsulas» tipo «Mercurio» — para tripulação humana. Verificar a eficiência de foguetões de enormes dimensões cujos impulsores poderiam ser constituidos por um jogo de vários motores-foguetes dos enormes tipos actualmente já em serviço na Russia. Estudar o aperfeiçoamento de andares superiores que se destinariam a melhorar muito a eficiência dos foguetões que actualmente utilizam. Verificar a precisão de foguetões militares cujas bases de lançamento estariam, possivelmente, na Península de Kamchatka.

Entretanto, houve apenas duas reacções oficiais. A Secretaria do Interior afirmou que quanto á segurança dos cidadãos norte-americanos não há motivo para preocupações. As ilhas habitadas mais próximas da área delimitada pelos Russos estão a uns 1.000 quilómetros — as ilhas Johnston.

A outra reacção veio da Marinha, que afirmou que naquela região qualquer barco de guerra norte-americano estaria apenas em missão de treino ou patrulha e não havia qualquer inconveniente em deslocá-lo para outras regiões. — (A. N. I.).

Intuitos políticos?

PARIS, 9 — Ao anunciarem as suas próximas experiências e indicarem ter escolhido, como campo de tiro, o Oceano Pacífico, os Russos provocaram em todo o Mundo tanta emoção como as suas proezas o ano passado.

Quatro pontos cardiais delimitam a zona que servirá de alvo ao superfoguetão, a qual terá 500 quilómetros de longo por 200 quilómetros de largo, no meio do arquipélago das ilhas Marshall.

O superfoguetão cairá, pois, a cerca de 5.000 quilómetros das costas da Ásia soviética, em águas que os Americanos consideram um pouco como suas, a poucas centenas de quilómetros de Eniwetok e Bikini, e a 2.000 quilómetros dos territórios franceses das ilhas de Wallis e Futuna.

Porque é que os Russos decidiram lançar o seu próximo foguetão, num dos mais famosos terrenos de experiência americanos? Não há, territórios suficientemente amplos para avaliar a capacidade dos seus engenhos e medir o alcance dos seus foguetões. A resposta a esta questão não pode talvez deixar de ser política. No dia seguinte ao discurso «O Estado da União», no qual o presidente Eisenhower lembrou o poder e a precisão dos engenhos americanos, os Sovietes entendem, sem duvida, dar provas, aos olhos de todos, da eficácia da sua artilharia, cujos fins tanto podem ser cósmicos como militares.

A demonstração anunciada tem o valor de propaganda política excepcional, pois significa que o poderio americano no Pacífico tem um rival e que a presença da U. R. S. S. se fará de futuro sentir nos mares da Ásia e no próprio continente. — (F. P.).

Os Russos descrevem a zona escolhida

MOSCOVO, 9. — O Ministério da Marinha expôs, a pedido da «Tass» as características do sector do Pacífico em que, segundo as suas previsões, deve poisar o superfoguetão russo:

«Essa região fica bastante afastada das rotas marítimas habituais e das ilhas. A sua superfície é de cerca de 43.000 milhas quadradas, com predominancia das grandes profundidades (mais de 5.000 metros). As ilhas que se encontram nas paragens são atolos de coral. O mais próximo destes atolos é o de Palmira a 250 milhas de distancia. Outro atolo, o Johnston, situa-se a 400 milhas e não existe qualquer outro ponto de terra firme naquela zona. A parte do Pacífico em causa é pobre em flora e fauna: esta a razão por que não é práticamente visitada pelos barcos de pesca».

«O Pacífico é célebre pelos seus tufões, mas na região referida, são raros. Em contrapartida, registam-se ali fortes chuvas tropicais» — (France Presse)

Está próxima a explosão no Sahará

LONDRES, 9 — Um informador da B. O. A. C. declarou ter aquela companhia britanica de aviação recebido dos serviços de informação do Ministério da Aeronáutica francês, uma circular avisando-a de que um pré-aviso de 12 horas poderá ser-lhe enviado com vista a modificar eventualmente o percurso de algumas das suas linhas de Africa, em virtude da próxima explosão nuclear francesa no Sahará.

Uma vasta «zona de perigo» foi demilitada para o efeito no centro da Africa Ocidental Francesa.

O informador esclareceu que certos voos, nomeadamente, os para Kano, Lagos e Accra poderiam vir a ser atingidos pela proibição eventual de voo sobre uma vasta zona.

Declarou, porém, haver uma alternativa, não sendo necessária nenhuma alteração no percurso: a dos aparelhos voarem a altitudes superiores a 3.000 metros.—(F. P.).

O presidente Nasser colocou a primeira pedra da barragem de Assuão

ASSUAO, 9. — O presidente Nasser colocou a primeira pedra da alta barragem de Assuão — informa a radiodifusão egípcia, em transmissão directa. O chefe de Estado tinha ao seu lado o rei Mohamed V e Chukri Kuatli, «primeiro cidadão árabe», que imitaram o gesto do presidente e colocaram por sua vez uma pedra simbólica. Depois, os convidados deitaram num cofre de madeira moedas dos seus países respectivos, «símbolo da solidariedade e da fraternidade árabes»; no mesmo cofre, foram introduzidos um Corão e documentos relativos á alta barragem, com as armas da R. A. U.

O presidente Nasser e seus convidados posaram a seguir para os fotógrafos da Imprensa e as camaras da TV, regressando finalmente á tenda de campanha onde a cerimónia prosseguiu com a leitura de alguns versículos do Corão.—(F. P.).

A unificação dos países árabes

CAIRO, 9 — Escreve o «Akhbar el Yom» que na conferência de ontem com o presidente Nasser, o rei de Marrocos teria manifestado empenho numa reunião dos chefes de Estado árabes com o propósito de estudar a unificação dos países árabes. — (F. P.).

O inquérito acerca da «matança de Lemberg»

HAIA, 9.—O ministro dos Refugiados da Alemanha Federal, Th. Oberlander, chegou esta manhã a Haia, seguindo pouco depois viagem com destino secreto, a fim de ser interrogado por uma comissão de inquérito ás «matanças de Lemberg» (Polónia), em 1941, em que pereceram 34 000 pessoas. Sabe-se que Oberlander havia sido acusado de participação activa naquelas chacinas, acusação que o ministro rejeita categoricamente.

Por iniciativa da organização alemã de resistência, «Zentral verband von deutschen widerstandskaempfer», criou-se uma comissão de inquérito, sem carácter oficial, mas aprovada pelo próprio Oberlander, dirigida por R. K. van Staal, presidente de uma organização de resistentes holandeses, conta membros noruegueses, dinamarqueses, belgas, suíços e holandeses. O ministro dos Refugiados não alegou a sua qualidade oficial para deixar de comparecer perante essa comissão á qual foram apresentadas acusações provenientes da U. R. S. S. e da Alemanha Oriental.—(France Presse).

AÇORDA DE SÁVEL
FAMOSO PRATO
do Ribatejano de Salvaterra

VÁ TODOS OS DIAS AO
Restaurante «Imperial» do Carregado
Prato da casa: «Ensopado de enguias»
Diferente de tudo
Telef. 21

Campeonato de Reservas da A. F. L.

O Sporting é virtual campeão por ter vencido o Estoril (7-1)

Prosseguiu esta tarde o campeonato de reservas da A. F. L., que está já no seu termo. O Sporting mercê da sua vitória sobre o Estoril ficou, virtualmente, apurado vencedor da prova.

Damos breves notas sobre os jogos efectuados esta tarde:

Sporting, 7-Estoril, 1

Jogo no campo de treinos do Estádio de Alvalade sob a arbitragem do sr. Virgilio Salgado.

As equipas alinharam:

SPORTING — Carvalho; França e Valente; Ferreira Pinto, Galaz e Juca; Carlitos, Óscar, Monteiro, Carlos Manuel e Romeu.

ESTORIL — Carvalho; Batalha e Hilário; Eduardo, Martins e Aragão; Matos, Espanhol, Felix, Rosales e Américo.

O Sporting começou desde o início a mostrar-se superior, mas essa supremacia só teve concretização num lance infeliz de Hilário, jogador do Estoril, que ao quarto de hora meteu a bola nas próprias redes.

Os visitantes reagiram animosamente.

Entretanto, aos 25 minutos, Beijinho substituiu Batalha, na equipa do Estoril, e, pouco depois Juca saiu para dar lugar a Peiroteo.

Os Estorilistas, continuando a jogar com entusiasmo, empataram aos 36 minutos, graças a um remate, de cabeça, de Felix.

Ao intervalo: Sporting, 1-Estoril, 1.

Na segunda parte, os «leões» dominaram ininterruptamente e fizeram mais seis golos, por intermédio de Romeu (2 minutos), C. Manuel (15 m.), Monteiro (20 e 21 m.), Romeu (27 m.) e Monteiro (42 m.).

No fim: Sporting, 7-Estoril, 1.

Benfica, 8-Olivais, 0

Jogo no Campo Grande, sob a arbitragem de Francisco Nogueira.

As equipas formaram: BENFICA — Barroca; Sidónio e Zézinho; Neto, Alfredo e Inácio; Vieira Dias, Mendes, Torres, Peres e Espírito Santo.

OLIVAIS — Nobre; Faustino e Frutuoso; Eugénio, Carlos Alberto e Valdemar; Mordido, Augusto, Pinho, Santos e Carvalho.

A primeira parte decorreu com vantagem do Benfica que, todavia, encontrou forte réplica do adversário. Aos 7 minutos, Inácio fez o 1.º golo dos «encarnados»; aos 18, Peres elevou para 2-0; e no ultimo minuto, Torres fixou o resultado da 1.ª parte em 3-0.

Na 2.ª parte, o Benfica continuou a dominar abertamente e obteve mais cinco golos por intermédio de Peres (2), Torres (2) e Mendes, respectivamente, aos 8, 11, 18, 20 e 36 minutos.

Ao fim: Benfica, 8-Olivais, 0.

Atlético, 0-Belenenses, 4

Jogo na Tapadinha, arbitrado por Arnaldo Conde e disputado pelos seguintes jogadores:

ATLÉTICO — Pimenta; Galinho e Barbosa; Fonseca, Henriques e Correia; C. Alberto, Mega, Apolinário, Pinto e Tomás.

BELENENSES — Nascimento; Bento e Carlos Silva II; João, Castro e Rosendo; Miguel, Tonho, Martinho, Chaves e Cunha Velho.

O Belenenses mostrou-se, desde o início, equipa mais bem apetrechada e, aos 8 minutos abriu o activo, Cunha Velho, de angulo dificil, atirou á baliza e quando Pimenta se fazia ao lance, Correia apareceu e introduziu a bola na sua própria baliza.

O Atlético procurou reagir, mas o seu ataque foi sempre excessivamente frágil e, aos 28 minutos, os «azuis» voltaram a marcar por Tonho. Aos 33 minutos, Marques entrou para o lugar de Pinto, no Atlético, e, no ultimo minuto, Tonho voltou a marcar, pelo que ao intervalo: Atlético, 0-Belenenses, 3.

No começo da segunda parte as duas equipas mudaram de guarda-redes: John, no Belenenses, e «Fura», no Atlético, passaram a ocupar as balizas.

A segunda parte revelou dois grupos apostados em jogar mal. Ainda assim, a menos má foi a dos «azuis», que logrou a vantagem de mais um tento, feito por Martinho, aos 29 minutos.

Ao fim: Atlético, 0-Belenenses, 4.

Arroios, 0-Oriental, 8

Jogo no campo «Alfredo Marques Augusto», em Moscavide. Sob as vistas de Anacleto Gomes, os grupos formaram:

ARROIOS — Soares; Nuno e Figueira; Peres, Pires e Costa; Jacques, Baptista, Patrício, Borges e Augusto.

ORIENTAL — Arnaldo; Carvalho e Siborro; Cordeiro 2.º, Silva Costa e Postiço; Roque, Leitão, Jack, Pipas (depois Libório) e M. Ferreira.

A primeira parte decorreu com ligeira vantagem do Oriental, que obteve dois golos, sem resposta. Aos 7 minutos, Cordeiro abriu o activo e, aos 30 minutos, Leitão, em jogada irregular (ajeitou a bola com a mão) fez o 2.º golo. Ao intervalo: Arroios, 0 — Oriental, 2

Recomeçado o desafio, o Oriental lançou-se abertamente ao ataque e não mais deixou de dominar. Os golos foram aparecendo naturalmente: aos 15 minutos por Jack; aos 20, 21 e 23 e 41 por Postiço; e, aos 30, por Leitão.

Acabou: Arroios, 0-Oriental, 8.

Faleceu hoje o capitão António Cardoso inspector de Desportos

Esta manhã, repentinamente, faleceu o sr. capitão António Cardoso, inspector da Direcção-Geral dos Desportos e que desde Setembro de 1942 desempenhava as funções com geral agrado de todos os sectores desportivos, especialmente nas modalidades de futebol e pugilismo.

Natural de Viseu, contava 65 anos, e era casado com a sr.ª D. Horminda Pereira Cardoso e pai da sr.ª D. Maria Luisa Pereira Cardoso e do sr. António Sérgio Pereira Cardoso, oficial da Marinha.

O corpo foi trasladado, ás 13 horas, para a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, de onde sai amanhã, ás 10 horas, para o cemitério dos Prazeres.

MORREU Michel Gallimard

PARIS, 9. — Michel Gallimard, sobrinho do editor Gaston Gallimard, faleceu esta manhã, vítima do desastre de automóvel que também custou a vida a Albert Camus. — (F. P.).

NOVO EMBAIXADOR da Noruega em Lisboa

OSLO, 9. — Anuncia-se oficialmente, que o diplomata Christian Prahl Reusch, de 59 anos, foi nomeado embaixador da Noruega em Lisboa. — (A. N. I.).

AOS CONSUMIDORES DE GAZCIDLA

PELO FACTO DE A MAIORIA DOS ARMAZÉNS DOS NOSSOS REVENDEDORES LOCAIS, NOS CONCELHOS DE OEIRAS, CASCAIS, SINTRA E LOURES, NÃO REUNIR CONDIÇÕES BASTANTES QUE LHES PERMITAM O ARMAZENAMENTO DE QUANTIDADES SUPERIORES A 11 GARRAFAS DE 13 QUILOS DE GAZCIDLA, A **CIDLA** — COMBUSTÍVEIS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, S. A. R. L., COMUNICA QUE NÃO PODE TORNAR-SE RESPONSÁVEL PELA BOA REGULARIDADE DOS ABASTECIMENTOS DAQUELE COMBUSTÍVEL, DESDE QUE NÃO LHE SEJA REQUISITADO DIRECTAMENTE.

UTILIZANDO O POSTAL REQUISIÇÃO, SEM FRANQUIA, GRATUITAMENTE, FORNECIDO PELA **CIDLA**, QUALQUER CONSUMIDOR PODE TER O GAZCIDLA EM SUA CASA DENTRO DE **24 HORAS.**

UMA CHAMA VIVA ONDE QUER QUE VIVA

magazine

Diario de Lisbôa

NÚMERO 78

Diario de Lisbôa

No país do museus submersos

por LLOYD THOMAS

A arqueologia submarina como ciência nova nasceu no ano de 1901, data em que numerosas estátuas de mármore e um soberbo adolescente de bronze foi, com dificuldade, recuperado junto á ilha Anticythere por um grupo de escafandristas gregos trabalhando

a cinquenta metros de profundidade.

Mas o ramo mais importante desta nova ciência, a mais rica de promessas é a arqueologia naval. Os grandes navios mercantes foram sempre obra dos melhores técnicos da sua época, e representam, na variedade e qualidade das cargas que transportam, nos seus instrumentos de trabalho e nos objectos de uso das equipagens, uma exposição muito completa da civilização que os criou.

A verdade é que não existe hoje no Mundo qualquer museu que possua os restos completos de um navio nessas condições. Os barcos Vikings, exumados como mausoléus, as galeras de recreio do imperador Trajano, trazidas á luz do dia pelo esgotamento do lago Némi, são, de facto, magníficos especimes de navios antigos mas nenhum deles foi um grande cargueiro do alto mar. Da navegação mercante da antiguidade pode dizer-se que nada se sabe.

A ânfora, recipiente de terra cozida com a capacidade aproximada de 25 litros, com duas asas e de formas por vezes graciosas, era muito utilizada no transporte de vinho, de água, de azeite e até de cereais. Os grandes navios fenícios, gregos, cartagineses e romanos carregavam-nas aos milhares, dispostas nos porões e até sobre o convés.

Não é impossível que algumas das que foram encontradas no mar, no chamado «campo de ânforas» de Antheor tenham sido atiradas para lá em qualquer acidente marítimo, mas o mais certo é que seja indicação de que sob as suas algas verdes se enocntre afundado algum cargueiro antigo.

Para indagar o facto um grupo de homens-rãs experimentaram descer no local e na verdade localizaram outras ânforas, amarradas e dispersas sobre um fundo de matérias organicas cobertas duma ver-

(Continua na página central)

O saber não ocupa lugar

1. Quando alguém diz: «é esse o seu calcanhar de Aquiles», sabe verdadeiramente o que isso significa?

A — Será um defeito físico?
B — Será o ponto fraco de um empreendimento?
C — Trata-se de um pequeno pormenor capaz de modificar completamente uma situação?

RESPOSTA CERTA — B. Tetis, mãe de Aquiles, para tornar seu filho invulnerável mergulhou-o nas águas do Estigia. Mas como Tetis o segurava pelo calcanhar apenas esta parte do corpo do futuro herói não foi banhada e por isso era vulnerável. Foi, realmente, no calcanhar que Aquiles foi mortalmente ferido por uma flecha envenenada.

2. Quando se diz que «foi como com o anel de Policrates», o que se quer dizer com isso?

A — Que se quis, inutilmente, conjurar a sorte?
B — Que algum exército está cercado irremediàvelmente?
C — Que alguém foi torturado selvàticamente?

(Continua na ultima página)

CRÓNICA DE LONDRES

Precedido de intercadências borrascosas, o dia de Natal nasceu lavado e fresco com um vago halo outonal no azul desmaiado do céu e nos ramalhos esguios e desnudos dos parques desertos, cujas áleas afofadas do amarelo desbotado das folhas mortas põem um ar triste na solidão enfriada. A luz escoa-se pela fímbria ténue do horizonte, refrangendo numa claridade pálida e doce que alastra pelo alto, onde fenece numa brancura anémica. Contra o azul baço destaca-se a silhueta magra dos olmos e plátanos sombrios, de grandes galhos abandonados ao vento e recortados em arabescos e rendilhados cor de cobre, com nervuras finas e espontadas, como o desenho a traço grosso e esquemático de uma irreal paisagem chinesa.

O Natal do ladrão

por LUÍS DE SOUSA REBELO, Prof. da Universidade de Londres

A' volta da cidade e dos prados, de um verde arripiado, paira um silêncio pesado como chumbo, que na lactescência do ar envolve tudo de uma pureza de presépio e é uma compensação pela ausência de neve nos condados do Sul.

Ah! O silêncio e a paz deste dia morto em que a Inglaterra parece tocada de uma sonolência comatosa são uma conquista bem merecida! Há mais de três semanas que cinquenta milhões de ingleses, impelidos por uma loucura colectiva, se acotovelavam, frenéticamente, nas ruas, no metropolitano, nos grandes armazéns, saqueando sistemàticamente os «stocks» acumulados para a ocasião, com um método e uma voracidade só comparáveis a uma praga de gafanhotos. Parcimonioso, austero, ungido de todas as santas virtudes burguesas, o inglês só as olvida uma vez por ano para se entregar a um delírio doméstico em torno de um cepo em chamas na lareira, uma espécie de acção de graças pelo conchego familiar em face de uma invernia real ou imaginária.

E este Natal foi assim um dos mais pródigos, como o provam os levantamentos nos Bancos, e a inflação de cartões de Boas-Festas nos Correios, aqueles cromos que hoje dão a volta ao Mundo e que só se tornaram um costume britanico devido á reminiscência saudosa do Príncipe Consorte, o bem-amado da rainha Vitória, que o trouxe da sua terra natal.

Ao fim e ao cabo foi um Natal como tantos outros com as libações generosas, o «plum-pudding» e os meninos louros e travessos em torno do pinheiro evocativo. Pela manhã cumpriu-se o ritual de uma rodada de visitas para aproveitar aquele solzinho unico, e, pela tarde, atochados de alcool, depois de escutada a mensagem de Sua Majestade, na rádio, os subditos fiéis, de barsua terra natal.

(Continua na 3.ª página)

UM MISTÉRIO NA AFRICA NEGRA

por HENRI BATAILLON

Nos longínquos desertos da Africa Austral, na grande estepe areosa do Kalahari, vive ainda um curioso povo — os «Bosquimanos» —que nas suas danças estáticas, na sua estranha voz, nos seus cantos ásperos, e, sobretudo, na particular configuração das suas faces e cor

(Continua na ultima página)

COMO SE FABRICA UM GIGANTE

por ALFREDO BRAZ

Diz-se que a ciência despoetiza a vida, mas isso não me parece exacto. A poesia não se alimenta mais do velho sonho de um domínio mágico das forças da Natureza e os poetas, como todos os homens, sabem que o Universo está á sua mercê. Os hodiernos aédos principiaram a cantar o domínio da energia atómica e as viagens interplanetárias, os velhos mitos recolheram aos poetrentos armazens da história e a imaginação busca o seu alimento no real e no possível. Haveria de atender ainda á imaginação infantil, mas também nas lojas de brinquedos começaram a aparecer miniaturas de laboratórios e de satélites artificiais. E quanto a histórias, os nossos filhos não se contentam mais com os contos de Grimm e de Perrault...

Ora tudo isto vem a propósito de a medicina moderna ter descoberto que o gigantismo é proveniente de uma lesão da hipófise, ou glandula pituitária, destruindo assim a lenda do mágico poder dos gigantes com que durante tantos séculos o homem pretendeu compensar os seus sentimentos de inferioridade frente ás forças naturais.

Essa lenda da força e da superioridade dos gigantes durou longo tempo. Nas antigas mitologias eles apareciam como o elo entre os deuses e os humanos. Virgilio, o grande poeta latino, diante do esqueleto exumado de um gigante lançava as suas famosas lamentações sobre a decadência da raça humana, já então incapaz de engendrar tão possantes criaturas. E ainda no século XVIII, Frederico II procurava gigantes para a sua guarda, orgulhando-se de ter recrutado um escocês cuja altura atingia 2 metros e 62 centímetros.

A medicina moderna, desinteressada das visões míticas, coloca-se no terreno da realidade e considera os gigantes como doentes. Mais ainda, ela precisa os caracteres da sua moléstia, localiza-a e prescreve o seu tratamento.

Qual é, pois, a origem dessa irregularidade dos processos de crescimento capaz de originar os gigantes? O escalpelo do investigador moderno mostra-no-la sob a forma de uma lesão minuscula, de uma pequeníssima tumefacção de alguns milimetros de diametro situada em pleno centro do lóbo anterior da hipófise: lisa, branca, dura, bem delimitada, ela apresenta todos os caracteres benignos de um adónoma típico. A acção deste «grão de areia» é imensa, porque ele provoca a formação em quantidade exagerada de uma hormona que activa com energia todos os processos de crescimento.

A hipófise, ou pituitária, é uma pequena glandula do tamanho de uma avelã e com menos de 6 gramas de peso, que fica situada no centro da superfície inferior do cérebro. Uma depressão na base do cranio forma uma pequena cavidade hemisférica, conhecida como a «fossa da pituitária», em cujo interior se adapta a glandula. Cobre-lhe o alto uma membrana esticada, resguardando-a de alguma possível pressão exercida de cima para baixo. A delgada haste com 1,8 centímetros de que pende a pituitária passa por um furo do centro da membrana. Este mesmo furo dá entrada a artérias e nervos que descem, rodeando a haste, até á glandula. Assim, óptimamente instalada e muito bem defendida, se encontra a mais activa fábrica de substancias químicas do corpo humano.

Acredita-se, pelo que já se conhece, que a pituitária elabora e introduz na corrente circulatória nove poderosas espécies de substancias ou hormonas e suspeita-se que elabora ainda mais quatro.

A primeira hormona isolada foi a do crescimento. Conseguiram essa vitória os drs. H. M. Evans e J. A. Long, da Universidade da Califórnia, em 1922. Estes sábios fizeram então injecções de substancia pituitária em ratos, conseguindo um supercrescimento equivalente á produção de seres humanos com 3m,66 de altura. Resultado assombroso se pensarmos que a altura máxima registada pela história da Medicina é de 2m,80.

A medicina moderna encontra-se, por conseguinte, em condições de produzir gigantes, não ainda nas circunstancias idealizadas por Aldous Huxley no seu sombrio «Brave «New Wold», isto é, num laboratório do Centro de Incubação e de Condicionamento, mas injectando simplesmente extractos de hormona pituitária em organismos jovens.

Em organismos jovens, repare-se bem, porque se as injecções de hormona forem feitas em organismos adultos, o mais que se conseguirá é provocar uma terrível doença chamada «acromegalia» (das palavras gregas «acros», extremidade, e «megas», grande) caracterizada pelo crescimento excessivo das mãos e dos pés, bem como por hediondas mudanças das feições. Se, porém, a administração da hormona é feita quando as cartilagens de conjugação e os pontos de ossificação ainda se mentêm, então pode conseguir realizar-se experimentalmente o gigantismo com todos os caracteres que ele apresenta na sua forma espontanea.

Ora, justamente na altura em que se torna possível á ciência criar uma raça de Titans, chega-se á verificação de que o gigantismo é uma doença. É verdade que os primeiros estágios do gigantismo são habitualmente acompanhados das qualidades geralmente associadas á ideia de um gigante, com uma força muscular e uma vitalidade excessivas. Mas bem depressa o quadro começa a mudar, a força muscular torna-se fraqueza, a vitalidade parece desaparecer e a temperatura cai abaixo do normal. O gigante, tal como um Sansão traído pela sua Dalila, torna-se apático e começa a apresentar nítidos sinais de uma tendência para a obesidade. A esterilidade e a perda de interesse sexual acompanham, habitualmente, este quadro clínico.

Para quê então gigantes, se eles têm pés de barro? Antes homens normais, nem muito altos nem muito baixos, mas sádios e aptos a viverem, em pleno uso das suas faculdades físicas e mentais, uma vida longa, util e, por conseguinte, feliz. Os gigantes alimentaram a imaginação dos nossos antepassados, porque na sua idealização se compensavam de uma manifesta inferioridade perante as forças naturais, agora que a Natureza está em vias de ser dominada, todos os homens podem ser gigantes mais fortes do que os Hércules, os Gargantuas e os Adamastores das velhas lendas. Gigantes ou aprendizes de feiticeiros, consoante o que resolvam fazer de toda a sua ciência...

Agora, também as crianças não têm mais motivos para se aterrorizar com os terríveis gigantes dos contos infantis e é mesmo muito natural que, ao depararem no circo ou na rua com um homem excessivamente alto, digam com muita comiseração: «Paizinho, olha! Está ali um gigante... coitadinho!».

Paulo e... Choé

Amaram-se na selva fechada do Sudão e correram felizes nas planícies areosas de Africa. Nem a maldade dos homens, nem a tristeza da clausura abrandou os seus sentimentos amorosos.

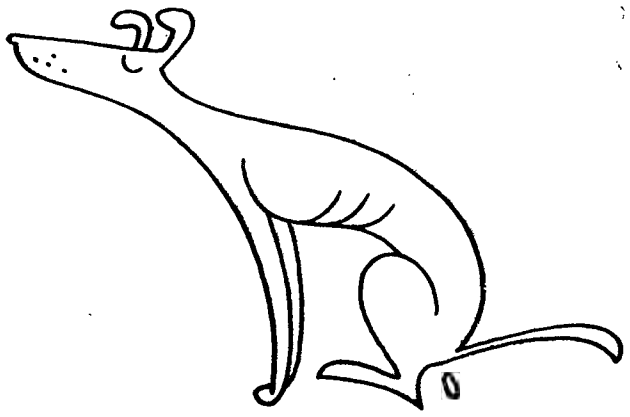
Repare bem o leitor neste feliz casal de jovens rinocerontes que um zoo da Europa teve a honra de recolher nos seus aposentos. À primeira vista parecer-lhe-ão vulgares exemplares dessa curiosa espécie de animais pré-históricos. Mas não são iguais aos que tem visto. O focinho em vez de terminar por uma pequena tromba, tão frequente em qualquer mamífero, é, pelo contrário, muito largo, quase rectangular.

Quando levantam a cabeça, uma grande variedades de musculos surgem por cima das vértebras cervicais, tornando-os mais altos e de aspecto mais possante. São os célebres rinocerontes brancos, uma raça quase extinta, e de que se conhecem apenas duas espécies diferentes. Muito poucos zoos se gabam de os ter. Estes foram capturados no Sudão e estão agora expostos na Bélgica, depois dos Americanos os terem querido disputar a todo o preço. E' que, nenhum americano teve ainda a honra de ver no seu território um rinoceronte branco!

Paulo e Choé — são estes os seus poéticos nomes — constituem, apesar de tudo, um casal feliz. Paulo tem cinco anos de idade, mede de altura 1,56 m. mas está ainda a crescer... A sua jovem companheira é mais nova que ele 6 meses.

Em liberdade alimentavam-se como qualquer bovídio, mas agora no «hotel» que lhes destinaram, o seu regime alimentar sofre modificações: consta de duas refeições diárias de 7,5 quilos de feno e de luzerna, uma «sopinha» de 1.600 gramas de soja, 1.600 gramas de farinha de milho, 250 gramas de açucar e... uma colher de óleo de fígado de bacalhau, por causa do escrofuloso... e para ajudar o crescimento.

Apesar do seu aspecto terrível, estes monstros pré-históricos mostram-se verdadeiramente amáveis e afectuosos para com todos os visitantes do zoo e, até, para com os seus guardas.



CÃO PRIMIDO

Uma página de

CÃO PÊNDIO

Um livro de humor

Desenho e texto de TÓSSAN

EDIÇÃO DA PORTUGÁLIA

BIBI FERREIRA

COMO BATE UM CORAÇÃO
Orquestra dirigida por João Nobre

MULHER RENDEIRA
Jorge Machado e seu conjunto
LMEP 1010

Bibi Ferreira é ela própria uma actriz e encenadora cheia de talento, é filha de Procópio Ferreira, o célebre actor brasileiro que o nosso publico tanto estima. Não é, portanto, de admirar que Bibi Ferreira tenha, antes de mais nada, aquelles dons de comunicação com o público e de autoridade que revelam imediatamente o artista nato.

«Como bate um coração», uma combinação feliz da canção com o poema declamado, é uma espécie de espirituosa biografia de um certo coração, culminando devidamente na felicidade doméstica. A interpretação de Bibi Ferreira valeu-lhe entusiásticos aplausos durante as representações da revista.

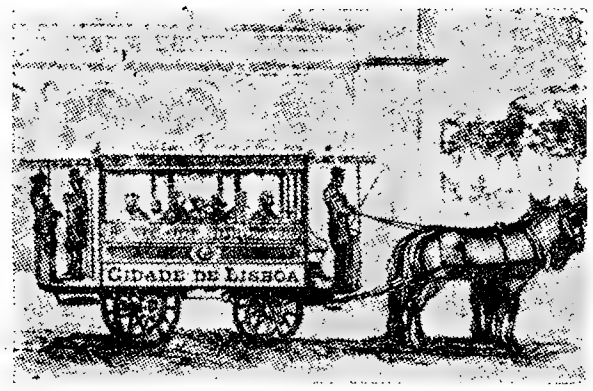
No outro número, Bibi Ferreira revela a sua versatilidade, aproveitando a famosa canção «Mulher Rendeira» para nos dar uma amável caricatura dos estilos francês, americano, italiano e português de musica popular.

DISCOS «A VOZ DO DONO»
publicados pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Ld.ª

O CARROUCEL DE LISBOA

SAIU NO SAPATINHO AO POVO DA CAPITAL

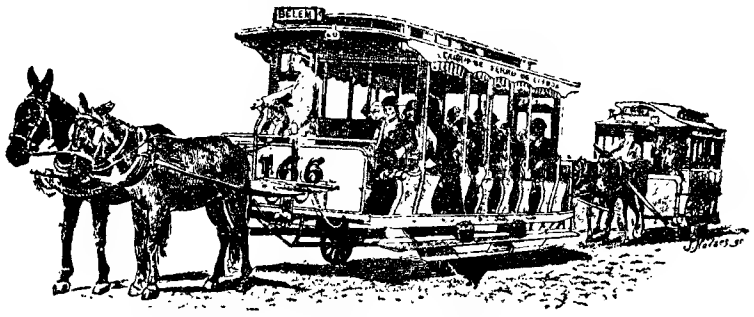
O povo de Lisboa saiu prendado neste Natal de 1959. Deram-lhe um brinquedo de corda, uma curiosidade, uma pequena amostra de civilização. O primeiro escalão do Metropolitano de Lisboa foi agora inaugurado. Trata-se ainda de um pequeno troço com cerca de 7 quilómetros de comprimento, servindo apenas as principais artérias que conduzem á Baixa onde estão concentrados o grande e o pequeno



funcionalismo. Mesmo assim o alfacinha recebeu o seu Metro de braços abertos, festivamente, e salta para ele como para um «carroussel» de feira. Milhares de pessoas se apinharam nas estações tomando de assalto as carruagens para dar uma voltinha com a mesma emoção que o fariam numa Montanha Russa de qualquer Luna Parque.

Não resta duvida que o espectáculo a que se assistiu nos primeiros dias de funcionamento do Metropolitano se presta a muitas reflexões, sobretudo se nos recordarmos que decorreram já precisamente 60 anos desde que a primeira carruagem de passageiros rolou no Metropolitano de Paris. Mas nessa altura ainda nós viviamos a idade da sege, do carro Rippert e dos americanos.

Mas como tudo é relativo (como diria o amigo Banana) o nosso Metropolitano teve algumas vantagens em aparecer tarde. Parece que vem dotado de todos os aperfeiçoamentos técnicos que tornaram o transporte em caminho de ferro subterraneo um dos mais seguros — um acidente por cada 100 milhões de quilómetros percorridos. De facto quem o experimentou nas primeiras horas teve a agradável sensação de que o neófito começou logo a andar desembaraçadamente,sem tropeços e sem as hesitações próprias de quem começa. Os melhores elogios que se lhe pode fazer é confessar que tudo se passou como se já tivesse atingido a maioridade.



E que grande lição deu o publico anónimo a quem o costuma sempre caluniar de discordar por sistema de tudo que lhe dão! Desta vez gostou, acarinhou e elogiou em voz alta. E fê-lo porque tinha razão como sempre. Só lamenta que tivesse nascido tão pequeno. Pede por isso que cuidem dele, que lhe dêem muita vitamina D para que atinja, depressa, pelo menos os 40 quilómetros previstos e o possam assim levar até ás suas zonas de trabalho.

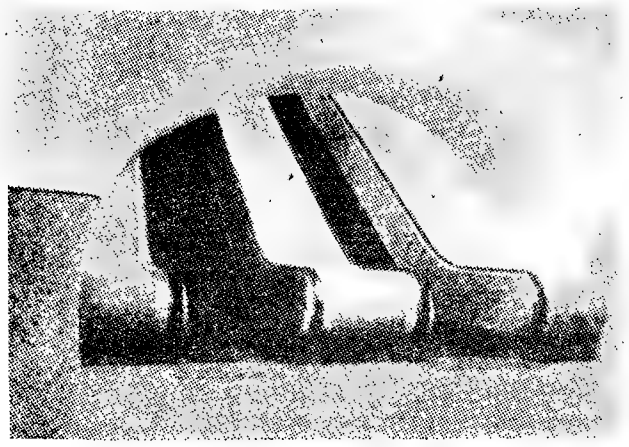
* * *

Provou-se na prática que a construção do Metropolitano de Lisboa não levantou quaisquer dificuldades técnicas. De cerca de 20 quilómetros de galerias a construir na 1.ª fase sómente uns escassos 6 quilómetros são em tunel podendo os

por JOÃO CAMPOS

restantes ser feitos a céu aberto. Tão poucas são as dificuldades que as galerias de plena via foram na sua quase totalidade feitas em betão simples e só nas estações foi preciso o uso de betão armado.

Todas as vias permitem a circulação nos dois sentidos havendo



folgas de 50 cm. entre as duas carruagens e 35 entre estas e as paredes do tunel. A ventilação forçada das galerias é conseguida por meio de aspiração do ar viciado conjugada com uma insuflação também forçada de ar puro.

Em todas as estações de desnível superior a 9 metros serão utilizadas escadas mecanicas, estando já a funcionar uma escada desse tipo na estação do Parque , que tem uma capacidade máxima para 10.000 passageiros/hora, com duas velocidades: 18 e 36 m/min. nas subidas e 36 m/min. nas descidas. E' accionada eléctricamente e a passagem da velocidade de 18 para 36 m/min. é feita automáticamente, por célula fotoeléctrica, quando um passageiro pretende subir.

Toda a rede é equipada com grupos electro-bomba para esgotamento das águas de infiltração ou das lavagens.

Estão previstos intervalos de 1,5 minuto de comboio a comboio, mas por ora os espaços de tempo vão de 2,5 a 10 minutos. As carruagens de classe unica podem transportar até 200 pasageiros com 44 lugares sentados e têm uma instalação acustica de aviso ao publico. São munidas de dispositivo de travagem automáticaque no caso do condutor não obedecer ao sinal indicativo de que não há via livre pára o comboio a tempo suficiente de evitar desastre. Em caso de acidente ou de doença subita do condutor entra em acção a célebre «alavanca de homem morto».

A velocidade anda pelos 60 quilómetros por hora mas pode atingir os 100, e tem-se uma agradável sensação de mobilidade nas acelerações e travagens rápidas mas suaves. No caso de falta de energia está previsto que os comboios podem ser levados até ás estações mais próximas por meio do funcionamento de um grupo gerador «Diesel» de emergência.

* * *

Carruagens brilhantes, novinhas em folha, traços paralelos num tunel escuro, estações coloridas com lampadas de cor a apagar e a acender, chefes de estação com botões de metal e bonés brancos, meninas bilheteiras de casaquinhos de riscas, foi este o lindo brinquedo eléctrico que o Pai Natal ofereceu este ano aos Lisboetas, que se não cansam de o mirar, embevecidos.

Oxalá o não estraguem, passada esta quadra festiva de boas e amáveis palavras e de serena compreensão. Que não lho estraguem e lhe dêem, de facto a vitamina D que o publico pede, para que cresça e se fortaleça.

(Continuação da 1.ª página)

rete de papel enfiado na cabeça, procederam á operação delicada de trinchar o peru. Porque o Natal é um dia de felicidade e alegria, altura em que se dá férias á reserva impertigada, dia em que é preciso estar alegre e praticar umas loucuras inocentes sob o raminho de «mistletoe», ou fora dele, o início de um ciclo de celebrações que fecha, com uma borracheira monumental, no dia do Ano Novo.

Aliás tudo propicia este convívio e jubilo sodalício, a começar pelo clima. Pela tarde, os céus encardoaram e uma chuva negra desabou so-

CRÓNICA DE LONDRES

bre as torres e zimbórios, os teatros e templos — o rosto que a cidade oferece a Deus — e lá se foi a claridade escarolada da manhã... Que

O NATAL DO LADRÃO

outra coisa se pode fazer, então, senão correr as cortinas, olhar com amor para o brasido da lareira e de animo álacre procurar no calor humano da festa, no baile e nos olhos das raparigas a ternura que o dia recusa?

Como vêem, parece que foi um Natal como tantos outros, belo e humido, alegre e melancólico, sem saudade nem história, talvez com um interesse novo pelo presépio que surgiu de repente, como um concorrente mais cristão do velho Santa Claus. E, no entanto, apesar da sua aparência bonacheirona, este Natal sempre teve a sua originalidade com a decisão do sindicato dos gatunos londrinos.

...Já estou daqui a ver o leitor a arregalar o olho suspicaz numa duvida tremenda de grossa balela jornalística. Todavia não descortino motivo de pasmo num país em que a organização é uma caracteristica do seu povo, e, por conseguinte, nada mais natural que os seus larápios e ratoneiros se juntem numa associação profissional, uma ordem de cleptologistas com reuniões clandestinas, devido á natureza do ofício ainda não reconhecido oficialmente, preparando, meticulosamente, os seus congressos anuais no intuito louvável de aperfeiçoar métodos de trabalho e pesquisa, de defender a dignidade da profissão das intrusões abusivas da polícia. Ora a mensagem cristã é ecuménica, dirige-se a toda a Humanidade, independentemente de raça, cor ou credo, e não faz qualquer discriminação quanto ao modo de vida de cada um. Portanto nada mais lógico que, assim como há entre nós um Natal de sinaleiro, não exista também aqui um Natal do ladrão.

Estas razões de peso foram devidamente consideradas pela gatunagem londrina e os próceres da laboriosa comunidade, os «arrebentas» de mais alta distinção, sentindo que estavam a ser vítimas de um tratamento discricionário e humilhante, tomaram todas as disposições necessárias para que a associação proporcionasse um Natal ditoso a todos e a cada um dos seus sócios. A própria prosperidade actual da Inglaterra do sr. MacMillan justificava plenamente a iniciativa, pois não faz sentido que, uma vez que o País nada na abundancia, os seus gatunos tenham de se contentar com umas broas miserávcis, ou que, para alegrar a mesa da consoada, se vejam na lamentável necessidade de recorrer ao roubo do «cagão».

De sorte que, durante o período das festas, entraram em acção as brigadas especiais da digníssima ordem, pondo em prática novos métodos de trabalho, que são o resultado de morosa e profunda investigação. E o êxito alcançado excedeu todas as expectativas. Foi brilhante e compensador, pois permitiu a todos os associados um Natal, em família, com o lucro de trinta milhões de libras esterlinas, em mercadoria roubada. Um dos juros mais altos em capital investido, que goza de completa isenção de imposto e não está sujeito a qualquer contribuição fiscal!

De acordo com os primeiros dados estatísticos, já obtidos, os profissionais mais competentes, talvez pela subtileza exigida em trabalho de tamanho rigor científico, são mulheres. As razões desta vocação irresistível do belo sexo ainda não foram devidamente analisadas pelos psicólogos e psicanalistas do Reino Unido. Nem doutro modo se compreenderia o grosseiro materialismo de que dá prova a «Revista da Polícia», quando tenta explicar o fenómeno singular. Segundo ela o motivo capital desta opção profissional depende dos nossos canones estéticos e dos exageros da moda: «a ênfase contemporanea no facto de que a fêmea da espécie humana é um mamífero favorece novos meios de ocultação».

Enfim, na Inglaterra de 59, os gatunos ingleses podem repetir, como toda a gente, o «slogan» eleitoral lançado pelo sr. MacMillan de que também para eles «nunca as coisas estiveram tão boas»...

LUIS DE SOUSA REBELO

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: RUA DO CARMO, 98 2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — ás 18 h.

Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — ás 18 horas.

Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — ás 13 horas.

Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — ás 14 h.

Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — ás 14 horas.

Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — ás 18 horas.

Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — ás 16 horas.

Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações—ás 15 h.

Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — ás 18 horas.

Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — ás 10 horas.

Dr. Luís Malheiro — Pele e sifilis — ás terças, quintas e sábados, das 14 ás 16 e 30 horas.

Prof. dr. Alen Saldanha—Raios X — ás 16 horas.

Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — ás 16 h

magazine

AVENTURAS DO «FADO VELHO» — (8)

A "FINA"

O colégio já não tinha nem segredos nem mistérios para ele.

Poucos dias passados, tudo tinha mudado e não tardou que começasse a sentir vontade de expandir a compostura e o silêncio acumulados até ali. Lá de vez em quando, já era necessário a senhora dizer-lhe que precisava de ter mais juizinho e não distrair os outros meninos, senão...

Ficava um bocado muito quieto, a pensar se ela lhe daria com aquele pau muito grande a que chamavam «o ponteiro» e que ele já muitas vezes tinha visto chegar ás orelhas dos que estavam longe.

Mas a preocupação não durava muito, já se sentia mais foito. E logo que a apanhava de costas a escrever no quadro, toca de exibir uma das suas caretas mais irresistíveis que punham o Faria e o Fenício de cócoras debaixo da carteira, escondendo o riso á procura dos mais variados objectos.

Medo do corredor, isso... pff! Agora já tinha feito coisas!. Algumas vezes, ao passar á porta das salas onde estavam as irmãs, dava um encontrãozito e desatava a fugir. E também, de uma vez que pediu para ir fazer chichi, foi meter o nariz na sala de visitas onde era proibido os meninos entrarem. Abriu a porta muito devagarinho e viu dois grandes pianos alinhados um ao lado do outro. Fechou logo muito depressa e fugiu com o segredo.

E' que eles não sabiam, nunca lá tinham entrado, eram uns medricas. Mas agora, quando passasse á porta e ouvisse aquelas musicas muito esquisitas a correr muito depressa e depois para trás e para diante, para trás e para diante, já sabia. Já sabia onde ela estava, a Mariazinha. Todos diziam que só ela, a sobrinha da Fina é que tocava ali. Mas não podia contar aos outros. Nem ao Faria. E ria-se.

Ao almoço, logo que ouvia a sineta, como não tinha nada para arrumar, era dos primeiros a sair de roldão pela porta fora, atravessando o corredor numa correria desenfreada, a abrir caminho e a furar como um rato pelo meio de todos.

Foi avisado: «E' pá, olha que a Fina não deixa ninguém andar a correr nos corredores, se ela te põe o olho em cima...!»

Todos tinham um medo da Fina que se pelavam. Parece que ela não era para brincadeiras. Onde estivesse, ou quando aparecia, era um silêncio que nem se ouvia uma mosca. Até na sala dos lanches, á hora do almoço! Ali, no meio do cheiro dos guisados e dos fritos, das bananas e das tangerinas á mistura com o ruido dos pratos, os risos e as vozes animadas, de repente só se ouvia o tilintar dos talheres e uma ou outra voz abafada. Era a Fina que vinha passar a visita aos almoços, como eles diziam. E tudo se punha a comer sem levantar o nariz do prato. Havia algumas, daquelas que andavam sempre com salamaleques á volta dela, que punham logo os bifes e os bolos e os raminhos de cerejas no tempo em que eram ainda novidade, bem em destaque para a Fina ver. Mas ela não ligava; dizia uma coisa a uma ou a outro e passava á frente.

A's classes, era muito raro ir. Só quando havia coisas importantes. Mas na sala de lavores, aquela sala muito grande, muito grande, com muitas cadeirinhas pequeninas de um lado, lá ao fundo as gerinconças a que chamavam os bastidores das meninas crescidas e do outro lado os cavaletes para elas pintarem, as mesas altas de fazerem desenhos e as cadeiras das «internas», aí é que a Fina estava quase sempre. As meninas, quando entravam — aquela sala era só para as meninas, mas ele tinha que se aguentar lá, ao pé das irmãs, depois de terminada a sua aula — era quase nos bicos dos pés e nem olhavam para os lados, iam logo direitinhas aos lugares.

E nunca se ouvia a Fina entrar nem sair. Nunca sabiam por isso quando ela lá estava, porque aquela trapalhada das mesas grandes e dos cavaletes com os quadros tapavam muita coisa. Se por acaso uma levantava a cabeça no momento em que ela saía, então, passado um bocado, começava a ouvir-se tosse, dedais e carrinhos de linhas a cair no chão, pigarro na garganta, cadeiras a ranger, arrastar de pés, e se se demorava era um bichanar e um zum-zum que só acabavam de repente, como quem fecha uma torneira, quando ela regressava.

Ele nunca se teria lembrado de perguntar a si próprio por que é que não tinha medo da Fina, mas o que é verdade é que não tinha mesmo. Não tinha nada a impressão de que ela lhe pudesse fazer mal. Nem pensava nisso.

Isto talvez fosse porque uma vez, logo no princípio, estava ele ao pé da irmã mais velha que andava lá no colégio a fazer não sabia o quê, parece que a pintar um biombo com muitos patos e carneirinhos, a Fina chegou, começou a falar com ela, e a certa altura ouviu-a dizer baixo, pelo meio dos buracos da rameira de lã vermelha que trazia sempre aos ombros e que quando estava mais frio traçava á frente, a diante da boca: «Hum... a pinta dele não me engana, deve ser muito fino, muito vivo..»

Fingiu que não ouviu, claro, e até se pôs a coçar num pé. Mas aquela ficou-lhe lá.

Era isso. Para os outros, a Fina era assim uma espécie de uma pedra, muito comprida e toda vestida de preta, de quem nunca se sabia se ela era ou não amiga de alguém, nem o que pensava fosse de quem fosse. Mas ele, ele tinha aquele segredo que mesmo sem pensar lhe dava uma sensação de segurança: a Fina «sabia» dele e ele «sabia» da Fina!

A sua presença na 1.ª classe «só para entreter» tinha acabado por lhe espicaçar a curiosidade de querer experimentar fazer tudo o que os outros faziam. Se ele fosse capaz! E punha-se logo a imaginar como todos iam ficar admirados lá em casa e o que «elas» diriam... Muito atento, muito atento, ora fixava as letras que os outros escreviam no quadro, ora tentava, devagarinho, com um traço trémulo, reproduzi-las na lousa e sempre a moer a língua de lado, entre os dentes.

Quando conseguiu fazer uma bola com uma perninha em baixo e outra bola com uma perninha em cima e soube que se chamavam um a e um o, o coração começou-lhe a bater, a bater, e a curiosidade aumentou, animada pelo entusiasmo de ser capaz. De ser capaz... e sem perguntar á senhora!

Não mostrou nada aos companheiros, podia não estar bem, mas estava em picos, desejoso de que acabasse a aula para dizer a «elas» e sobretudo para chegar a casa a mostrar á mãe.

E viam-se gregas para o segurar pela avenida abaixo. Queria ir depressa, queria correr... «Vocês também... são umas pastelinhas!»

Mal a porta se fechou, correu as casas todas sempre com a lousa debaixo do braço, até que finalmente gritou muito corado: «Mamã! um a e um o! Têm uma perninha! Quer ver, Mamã, quer ver? Venha, venha ver que eu faço. E foi sózinho! «acrescentava com o dedo no ar.

E a mãe teve de ir mesmo, logo naquele instante. Sentou-se á mesa, pousou a lousa, segurou no lápis de pedra mesmo pela pontinha e carregando com muita força ia desenhando e explicando: «Assim, com uma perninha em baixo, é um a; e este, com uma perninha em cima, é um o. Está bem?»

Aprovada e devidamente elogiada a habilidade, a mãe teve que prometer-lhe que nesse dia mesmo lhe ensinaria a fazer outras letras. «E também têm perninhas?» — perguntou interessado. Teve pena, se fosse só mudar as perninhas, com certeza aprendia-se tudo muito depressa.

E lá foi, para o seu posto, á janela. De joelhos em cima da cadeira, o rabito espetado para trás, os braços assentes no parapeito, olhava, olhava muito atento as palavras que estavam escritas nas paredes das lojas em frente.

Não, não eram iguais. Não tinham perninhas. Que decepção!

Bem queria perceber, mas ensarilhava-se-lhe tudo.

Chamou e como a mãe não veio, desceu da cadeira e, com a duvida que o atrapalhava enfiada na cabeça, foi perguntar:

«O' mamã! As lojas ali em frente não têm aa nem oo?».

TODOS OS MAMÍFEROS DA AUSTRALIA

A fauna australiana tem, na sua evolução alguns milhões de anos de atraso em relação à nossa

Os primeiros viajantes que regressaram do continente australiano foram acusados de descreverem animais que nunca teriam visto.

Falavam de vários coelhos-veados, grandes como homens, transportando numa «bolsa» os filhos, tal como os Negros. Mas diziam mais, diziam que essa «bolsa» era comum aos mais diversos animais desse grande país: certo tipo de macacos, de ursos, de lobos; lontras com um bico amarelo que põem ovos mas aleitam os seus filhos; réplicas vivas de dinosauros, dos dragões da pré-história; peixes que voam, que andam, que gritam, etc.

Ora tudo isso era verdade. Foi necessário dar a mão á palmatória porque não eram pura fantasia de viajantes, e as suas descobertas trouxeram mesmo um grande contributo aos biologistas e ajudaram a aceitar a teoria da evolução das espécies.

Como nasceu a ilha Australiana

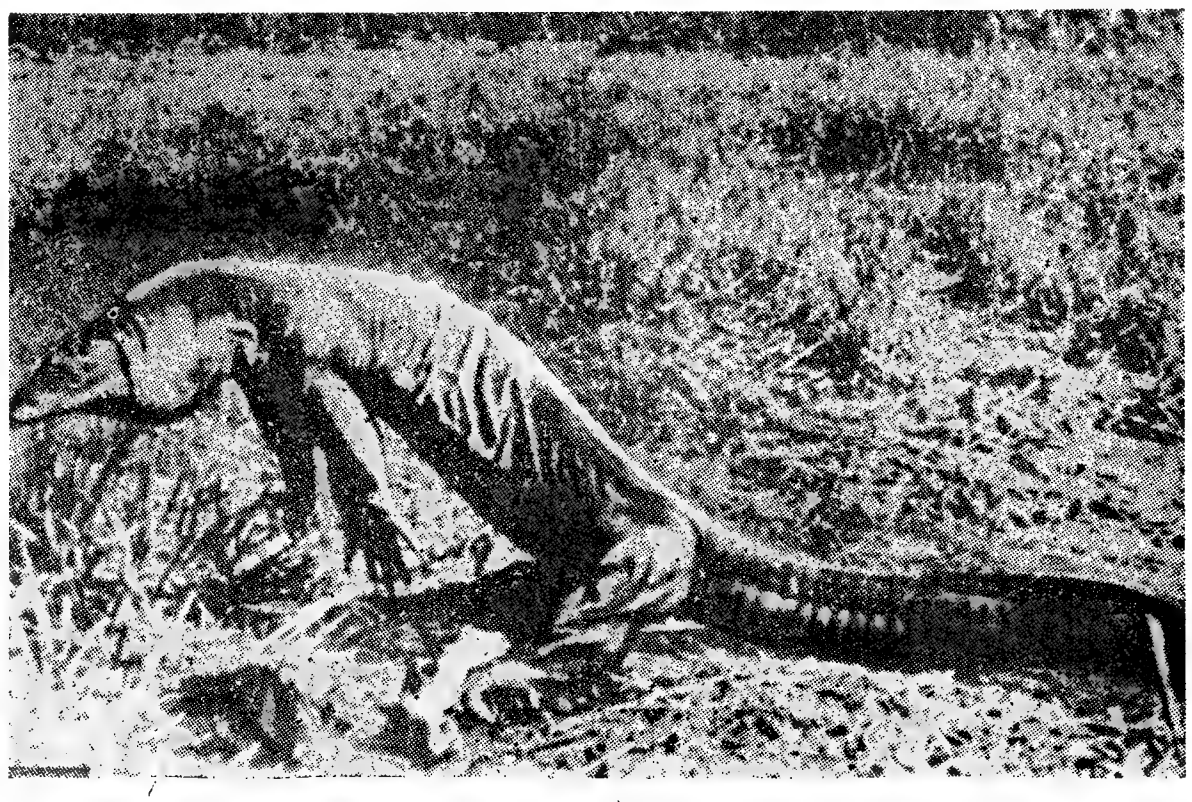
Durante trezentos e vinte e cinco milhões de anos, aproximadamente, a Austrália fez parte duma enorme terra austral, englobando a América do Sul, quase toda a Africa, Madagascar, a Arábia e a India. Era o chamado continente Goudwana. Estava-se então na Era Primária que principiou há quinhentos e vinte milhões de anos e durou mais de trezentos milhões. Os primeiros vertebrados tinham já aparecido sobre a Terra. Esta ligação entre os continentes está confirmada por constatações geológicas e pela presença actual nestas diversas partes do Mundo, de relíquias paleontológicas, a mais curiosa das quais é os «peixes com pulmões».

Msa eis que no princípio da Era Secundária, há cento e setenta milhões de anos, o continente de Gondwana se dividiu no continente africano-brasileiro dum lado e num outro austral-indo-malgache, ou seja a Austrália. Foi deste continente que a Austrália se separou ao fim da Era Secundária há cem milhões de anos e desde então nunca mais teve contacto com as terras submersas. A sua flora e fauna, que desde essa altura ficou isolada, seguiu a sua própria evolução e só nalguns casos teve na sua morfologia ou biológicamente a mesma evolução que nos outros continentes.

Esta história geológica da ilha explica a razão porque se criaram nela sete províncias absolutamente diferentes quanto á sua fauna. A província australiana que compreende aliás as ilhas vizinhas, Tasmania, Nova Zelandia, Nova Guiné e três raras ilhas polinésicas, caracteriza-se pela presença quase exclusiva de animais de «bolsa», que as fêmeas têm por baixo do ventre na qual recolhem as crias durante o período de amamentação.

Navegadores e outros visitantes primitivos da ilha levaram até lá outros animais, mas a Austrália, a Austrália selvagem, a Austrália das florestas de eucaliptos, dos desertos sem vegetação e das montanhas escarpadas continua a ser por excelência a terra dos animais de bolsa, os Marsupiais.

Ao contrário do que se passa entre os mamíferos nossos conhecidos, nos marsupiais o embrião é mal aconchegado no utero da mãe. Entre ele e a te esse teci é a placenta



DA AUSTRALIA USAM BOLSA

é os «pei-
o da Era
tenta mi-
e de Gon-
ente afri-
num ou-
ou seja a
nente que
o fim da
milhões de
mais teve
ubmersas.
lesde essa
iu a sua

lguns ca-
ou biló-
ução que

a ilha ex-
criaram
lutamente
fauna. A
compreen-
, Tasmá-
Guiné e
, caracte-
e exclusi-
que as fê-
ventre na
ante o pe-

visitantes
m até lá
strália, a
trália das
desertos
anhas es-
por exce-
de bolsa,

passa en-
onhecidos,
o é mal
mãe. En-

tre ele e a parede uterina não existe esse tecido rico e sanguíneo que é a placenta. Ao fim de pouco tempo a mãe expulsa o filho, verdadeiramente um miserável feto, nu, cego, inerte e inconsciente, medindo uns poucos centímetros de comprimento. Mas a famosa bolsa marsupial recolhe-o e uma verdadeira gestação extra-uterina começa. E' ali que o pequeno nasce, verdadeiramente, que abre os olhos, que mete a cabeça no Mundo, que se interessa enfim por tudo que o rodeia.

Canguru, emblema da Austrália

O canguru que está representado nas armas da Austrália é o mais conhecido dos marsupiais. Saltador prodigioso, com patas posteriores muito compridas e coxas muito possantes, também ele sofreu grande evolução, tal como todos os animais saltadores. Existe grande numero de espécies de cangurus, desde os minusculos ratos até ao grande canguru cinzento que chega a medir 3 metros aproximadamente, e galga 7,60 m. num unico salto. Há os ratos-cangurus, os coelhos-cangurus, etc. e milhares de outros animais que fizeram a admiração dos primeiros homens que pisaram este grande continente e que tiveram dificuldade em não passar por mentirosos quando de regresso contaram o que viram.

Os naturalistas vêem nestas diferentes espécies um «fenómeno de convergência» muito claro entre os marsupiais e os mamíferos placentários, convergência que se exprime por vezes no regime alimentar e na dentição e noutros aspectos mais gerais. Diz-se que os marsupiais se adaptaram aos diferentes meios que se lhe ofereceram na Austrália tal como os mamíferos placentários se tiveram de adaptar a Eurásia, Africa e Américas. Mas a diversidade do clima destes continentes, provocando maior numero de experiências e de cruzamentos, acelerou a evolução das espécies avançando alguns milhões de anos em relação ao continente australiano.

Dentes inesgotáveis

«Mal dos dentes, mal dos amores». E esta frase está certa. Não há duvida que os amorosos vão de mal a pior, pois a carie — verdadeiramente uma doença de civilização — vai avançando cada vez mais. Contudo, parece que vêm de longe as preocupações de ter bons dentes, não apenas por meio das antipáticas placas que caem ao falar ou se engolem ao dormir, mas sim tentando a implantação de novos dentes.

Repare o leitor nesta estampa datada de 1787 em que vemos dentistas esforçando-se por arrancar dentes a jovens e transplantá-los para adultos desdentados.

Mas mesmo nessa data, parece que a ideia não era nova. Segundo sabemos, desde o século XVI que na Itália se experimentava transplantar dentes, mas sempre sem resultados duráveis pois a gengiva, formando abcesso, acabava por expulsar o dente estranho.

Há tempos o dr. Shafiro, da Universidade de Columbia, depois de onze anos de experiência, anunciou que conseguira finalmente transferir dum gato para outro um dente que se desenvolveu de forma normal. Teriam prosseguido com êxito estas experiências?

Pouco se sabe sobre isso e para que se dê uma verdadeira implantação seria indispensável ligá-lo ao aparelho circulatório e ao sistema nervoso. Os dentes sem placa até agora encravados na boca de pessoas parece que não têm essa particularidade, pelo menos por agora.

NO PAÍS DOS MUSEUS SUBMERSOS

(Continuação da 1.ª página)

dadeira mata de limos. Usando um potente aspirador conseguiram abrir uma fenda com vistas a atingir o barco.

Arrancadas a muito custo, conseguiram colher centenas de outras ânforas, muitas delas em bom estado de conservação e contendo peças de porcelana com marcas de negociantes de vidros gregos da época.

Depois de alguns dias de trabalho conseguiram, finalmente, aspirar pedaços de madeira, decerto partes das tábuas do barco, mas tiveram de desistir por falta de meios. Transportaram essas amostras até Toulon orgulhosos de terem conseguido tal êxito mas lamentando-se que a falta de meios lhes não permitisse ir até ao fim, arrancando essa preciosidade submarina para nela se estudar não apenas os processos técnicos da construção naval dessa época mas também as diversas particularidades do comércio internacional da antiguidade.

A nossa imaginação serve se apenas das vagas indicações dos frescos e das figuras decorativas dos vasos encontrados para ter uma ideia dos métodos dos navegadores antigos. Os seus navios eram curtos, atarracados, talvez incapazes de navegarem contra o vento. Os capitães não se arriscavam a perder a terra de vista? ou, pelo contrário, receavam às costas e os seus perigosos baixios? Procuravam todas as noites um abrigo para passar a noite? Nada existe que nos esclareça sobre o assunto. Em toda a navegaçã de longo curso o papel do piloto foi sempre o mais importante. Era de pais para filhos que gerações de pilotos transmitiam oralmente as suas «instruções náuticas», verdadeiros segredos do Estado. Ao arriscarem-se ao longo das costas, os navios ficavam expostos ás mudanças bruscas de vento do Mediterraneo e aos perigos dos seus rochedos. A maior parte dos náufragos dera-se precisamente, á vista de terra e, com frequência, em águas pouco profundas.

No fundo do mar há verdadeiras fortunas á mão de quem as queiram apanhar. Mesmo nos nossos dias o romantismo da aventura e da fortuna existem para todo aquele que esteja disposto a arriscar-se. Durante séculos o mar engoliu tantos tesouros que basta estender as mãos para os conseguir.

Na costa inglesa, ao Oeste, perto de Florença, repousam os restos da maior frota dos tempos passados, a grande armada espanhola, que guarda um tesouro de oiro e prata enorme, mesmo para os nossos dias. Perto de Vigo, sabe-se que naufragou também uma grande esquadra carregada igualmente de ouro e prata.

Há 300 anos os canhões holandeses saudavam o Gulden Draeck (dragão de oiro) que se afundava no mar, perto de Perth, na Austrália. Em 1912 o «Titanic» naufragou pondo o Mundo de luto, mas toda a gente esqueceu que este navio transportava milhões.

Mas é, sobretudo, ao longo das costas mediterranicas que durante 50 séculos milhares de navios têm dormido em perfeito estado de conservação.

Sob a lama e a areia das suas margens repousam verdadeiros tesouros. Todo o Mediterraneo está pavimentado de riquíssimos vestígios de diversas civilizações, fazendo dele o mais rico museu do Mundo.

Qualquer navio que se afunda num pequeno fundo é rápidamente deslocado e despedaçado pelo mar em furia. Mas a mais d 15 ou de 20 metros de água fica como que abrigado e repousa calmamente no País dos Museus Submersos. Caso o navio caia num fundo rochoso, onde a vida é intensa, não podendo por isso enterrar-se na lama ou nas areias, é então o fundo do mar que se fecha sobre ele: as algas, as esponjas, todos, a fauna e flora do fundo do mar o envolvem procurando abrigo e alimento nos seus flancos. Nascem conchas á sua volta e os dejectos organicos aceleram a cedimentação; colónias de pequenos animais segregam uma rocha esponjosa que as algas cobrem completamente.

O barco acaba por ceder sob todo aquele peso. No decorrer dos séculos o fundo do mar cicatriza-se e desde então apenas uns olhos agudos podem descobrir no lugar do naufrágio o barco afundado. Mais umas centenas de anos e nada restará dele.

Antes, porém, mantêm-se no local, durante muito tempo, traços imperceptíveis: fragmentos de ânforas, bordos ou pedaços de asas que emergem ainda dos sedimentos. São as suas ultimas mensagens.

Os pescadores de coral ou de esponjas contribuem por vezes para este desperdício de valores históricos. Não se apercebendo do significado que tem a descoberta de uma ânfora, não o comunicam privando, desse modo, a ciência arqueológica dum elemento de estudo das velhas civilizações.

Atenção aos irmãos

Tenho mais dezasseis anos do que os meus irmãos gémeos, e posso dizer que lhes tenho servido de mãe. Embora parecidíssimos físicamente, os seus temperamentos são muito diferentes, mesmo opostos. Julio é muito sensível e tímido, ao passo que António é alegre e comunicativo. António conquista com facilidade as simpatias, em qualquer parte se torna notóriamente o preferido, e Julio, que não é parvo, de muito pequeno começou a compreender a supremacia do irmão e, em consequência, a tornar-se cada vez mais reservado. Por volta dos nove anos notei-lhe certas manifestações nervosas que muito me preocuparam. Uma dessas manifestações foi um princípio de gaguez. Com muito cuidado fiz-lhe compreender que só ele se podia corrigir a si próprio, uma vez que sempre falara com correcção; apelei para a sua força de vontade e, de facto, passado algum tempo Julio deixou de gaguejar. Veio depois um pigarrear nervoso, constante, que combati de outro modo, distraindo-o, ocupando-o o mais possível, levando-o assim a viver menos interiormente.

Compreendi que Julio precisava da minha constante assistência até á completa formação do seu carácter. Nos estudos e nas brincadeiras acompanhei-o, sem ele dar por isso, a dizer o que sentia e pensava, a tornar-se, enfim, comunicativo. A tarefa nem sempre foi fácil, sacrifiquei-lhe muito do meu descanso e das minhas distracções, mas estou contente porque Julio, que está um homenzinho, já quase se não lembra do seu nervoso, que desapareceu por completo, ao mesmo tempo que se tornou menos tímido.

A catedral de St.ª Iraac, em Leninegrado é o terceiro edifício acoplado do Mundo em altura e tem um importante papel no conjunto arquitectónico da cidade. O seu peso ultrapassa 300.000 toneladas e pode albergar 13.000 pessoas.

Este importantissimo monumento é ao mesmo tempo um museu geológico muito original, pois cerca de 43 espécies de minerais foram utilizados para o construir e decorar.

GRAHAM GREENE
*
EMIL LUDWIG
*
HENRI TROYAT
em 3
grandes obras
A INOCENTA
E O PECADO
NAPOLEÃO
*
A VIDA QUOTIDIANA NA RÚSSIA NO TEMPO DOS CZARES
SÃO MAIS 3 GRANDES EDIÇÕES DE
LIVROS DO BRASIL

HAJA RESPEITO PELAS CRIANÇAS

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

O problema da criança é, na verdade, um problema de cultura. E uma faceta da cultura é atingir um ajustamento perfeito ao nosso Mundo de hoje, tão complexo. Ou pelo menos, procurar um ajustamento tanto quanto possível perfeito. Ora esta criança é uma incarnação particular do adulto de amanhã — quase me parece lugar-comum afirmá-lo. A criança vem ao Mundo com esse terrível peso de «ser um adulto de amanhã». Terrível herança, uma vez que cada vez menos sabemos o que será o dia de amanhã. Mas traz mais: todo um passado de muitas gerações fora de moda — a criança funciona como um posto transmissor de uma infinidade de adaptações evolutivas, pelo meio das quais irá consolidar o progresso, até atingir o estado adulto desejado.

Ora este processo de evolução da criança ao adulto é um trabalho de modelação que requer paciência, perfeição do escultor, limando arestas, rodeando curvas, mudando formas já definidas ou apenas esboçadas, criando obra. Esta obra poderá ter o nome de comportamento.

Ora o comportamento da criança vem do adulto que a ensina, lhe põe a realidade. E ao contrário do adulto que «aceita» o Mundo que, cada dia, se lhe apresenta — a criança que não é nenhum sábio nem tem experiência, aceita a realidade partindo de uma base, os primeiros princípios sobre que se baseia a ciência do adulto. Tem de adquirir muitas e muitas noções isoladas, noções de espaço e de tempo, até poder mergulhar no mundo físico que a rodeia. Num mundo rico de coisas belas que poderiam fazer dos homens os seres mais felizes do universo; mas este mundo de coisas belas surge aos olhos da criança pelos olhos do adulto. Agarra o que o adulto lhe entrega, ouve os sons que faz vibrar aos seus ouvidos, acha bonito ou feio, aquilo que ele lhe disse ser bonito ou feio. O espírito da criança é o conjunto de muitas reacções estruturadas, que reflectem o mundo físico no seio da qual é educada; e, a cada passo, o comportamento da criança reflecte as mesmas reacções dos adultos com quem contacta.

A personalidade e a cultura da criança crescem nesse mundo, pois, de adultos, embora constituindo universos separados — separação de que a criança nem se apercebe. Nesta via, é ao adulto que cabe fazer a adaptação integral da criança, no seu universo já feito, mas por meio de forças e agentes subtis na acção. Mas pelo contrário, muitas vezes, verificamos que esta adaptação é brusca, violenta, dramática mesmo. O mundo da criança, mundo incipiente que se está moldando, vê-se então, convulsionado ou mesmo destruído. Como se misturássemos as pedras de um jogo complicado e nem tivéssemos tempo para as descriminar depois. Surge o caos; quebraram-se as amarras da confiança; gera-se a confusão de sentimentos. Nesses momentos e desses momentos a criança cresceu repentinamente; mas cresceu numa amálgama informe, num mundo de pernas para o ar.

Atónita, a criança pergunta: «Mas este é o mundo?». E embora esta pergunta surja indefenida, mais se sentindo pela dor do que pelas palavras — alguma coisa ficou que perturba o espírito em formação. E' uma dor surda, quase uma mágoa, semelhante á dor ou á mágoa do menino que acreditava no Pai Natal e sabe, um dia, de repente, que o Pai Natal é mais uma mentira dos adultos. O pai acha que o menino é já um homem e diz-lhe a verdade — de homem para homem. Mas aquela miniatura de homem guardou uma mágoa, a mágoa, pelo menos, de ter sido ludibriada anos a fio.

Há, na criança, qualquer coisa que escapa ao adulto: é a pureza com que, por vezes, encara o mundo e os próprios adultos. Mas a criança passa de um polo a outro — da generosidade á crueldade; da confiança á desconfiança; da alegria á tristeza; do amor ao ódio. Por isso a criança é tão sensível a qualquer brusca modificação. Chora, sem saber porquê; sente-se tímida, sem causa aparente; quer associar-se ao mundo que a rodeia, mas foge dele. Quebrou-se a harmonia...

Não foi sem causa. A intranquilidade, a inquietação, a angustia, são males que o adulto gera na criança; mesmo sem querer, por falta de visão do mundo infantil.

E se não, vejamos. Assisti, há dias, á passagem do filme «A bela adormecida». Ser um filme de Walt Disney basta para se considerar tratar-se de uma fita infantil, própria para crianças maiores de seis anos. Por detrás da minha cadeira sentava-se uma criança que duvido tivesse os seis anos exigidos. Mas ainda que os tivesse, ultrapassara, de repente, a barreira que lhe permite assistir a um filme longo e se prolonga para lá da meia-noite. A criança sente-se fatigada, a certa altura, tem sono — e só não dorme porque o que se passa no «écran» é por demais emotivo para que despregue dele, os olhos curiosos. A princípio a criança tinha muitos porquês a pôr á mãe que lhe explicava o filme; a certa altura comecei a notar que a vózita enfraquecia, era um murmurio... até deixar de ouvir-se. Na verdade, o filme atingira o ponto culminante, em que a fada má põe em prática a sua vingança, vingança terrível sobre um ente que não fizera mal a ninguém. Senti pena da criança. O seu silêncio era confrangedor, na verdade. Sentia-se, nele, a intranquilidade, o medo, quem sabe, o terror até. Era aquele, um filme para crianças de seis anos? Uma criança que nunca fora ao cinema, depara, de repente, com uma realidade bem viva. Em parte, uma realidade que ela vê todos os dias; em parte, um mundo novo de maldade, de vingança. Certamente, ao sair a hora tão tardia, aquela criança não dormiu; ou dormiu mal, teve insónias, pesadelos... molhou os lençois. E a mãe coroou o facto com uns bons açoites. Mas o que a mãe ignora é que o mundo da criança deixou de ter paz, confiança no Bem, certeza no futuro.

Explicar-lhe que as fadas não existem, será possível? E resultará? E os livros infantis não estão crivados dessas histórias em que o Mal deve surgir na pior das realizações para ser vencido pelo Bem? Mas a criança compreende esta luta e o seu resultado? Numa época em que se caminha num progresso jamais visto — as crianças permanecem no seu mundo de realidades, realidades bolorentas, com fadas e duendes, realidades que chocam com a sua extrema sensibilidade e magoam... Em todos os países se procura adaptar a educação das crianças ao progresso que será daqui a dez anos; novos métodos de ensino, novos ensinamentos.

Já é tempo de, entre nós também, corrigir as aberrações de cultura aplicada através de histórias falsas, falsas verdades. Já é tempo de ter pena das crianças, deitando a mão de usos e costumes que respeitam o indivíduo em embrião — respeito baseado em compreensão profunda e não de superfície, oferecendo-lhe uma visão franca daqueles factos elementares que formam o seu ciclo de crescimento — afinal crescimento digno de mais respeito, porque se trata de crescimento humano.

SAIBA COMER

As saladas cruas

Estão na moda, na verdade, apesar de todas as controvérsias; o argumento principal é que obrigam o estômago a um trabalho exagerado em relação aos benefícios que nos trazem. Mas as saladas constituem uma decoração encantadora para qualquer prato, e o prazer de comer com os olhos é agradável. O hábito de principar a refeição por uma dose de salada é um bom hábito, pois o vinagre ou o limão estimulam as secreções uteis á digestão.

Uma boa salada, variada e bem temperada, fazem um bom aperitivo, com todas as vitaminas intactas. As variedades de saladas são infinitas; as misturas e as combinações são multiplas e dependem do gosto da cozinheira. Pode juntar-se, a uma salada, toda a espécie de coisas: ervas finas aromáticas, cebolas, alhos, legumes raspados, cogumelos cruz, trufas cruas ou cozidas, ovos, fígados de aves, nozes, avelãs, amendoins, amêndoas, noz de coco. Os molhos podem variar, consoante o gosto de cada um; não só os molhos, mas as suas quantidades e as misturas.

Os vegetais cruz conservam todo o seu valor biológico. São as partes mais coloridas as que contêm mais vitaminas. E' pois um contra-senso procurar as folhas mais tenras e brancas ou descascar os legumes. Todos os legumes crus contêm maior ou menor quantidade de vitaminas C e de sais minerais. Quanto ao caroteno ou provitamina A, encontra-se em abundancia não apenas nas cenouras mas ainda mais na salsa.

Em casos de perturbações digestivas, as saladas cruas devem ser consumidas no final das refeições e não como aperitivo.

Quando ela pensa em malhas...

claro que é na

BUSCH

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

O processo de reabilitação de Joana d'Arc

Quem tem dúvidas sobre Joana?

por AUGUSTO DA COSTA DIAS

Em 6 de Março de 1429 Joana conseguira finalmente dar corpo ao que as suas vozes interiores lhe pediam. Desde menina se habituara a ouvir as queixas magoadas dos camponeses seus vizinhos, amigos ou parentes da aldeia de Domrèmy nos confins da Champanha e da Lorena. Não as compreendera logo de início, mas percebia que estavam ligadas com o medo, esse medo que em certas horas se rasgava nos olhos de todos — adultos ou crianças. Foi crescendo. Tudo á sua roda tomava outro sentido. E um momento veio em que essas queixas e o choro das mulheres e o medo acabaram por se unir no seu espírito ás visões terríficas de searas, estábulos e choupanas contorcidas em fogo, aos mortos inocentes, aos roubos de gado. Era a guerra. Mas não uma guerra qualquer. Quando escutava as palavras de seus pais ou dos vizinhos e os fitava de olhos ansiosos, ela retinha duas palavras ditas com ódio e raiva: ingleses e borgonheses. E aprendera a adorar a salvação de todos os infelizes: o gentil delfim, tão triste e escorraçado como o mais pobre dos camponeses. Ah! se ele tivesse força! Não haveria mais nobres borgonheses ou estrangeiros a destruir tudo quanto era fruto do amor e do trabalho. O povo teria paz. Homens e mulheres morreriam na hora em que o Senhor Deus marcasse e não fora do tempo, ás mãos de impiedosos. Mas o gentil delfim era um pobre de Cristo que todos escarneciam...

Quando Joana começou a construir os seus pequeninos sonhos enquanto pastoreava os rebanhos comunais, ou fazia girar o fuso do linho ou da lã, ou com os olhos submersos na crueza da noite — esses sonhos tinham sempre como heroi um jovem delfim de espada reluzente como o sol. E fora ela quem lhe dera a espada e lhe cingira a coroa e o cuidara tal qual um irmãozinho.

Os anos entretanto deslizavam. Joana tornara-se mulher. E ao ritmo do corpo crèsceram os sonhos. Dentro de si soavam as vozes misteriosas. Ao orar reservava sempre o melhor dos seus pensamentos para o gentil delfim que seria a salvação do povo. Aos poucos o senhor do céu e o senhor da terra irmanaram-se no mesmo anseio. A justiça de um era a justiça do outro. Em nome de Deus, em nome do rei. Recolhida sob as ramadas da árvore «Aux-Loges-les-Dames» onde tanta vez folgara com as meninas da sua idade, ouvia vozes que lhe corporalizavam os seus sonhos. E essas vozes garantiam-lhe que «pessoa alguma do mundo, nem reis, nem duques, nem a filha do rei da Escócia, ou outros poderiam recobrar o reino de França». Senão ela. Ela era a enviada do Rei dos Ceus. Quem é o teu senhor? — perguntavam-lhe. E ela respondia: «O Rei dos Ceus». Chegara a hora em que a levariam ante o rei de França e já o ouvia dizer-lhe: «Quem és tu?» Noites e dias pensara na pergunta até que finalmente encontrara a resposta verdadeira:

— «Gentil delfim, tenho o nome de Joana a Donzela e venho da parte do Rei dos Céus».

Essa hora chegara, com efeito, pouco depois da sua chegada a Chinon onde Carlos VII estagiava. Ao aparecer na cidade, naquele dia de 6 de Março de 1429, começava a escrever uma das mais comoventes epopeias de todos os povos. Tudo depois correu depressa. Entre Chinon e Ruão ficam apenas dois anos, dois meses e vinte e quatro dias: em 30 de Maio de 1431 era queimada viva nesta ultima cidade como herética e relapsa. Não tivera tempo de cumprir o desejo que manifestara ao arcebispo de Rémis. Dissera-lhe o bispo, que cavalgava a seu lado, no regresso da sagração real:

— Ó Joana, em que lugar tendes esperança de morrer?».

E ela:

— «Onde Deus quiser, porque, por mim, não estou certa nem do tempo nem do sítio, tanto como vós o sabeis. Quisesse Deus, meu Criador, que pudesse agora retirar-me, pôr de lado as armas e ir servir meu pai e minha mãe, guardando ovelhas com minha irmã e meus irmãos, que folgarão e me voltar e ver».

A brutalidade da guerra ou dos homens que a fazem interrompera-lhe o sonho modesto de camponesa. Ficara numa fogueira. Também é verdade que sem uma palavra que comprometesse a causa do seu povo. Deixa um exemplo sem defeitos. Reservas de coragem para o futuro. E o futuro é isto que gravará nas orelhas dos juízes ao abeirar-se, intrépida, da morte:

— «Do amor ou do ódio que Deus tem pelos Ingleses não sei nada; mas sei que, fora os que nela morreram, todos serão expulsos de França».

Dezoito anos mais tarde (se fosse viva, Joana teria trinta e sete), em 10 de Dezembro de 1449, Carlos VII, que ela fizera sagrar em França, criando-o rei aos olhos de todo o Mundo, entra em Ruão, a cidade da fogueira. Começava a reconquista da Normandia. Cumpria-se a profecia de Joana. Quase dois meses depois o soberano assina esta carta:

«Como outrora Joana a Donzela foi capturada e presa por nossos velhos inimigos e adversários os Ingleses, e conduzida a esta cidade de Ruão, contra a qual mandaram fazer um tal processo a certas pessoas para isso nomeadas e deputadas por eles; no qual processo fizeram e cometeram várias faltas e abusos, de forma que, mediante este processo e a grande freima que nossos inimigos tinham contra ela, a fizeram morrer, iniquamente e contra justiça, muito cruelmente. Por isso, queremos saber a verdade sobre o dito processo e a maneira segundo a qual foi conduzido e instaurado. Mandamos, ordenamos, e expressamente prescrevemos que inquireis e informeis bem e diligentemente sobre o que nele é dito; e vossa informação sobre tal feito vós a mandareis fechada e selada junto de nós e das pessoas de nosso Conselho... porque, para isso fazerdes, vos damos poderes, e especial mandamento pela presente carta».

O que significava esta inquirição? O soberano sustenta, na verdade, que Joana a Donzela fora vítima dos seus «velhos inimigos e adversários». Mas não a reabilita, o que é diferente; quer saber apenas a verdade. Esta circunstancia levanta uma pergunta muito natural: se haveria naquela data duvidas ácerca da personalidade da Virgem de Orleães, que pensariam então, dela, os seus contemporaneos? Existiriam discordancias de opiniões?

Existiam, na verdade. Só o povo lhe era manifesta e teimosamente fiel. Essa fidelidade assumia até as expressões mais diversas.

Ela começara por ter os seus mártires entre a gente simples — aqueles que defendiam em publico a sua inocência. O frade mendicante. Pedro Bosquier fora condenado a prisão por ter manifestado duvidas sobre a isenção, a sinceridade dos juizes que a condenaram; e Perrinaic, simples mulher caída nos saguões da História, recebera também a pena fatal da fogueira por ousar fazer o seu elogio. Para o povo de França não havia duvidas sobre a Donzela: era uma enviada do povo; pertencia-lhes; morrera pela sua causa, que era a causa da independência da pátria e da luta contra os nobres feudais.

Nem todos a viram nas mesmas circunstancias: os de Ruão tinham sentido o seu martírio; os de Orleães, as horas de glória; os de Rémis, a apoteose da sagração de Carlos VII que, nessa hora, deixara de ser o escarnecido Rei de Bourges ao cingir a coroa de São Luís que para ele ganhara a Donzela; e os demais — burgueses, cortesãos ou homens do campo — sabiam dela o que o amor e a ternura transportava de boca em boca de terra em terra.

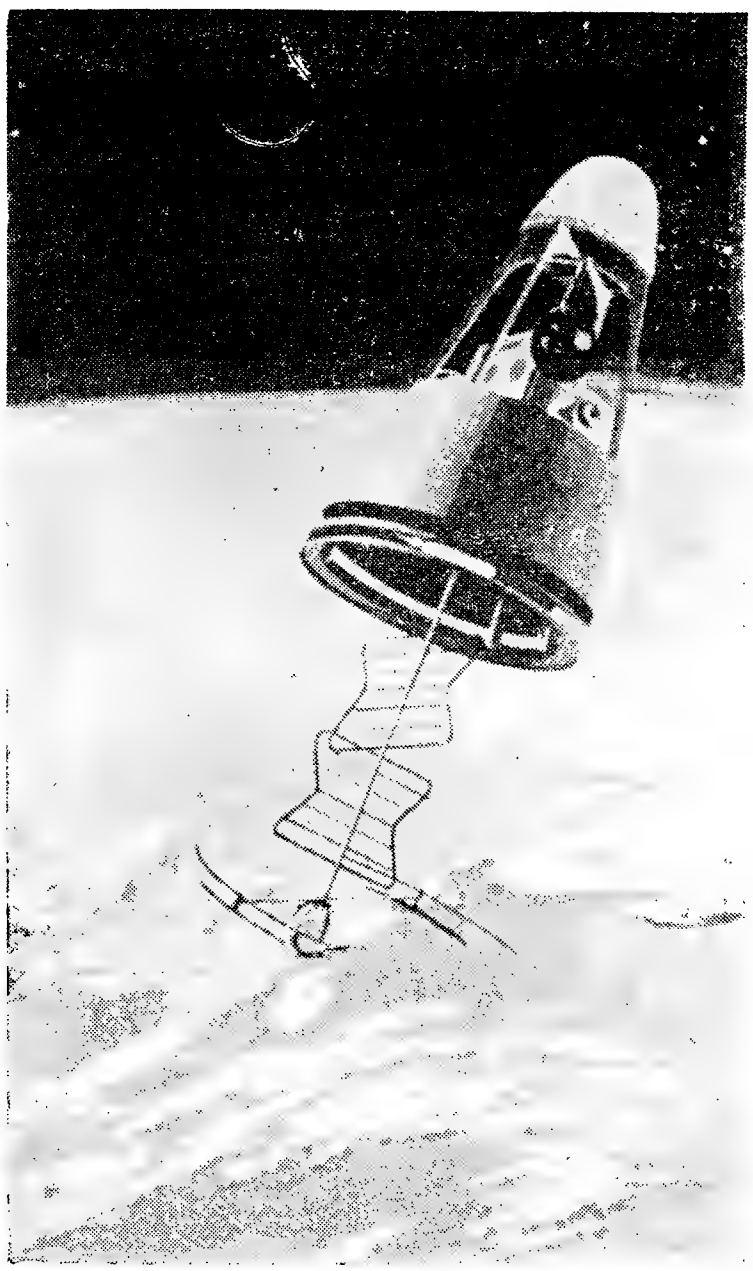
Estes concebiam-na como uma Virgem de Leida, uma habitante dos páramos celestiais. Era uma santa e a força que impelia a sua espada e a luz que brilhava nos seus olhos tinha natureza divina.

Os de Ruão haviam-na visto a caminho da fogueira, simples, erecta, corajosa, sem um tremor que desmentisse na hora de provação suprema a justiça da causa que defendia. «Todo o Mundo a desejava ver» — contarão duas testemunhas da reabilitação. No meio das chamas não revelara um segundo de desanimo; e ao despedir o ultimo suspiro o povo jurava ter visto erguer-se uma pomba que voara para os lados de França. Quem não sabia, além disso, que o carrasco não conseguira reduzir a cinzas o seu coração?

Todas estas imagens haviam depositado nas suas almas; repetiam-nas nas horas tristes; ensinavam-nas aos meninos e acabava por transformar-se numa firme determinação de resistência. Não se passava um dia que não vissem passar na sua frente alguns dos responsáveis pela condenação de Joana: e, desta maneira, o seu desejo de luta era continuamente alimentado. Nos vinte anos de ocupação da cidade nunca esmorecera tal espírito. No ano seguinte ao martírio da donzela tinham-se revoltado e pago com a vida a revolta; dezassete anos depois, voltaram á carga, puseram em fuga a guarnição inglesa e entregavam ao rei de França a cidade leal.

Os de Orleães viam-na na maravilhosa hora do triunfo, e todos os anos, desde 1435, festejavam solenemente, com procissões, o dia da libertação — 8 de Maio. No coração de todos, a Donzela continuava viva. De resto, nunca tinham querido acreditar na sua morte. Estava algures, mas viria. *Fora esta crença que os levara a abrir os braços a uma aventureira que se fizera passar por Joana. E se de novo viesse outra comédia, de novo abririam os braços para a intrusa.*

Não era, pois, entre a gente simples do povo que existiam duvidas. Então entre quem? Eis o que veremos no próximo artigo.



A CONQUISTA DA LUA

Vistas bem as coisas não será idiotismo gastar milhões de dólares e aplicar as maravilhas da técnica tentando alcançar uma das mais pesadas massas de pedra, uma terra morta onde nem sequer é possível um pássaro viver, nem uma bandeira pode flutuar por falta de ar!

Assim pensam aqueles que consideram a experiência apenas do ponto de vista da utilidade. Terão eles razão? Para todos aqueles que lhes interessa o alargamento dos conhecimentos humanos acerca do Universo a resposta é «não».

Ninguém sabe de quando é que estas experiências terão consequências práticas, mas em todo o caso elas nos possibilitarão conhecimentos sobre foguetões. A própria descoberta de Cristóvão Colombo só mais tarde teve grande importancia.

Um novo mundo pode significar um novo futuro. Assim no que refere á Lua, talvez não estejamos a ver, de momento, todas as possibilidades que disso resultará. Calcula-se que a viagem do Lunik III terá custado aproximadamente 3.500 francos por quilómetro. Desde o momento que começaram as experiências até que o primeiro homem ponha o pé na Lua os gastos poderão atingir o custo da primeira guerra. Há, sem duvida, ainda o lado militar da questão.

Desde já, firmas como a General Motors, Westinghouse Electric, e Douglas Aircraft, estabelecem planos de defesa, e de acção nos quais a Lua ocupa um lugar estratégico. Do lado russo diz-se existir um projecto tendente a destruir todas as reservas de foguetões que se encontram no Universo por batarias que seriam colocadas na Lua.

Contudo os interesses militares são ultrapassados pelos interesses puramente científicos dos lançamentos dos foguetões. Os sábios que se ocupam dos problemas do espaço e dos astros estão prejudicados pela atmosfera que envolve a terra, mas uma vez esta atmosfera ultrapassada, as suas observações tornam-se mais claras. Ora a Lua não possui quase atmosfera e por isso seria um lugar ideal para nela se construir um observatório. Atingida a Lua, haveria talvez meio de modificar o clima da terra, e ter-se-ia um ponto de apoio muito importante para as viagens no Universo. Resta ainda ver se a Lua não poderia tornar-se fornecedora de energia e de matérias-primas, porque, sem duvida, a Lua contém numerosos metais e outras matérias que se encontram igualmente na terra.

Colocados em pilha, os cereais amadureciam 3 a 4 vezes mais depressa na Lua que na terra.

Num futuro, em que o homem pudesse dispor da Lua disporia igualmente de possibilidades desconhecidas até agora, isto porque a Lua será sempre uma associada involuntária da terra.

Prevê-se que, tarde ou cedo, haverá uma política de espaço e que os acontecimentos internacionais dependerão em parte da Lua, exactamente porque as potências da terra terão fortificações no novo satélite natural.

Mas é evidente que nesse caso as pequenas potências terrestres perderão a partida, uma vez que não terão meios bastantes para financiar os lancamentos de naves espaciais e tudo quanto lhe diz respeito.

Para todos usarem chapeu

Lá fora resolveu-se fazer, tal como já sucedeu em Portugal, uma campanha em favor do uso do chapéu.

Não são, pois, os Portugueses os unicos a andar com o cabelo á mostra. A diferença começa nos métodos publicitários, como os nos sos leitores poderão verificar, ao olhar as fotos que aqui reproduzimos...

UM MISTERIOSO POVO AMARELO NA AFRICA NEGRA

(Continuação da 1.ª página)

amarela da sua pele constitui elemento de grande interesse humano.

Vivendo em «clans» de 50 a 60 pessoas e separados nas florestas em sectores cujos limites teóricos só eles sabem, orientam-se ainda apenas pelo Sol e pelas estrelae, comem unicamente caça e o grau da sua evolução não vai além do nível permitido pela sua existência perpétuamente nómada.

As suas paragens são raras. Abrigam-se em cabanas muito rudimentares ou descansam debaixo de um simples arbusto estendido sobre as cabeças.

A pele é amarelo-claro, com uns olhos pequenos e semicerrados, dir-se-ia para resistir melhor ás tempestades de areia. Os cabelos são pretos. Têm, normalmente, aspecto mais saudável que os negros.

A sua religião aboliu neles o fetichismo e as mutilações primtivas do nariz, dos lábios e das orelhas. Veneram apenas dois espíritos: o do Mal e o do Bem. Admitem a animismo e a reencarnação.

Os homens desposam duas mulheres. Não sabem contar mais que até três e têm uma linguagem salpicada de duras consoantes e de várias particularidades próximas do que se julga ter sido a primeira linguagem tentada pelos homens primitivos.

São uma raça excepcional. Desde sempre que resistem tenazmente na defesa da sua independência, recusando submeter-se a outras gentes e conservando obstinadamente os seus costumes vindos dos seus recuadíssimos antepassados. Julga-se que os «Bosquimanos» são os testemunhos vivos, nos nossos dias, de uma raça ainda intacta. Será possível avaliar a antiguidade e a origem deste povo?

Depois de se ter admitido poder inclui-los entre as raças negras da Africa do Sul, pensa-se agora que tenham vindo do Norte.

Nas falésias incandescentes do lago Assal, nos confins da Somália francesa, e junto ás planícies da Etiópia existe um pequeno povo, vivendo em cavernas — os Durbas — tão selvagens ainda que não admitem qualquer aproximação, que têm traços físicos parecidos com os destes estranhos habitantes de Kalahari.

Esqueletos parecidos com os dos «Bosquimanos» foram encontrados na Africa Septentrional, na Espanha e ainda na Europa Central. Em Grimaldi, perto de Monte Carlo, dois corpos de pequena estatura foram retirados de uma campa, sepultados nas mesmas condições e com as mesmas particularidades que outros corpos descobertos nas areias do deserto de Nanub, onde vivem os «Bosquimanos».

Teria havido uma emigração por via terrestre nos tempos muito antigos?

Sábios americanos vêem nesses «caçadores amarelos africanos» uma preciosa relíquia da raça protobochimane da idade da pedra, apresentando-os mesmo como descendentes do homem de Boskop (esqueleto encontrado no Transvaal). Os utensílios, o vestuário de couro e outros pormenores dos «Bosquimanos» testemunham a favor de parentes altamente recuados na evolução humana.

As suas faces, lembram quer as dos Tibetanos, quer as dos Indonésios, e Mongois e até a dos Australianos, fazendo, assim, dirigir as atenções dos investigadores para a Asia como sua origem. E, na verdade, os seus costumes fazem lembrar os Weddas que vivem na Ilha do Ceilão.

Onde intervém a pintura rupestre

A qualidade mais interessante dos «Bosquimanos» é talvez o seu gosto, desde os seus tempos mais primitivos, pela pintura nas rochas claras. Nisso têm eles uma particular parecença com os homens das cavernas.

As mulheres Makokas pintam a cara com a mesma cor vermelha que serviram aos seus pintores rupestres.

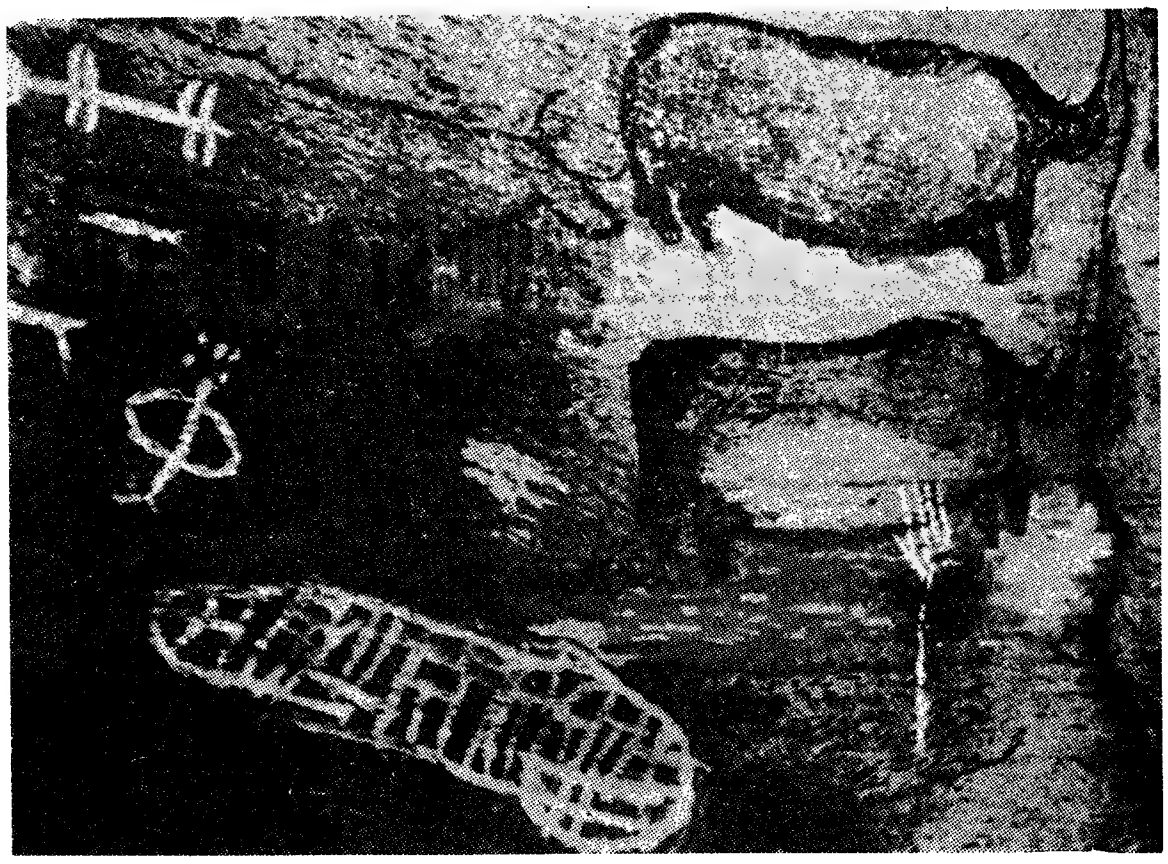
Maravilhosos frescos e belas criações de pintura em pedra têm sido descobertas nas várias expedições levadas a cabo nestas misteriosas terras. A mais importante destas descobertas foram as do «Monte Femea».

Em pleno ar livre nele encontramos o «Fresco Alto» num grande bloco de granito claro; «O Grande», quadro de 5 metros por 3 coberto de desenhos de todas as espécies de animais... e de um homem... os «Isolados» com uma curiosa serpente em aspiral e finalmente o «Sentido da Sede» que conduz até uma fonte. Foi ainda descoberto aquilo que se chama um fresco absolutamente unico no seu género, rodeado de cavernas que se denomina o «Fresco Maior». Difere consideràvelmente dos que têm sido descobertos na Africa do Sul em condições geográficas e físicas análogas. A sua antiguidade é avaliada entre 5 mil e 10 mil anos. Nela se podem admirar desenhos cabalísticos sobrepostos que só a grande e fértil imaginação de um Picasso poderá interpretar.

Todos quantos a visitaram lhe encontram uma grande analogia com um fresco de Dordogne no Sul da França. A parecença é tal que não oferece quaquer duvida. Trata-se, de facto, de como uma cópia de imagens, ponto por ponto, traço por traço.

E' deveras curioso que milhões de quilómetros e de anos tenham separado, de facto, artistas que criaram as suas obras em Africa e França... E, contudo, a sua semelhança é palpável, não oferece duvidas.

Quanto mais vamos conhecendo o povo «Bosquimano» mais a sua antiguidade étnica é mais evidente. E é impresionante pensar que entre esta raça em via de desaparecimento pode bem ser que se encontrem vivos alguns milhares dos mais velhos espécimes humanos do nosso Mundo.



Serpente

Personagem com as mãos no quadril (os pintores neolíticos de Espanha representam-no do mesmo modo). Os pontos à volta da cabeça podem querer significar ornamento de cabelo

Cabana ou tenda com uma pessoa lá dentro

Grupo de cabanas talvez com uma ou várias pessoas lá dentro

O FRESCO MAIOR

Descoberto por André Senet o fresco que vemos na gravura de cima tem três épocas distintas: a dos rinocerontes vermelhos, pintados ou modelados, que remonta de 5.000 a 10.000 anos de antiguidade; a das vacas que não vai além de 500 anos, porque foi só dessa altura em diante que os rebanhos foram introduzidos em Kalahari, e finalmente a época das pinturas brancas de caulino que são muito recentes e deram origem à arte banta. Percebe-se a claro uma mão ocultando o rinoceronte inferior e o filho — pormenor característico da arte banta.

Por baixo das gravuras estão as interpretações.

Quadrúpede (cão?)

Cabana

Animal com cornos

(Continuação da 1.ª página)

RESPOSTA CERTA — A. O feliz Policrates, inquieto com a ideia de que a sua perfeita felicidade podia provocar a ira dos deuses, sacrificou á Fortuna um anel valiosíssimo que atirou ao mar. Mas, passados alguns dias, reencontrou o anel no ventre de um peixe servido ao seu jantar. A Fortuna não quis o seu sacrifício e desde então Policrates conheceu as piores calamidades.

3. Quando falamos na «boceta de Pandora», a que é que nos referimos?

A — A uma prisão ou a um tribunal?

B — A uma coisa cuja existência é imaginária?

C — A qualquer coisa que, aparentemente sedutora, pode provocar as piores catástrofes?

RESPOSTA CERTA — C. Pandora, a primeira mulher criada por Vulcano, foi a Eva dos antigos Gregos. A caixa que Jupiter confiou á sua guarda antes de a enviar á Terra continha todos os males da Criação.

Epimeteu, o primeiro homem, curioso como todos os homens, não pôde resistir, abrindo a caixa de Pandora e assim os males se espalharam pelo Mundo.

No fundo da caixa apenas ficou simbòlicamente a esperança.

Diario de Lisboa

De uma semana para a outra

REVISTA HEBDOMADÁRIA DE ACONTECIMENTOS

DIA 1 DE JANEIRO

EMPORTUGAL — O Presidente da Republica proferiu uma mensagem ao microfone da Emissora Nacional em que acentuou a necessidade de união entre os Portugueses. ✱ O Chefe de Estado foi cumprimentado no dia de Ano Bom. ✱ Em Almeirim a população ficou radiante. E' que a sorte grande do fim do ano saiu na vila. ✱ Seguiu para o Rio de Janeiro o embaixador Lafayette de Andrada, até há pouco encarregado de negócios do Brasil em Lisboa.

NO ESTRANGEIRO — Na recepção do Kremlin, Nikita Kruchtchev disse que a Russia está disposta a reduzir os efectivos militares e a aumentar o seu arsenal nuclear. ✱ Nos Camarões alastra a luta, depois de proclamada a independência. ✱ Na Haia houve mais de cem feridos na passagem do ano. ✱ Em Roma as vítimas foram 2 mortos e 100 feridos.

DIA 2

EM PORTUGAL — Em Goa foi tornado publico o programa da visita do ministro da Presidência ao Estado da India. ✱ Tomaram posse os novos dirigentes da Junta Distrital de Lisboa. ✱ Foi dado o nome de Gago Coutinho á Avenida do Aeroporto ao Areeiro. ✱ No Porto a muralha fernandina abriu fendas e foi interrompido o transito pelo piso inferior da Ponte D. Luís.

NO ESTRANGEIRO—Um cientista sueco afirmou que o almirante Byrd não atingiu o Pólo Norte, mas sim Amundsen. ✱ Morreu a actriz americana Margaret Sullavan. ✱ Um navio de carga americano despedaçou-se nuns rochedos em Singapura., havendo 7 desaparecidos. ✱ Encontra-se doente o presidente da Republica do Brasil dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira. ✱ Faleceu Paul Sauvé, primeiro-ministro da província de Quebec. ✱ Morreu Fausto Coppi campeão mundial de ciclismo. ✱ Anuncia-se que Ghang-Kai-Chek vai visitar os Estados Unidos.

DIA 3

EM PORTUGAL — Em Leiria apresentou-se ás autoridades o autor de um crime de fogo posto por que estão presos dois homens, condenados em tribunal. ✱ No campeonato nacional de futebol o Benfica empatou com o Belenenses por 0-0, no Restelo.

NO ESTRANGEIRO — Kruchtchev anunciou que a Russia só recomeçará as experiências nucleares se o Ocidente o fizer. ✱ O príncipe Franz Joseph Windischgraetz, bisneto do imperador Francisco José da Austria, reclama uma fortuna de 30 milhões de libras que seu avô depositara num banco em Londres. ✱ O ministro dos Negócios Estrangeiros da Pérsia disse que o país está disposto a fazer valer os seus direitos sobre o rio Chatt-el-Arab.

DIA 4

EM PORTUGAL — Ao dar posse á comissão incumbida de elaborar o plano director do desenvolvimento urbanístico da capital, o ministro das Obras Publicas afirmou que a construção da ponte sobre o Tejo está assegurada. ✱ Iniciou as operações ao publico, o Banco de Fomento. ✱ Foi publicada uma portaria de louvor á empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. ✱ Caiu um avião do Aero-Clube da Beira, morrendo o piloto e ficando ferido um passageiro.

NO ESTRANGEIRO — Em desastre de automóvel morreu o escritor Albert Camus, prémio Nobel de Literatura. ✱ Entrou em circulação o novo franco forte, valendo cerca de 100 francos anteriores. ✱ Na Venezuela há prevenção militar devido a atentados terroristas á bomba. ✱ Em Gerona, num recontro com a guarda civil foram mortos um tenente da guarda e Francisco Sabater, há muito procurado pelas autoridaes. ✱ Terminou a greve da industria americana do aço.

DIA 5

EM PORTUGAL — Vai ser publicado um decreto para simplificar os métodos de trabalho e melhorar a eficiência dos serviços publicos. ✱ Faleceu o escritor e desportista Félix Bermudes. ✱ Próximo de Lamego despenhou-se uma camioneta de passageiros, ficando feridos 23 ocupantes. ✱ Tomou posse a Junta Distrital de Leiria. ✱ Foram outorgadas as escrituras da doação de bens á Fundação Mário da Cunha Brito.

NO ESTRANGEIRO — Em vários países tem havido manifestações nazis e anti-semitas que causam graves preocupações. ✱ A Secretaria do Tesouro dos Estados Unidos propôs a retirada das tropas americanas da Europa, opondo-se Eisenhower e Herter. ✱ MacMillan iniciou uma viagem de um mês aos territórios africanos da Comunidade Britanica. ✱ Morreu o escritor e académico francês Fernando Gregh. ✱ Completou 84 anos o chanceler Adenauer. ✱ Janio Quadros iniciou a sua campanha de propaganda para a Presidência da Republica.

DIA 6

EM PORTUGAL — Faleceu o prof. Mendes Correia, presidente da Sociedade de Geografia e antigo director do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. ✱ Demitiu-se a direcção da Federação Portuguesa de Futebol. ✱ Na Covilhã foram inauguradas casas para magistrados. ✱ Foi estabelecido um perímetro turístico na capela da Senhora do Monte. ✱ Em Santarém, a Academia Militar homenageou a memória de Sá da Bandeira.

NO ESTRANGEIRO — Em Bilbau, o Sporting Clube de Portugal empatou com o Atlético de Bilbau por 0-0. ✱ O ministro da Defesa da Alemanha Federal visitará Portugal no dia 10 de Janeiro. ✱ Anuncia-se que de Gaulle visitará os Estados Unidos no mês de Abril. ✱ Num desastre de aviação nos Estados Unidos morreram 34 pessoas. ✱ Anuncia-se que, perto de Madrid, vai ser construída uma central eléctrica no Tejo. ✱ Albert Camus foi enterrado em Lourmarin, acompanhado pelos aldeões da região

DIA 7

EM PORTUGAL — Anuncia-se que Portugal liberalizou o comércio de importação da zona do dolar. ✱ Foi nomeada uma comissão administrativa para a Federação Portuguesa de Futebol. ✱ Faleceu o prof. Luís Costa, director do Orfeão Portuense. ✱ O coronel Santos Pedroso, presidente cessante da Junta de Provincia da Estremadura, foi homenageado com um banquete. ✱ Na estrada perto de Azeitão um automóvel foi contra uma furgoneta. Morreu uma senhora e ficaram feridas 12 pessoas. ✱ Partiu para Goa o ministro da Presidência.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower disse estar pronto a cooperar com a Russia para atingir uma paz justa. ✱ Em Paris, a princesa Francisca de Bourbon-Parma casou com Eduardo de Lobrowincz. ✱ Em vários países a campanha anti-semita continua violenta. ✱ O sultão de Marrocos chegou ao Cairo em visita oficial. ✱ O cardeal Ottaviani disse em Roma não poder haver paz verdadeira enquanto se admitir a coexistência com chacinadores.

DIA 8

EM PORTUGAL — O embaixador britanico condecorou os srs. prof. Amorim Ferreira, dr. F. Cortês Pinto, conde de Caria e Fernando Pessa. ✱ Foram inauguradas em Lisboa as novas instalações da Sabena. ✱ No porto de Lisboa, os navios estrangeiros poderão trabalhar aos domingos e feriados em regime condicional.

NO ESTRANGEIRO — Os Russos anunciam que vão fazer experiências com foguetões em direcção ás ilhas Marshall. ✱ Diz-se no Cairo que vai ser convidado a regressar a Marrocos o antigo chefe rifenho. Abdel Krim. ✱ O rei do Marrocos convidou o presidente Nasser a visitar oficialmente Marrocos. ✱ Nova vaga de greve ferroviária ameaça a Argentina. ✱ No «Royal Festival Hall» de Londres, apareceram duas grandes cruzes suásticas.

Dois grandes acontecimentos de 1960:

a conferência de alto nível em Paris e a eleição presidencial na América

O ano de 1960 será de decisiva importancia para o Mundo. Dois acontecimentos, já previstos, assinalarão o seu curso, pela importancia e significação de que se revestem. Em Maio a conferência de alto nível servirá para avaliar, com fundamento, as probabilidades reais de cooperação, ou pelo menos de coexistência, entre as nações ocidentais e o bloco de Leste. Em Novembro a eleição presidencial nos Estados Unidos ditará, para os próximos cinco anos, a orientação que este país seguirá. Essa orientação, embora ditada pelas conveniências da sua política interna, terá profundos reflexos na vida internacional. Ambos constituem, neste momento, incógnitas a respeito das quais é possível formular suposições mais ou menos legítimas e nada mais.

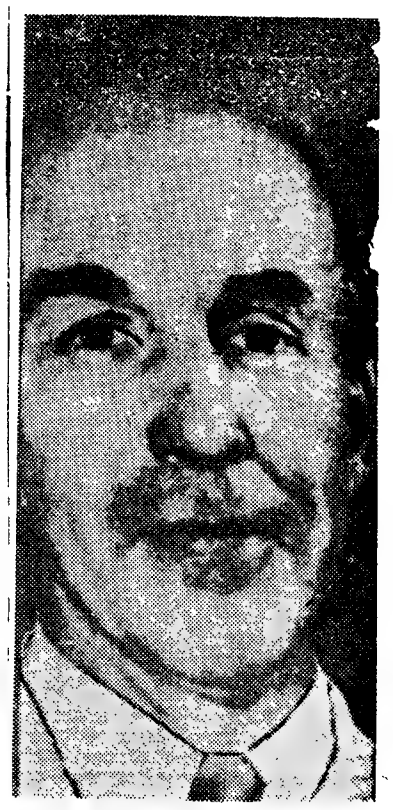
Será a conferência de alto nível um êxito ou terminará pelo malogro que alguns predizem? Além destas duas hipóteses extremas, não é de excluir uma terceira — a de os seus trabalhos levarem a um novo compromisso que o mesmo é dizer a um novo adiamento dos problemas pendentes. Esta ultima é talvez a mais provável e aquela que acabará por se impor. Como medida de precaução os Ingleses fizeram já triunfar a sua fórmula das conferências de alto nível em série. Segundo a sua Imprensa, se a que deve reunir-se em Maio não der resultados decisivos, outra será convocada para 1961 e então o clima das relações internacionais ter-se-á modificado num sentido mais favorável e prometedor.

A crise nessas relações, latente desde o fim da guerra e que teve na guerra fria a sua expressão culminante, não será resolvida numa conferência, nem talvez mesmo numa série delas. Exigirá, na sua evolução caprichosa, sucessivos arranjos e estes só serão consentidos á medida que o tempo for passando, por povos educados e preparados para apenas aceitar soluções que dessem inteira satisfação aos seus pontos de vista ou integralmente correspondessem aos seus interesses e aspirações. Quer isto dizer que a liquidação do contencioso entre o Ocidente e o mundo comunista exigirá muito tempo e, á medida que prosseguir, será indispensável preparar psicológicamente os povos para aceitar e reconhecer as realidades que as contingências de uma guerra nuclear, tornaram imperativas e iniludíveis.

A eleição presidencial nos Estados Unidos, é igualmente, uma incógnita. Ainda não há muito tudo indicava que o Partido Democrático seria o grande favorito da competição marcada para a primeira terça-feira de Novembro. Com a ultima viagem do presidente Eisenhower, o cenário da política americana sofreu uma transformação radical.

O convite a Kruchtchev abriu aos republicanos americanos o caminho do triunfo sobre os seus competidores em Novembro. Se este não pode garantir-se, é legítimo dizer que está hoje ao seu alcance. publicanos americanos o caminho do triunfo sobre os seus competidores em Novembro. Se este não pode garantir-se, é legítimo dizer que está hoje ao seu alcance.

Quanto aos dirigentes russos. nunca eles ocultaram a sua preferência pelos dois partidos—o Conservador na Grã-Bretanha e o Republicano nos Estados Unidos — embora trabalhistas e democráticos, nos quadros da política nacional dos dois países, figurem como forças políticas de esquerda. De longa data se verifica que, para eles, é mais fácil negociar com os partidos da direita, como tal etiquetados do que com os agrupamentos de esquerda cuja linha anticomunista é vincada e não sofreu no curso do tempo desvios ou entorses sérios.



A FIGURA DA SEMANA

Nelson Rockefeller

O governador do Estado de Nova York tornou-se, em pouco tempo, uma personalidade predominante da política americana. A sua declaração, desistindo de se apresentar como candidato republicano á eleição presidencial de 1960, causou sensação. A não ser nos meios dirigentes do Partido Republicano, poucos certamente estariam em condições de a prever. A surpresa que provocou aumentou quando se tornaram conhecidos os verdadeiros motivos da sua atitude. Esses motivos resumem-se em pouco. A «máquina» daquele partido é-lhe francamente hostil e aguardava apenas a oportunidade de lhe manifestar a sua hostilidade.

O seu homem é o actual vice-presidente Richard Nixon que consideram como um político hábil e cujos sentimentos profundos correspondem á orientação tradicional do partido e aos interesses de uma grande parte dos seus mais categorizados elementos. Por um paradoxo — e estes são frequentes nos Estados Unidos, sobretudo em períodos de preparação eleitoral — enquanto o governador de Nova York pertence a uma das famílias ricas e poderosas do seu país sendo um magnate da industria petrolífera, o candidato do «big business» é, há muito, o seu competidor, Nixon.

Também este paradoxo se explica sem dificuldade. Rockefeler é um liberal — no sentido americano do termo — enquanto Nixon é um oportunista que, depois de ter apoiado abertamente a facção que chefiou o falecido senador J. McCarthy, foi enviado a Moscovo para preparar o desanuviamento russo-americano. Essa qualidade reconhecem-lha amigos e adversários indistintamente. Bastará, porém, ele para o fazer ganhar a eleição de Novembro? Os democráticos soltaram um suspiro de alívio quando souberam que Rochefeller desistira por estarem convencidos de que lhes será mais fácil bater Nixon do que vencê-lo a ele. Esta suposição, generalizada não só entre os democráticos como entre os republicanos, aguarda a confirmação dos factos que é como quem diz aguarda a decisão do eleitorado que se reveste de excepcional importancia para a América e para o resto do Mundo.

AUTOMÓVEIS USADOS...
...MAS EM BOM ESTADO

DAS MAIS VARIADAS MARCAS E PARA TODOS OS PREÇOS. REVISTOS NAS N/ OFICINAS E NAS MELHORES CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO COMAL OFICINAS

Av. Álvares Cabral, 45-B — Telef.: 680160 - 688525

Carpetes Tapetes Tricana

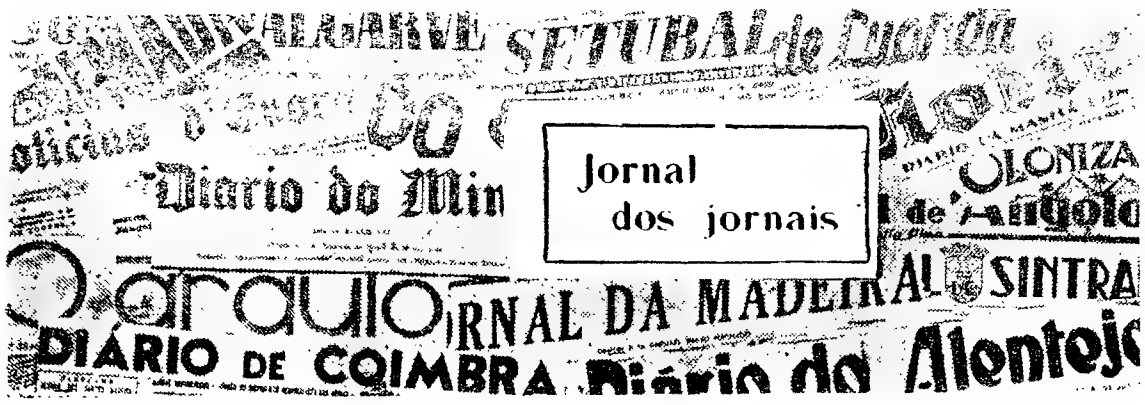
Preços de Fábrica, Grandes descontos em saldos de balanço
Av. Praia da Vitória, 48-A
(Ao Monumental)

já viu a EXPOSIÇÃO? da R. DO TELHAL, 74-D LISBOA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em LOURES na agência de NATALINO NEVES CEGO.



Valioso donativo

para a creche de Cuba que terá o nome da esposa de Fialho de Almeida

Duas senhoras desta localidade, pertencentes a uma distinta família, que se tem notabilizado por variados actos de benemerência, e que desejam que o seu nome fique no olvido, ofereceram á Camara Municipal deste concelho, na pessoa do seu presidente, com o fim expresso de se destinarem á edificação da Creche D. Emília Garcia Pego, a edificar nesta vila, como homenagem á falecida esposa do grande escritor alentejano Fialho de Almeida um grupo de acções da Hidro-Eléctrica do Alto Alentejo, no valor aproximado de 110 contos.

Porque a Camara já dispõe de outro legado deixado pelo filho desta terra e grande benemérito Xavier Firmino Vieira, que foi testamenteiro de Fialho, e sabia dos seus projectos de dotar Cuba com uma creche, onde pudessem ser recebidos os filhos dos rurais, cuja vida precária muito enternecia o escritor, vai o Município encetar diligências para que a construção se inicie ainda dentro do corrente ano.

Esta notícia causou grande satisfação na população local.

(«Diário do Alentejo», de Beja)

Teleférico

Da Santa Casa da Misericórdia de Sintra foi recebido, recentemente, na Camara Municipal, um ofício, informando que o preço mínimo da propriedade denominada «Terras das Murtas», situada nesta vila e propriedade da mesma Santa Casa, de harmonia com a avaliação que foi feita, oportunamente, e comunicada pela Direcção-Geral de Assistência, é de 152.000$00.

Acrescenta ainda que Sua Ex.ª o Ministro da Saúde e Assistência, por seu despacho de 31 de Outubro ultimo, autorizou, independentemente da formalidade da hasta publica, a venda a este Município da referida propriedade. Assim, o sr. presidente propôs, e a Camara aprovou por unanimidade de votos, comprar as aludidas «Terras das Murtas», pela quantia referida de 152.000$00, com a condição de o pagamento respectivo ser feito até 30 de Junho do ano de 1960.

Trata-se, como se depreende, de terrenos indispensáveis ás instalações do futuro Teleférico de Sintra, iniciativa que tem sido morosa, no capítulo da desejada realização, mas que não está posta de parte, como muitos pessimistas julgam.

(«Jornal de Sintra», de Sintra)

Vista aérea da capital da Jordânia

A VOLTA AO MUNDO — (29)

JORDANIA

SUPERFÍCIE — 96.513 quilómetros quadrados.

HABITANTES — 1.500.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Amman, capital, (170.000 habitantes), Jerusalém (75.000 habitantes no sector jordano), Es Salt (14.500).

E' de notar que mais da décima parte da população, cerca de 200.000 habitantes, são nómadas e como tal vivem.

CLIMA — A Jordania, país continental, tem um clima típicamente continental, de extremos. Só a parte ocidental dispõe de vegetação de estepes. Na parte interior os desertos são de uma dureza enorme e de calores excessivos no verão.

MONTANHAS — O território jordano é dividido por quatro regiões naturais: a de Bassan, ao norte, com os montes Joran, de 1.866 metros e Tel-Abn-Neida, de 1.230 metros; a região de Galaad, com os montes Um-E-Darad, de 1.300 metros; a região de Moab, com o monte Sijon, de 1.058 metros; e a Serra da Dumeia, ao Sul, com a montanha de Hor Haar, de 1.336 metros em que os Muçulmanos põem o tumulo de Aarão.

RIOS — Os cursos de água mais importantes são o Parpar, o Larmuk o Jeshbon, o Zered, o Rukad, afluentes do Jordão que é o mais importante com 321 quilómetros.

GOVERNO — Pela constituição de 1946, a Jordania é uma monarquia constitucional. O poder executivo é exercido pelo rei, assistido pelo primeiro-ministro e pelo Governo, responsáveis perante o Parlamento. Este é constituido por 2 camaras: a dos senadores, em numero de 20, nomeados pelo rei por 8 anos, e a dos deputados, 40 escolhidos em eleição discreta por 4 anos.

O monarca é o rei Hussein I.

O primeiro ministro é Samir-el-Ripai.

EDUCAÇÃO — E' livre e obrigatória a educação primária. Há 445 escolas primárias. O índice do analfabetismo é de 50%. Há 3 colégios universitários em Jerusalém e Amman.

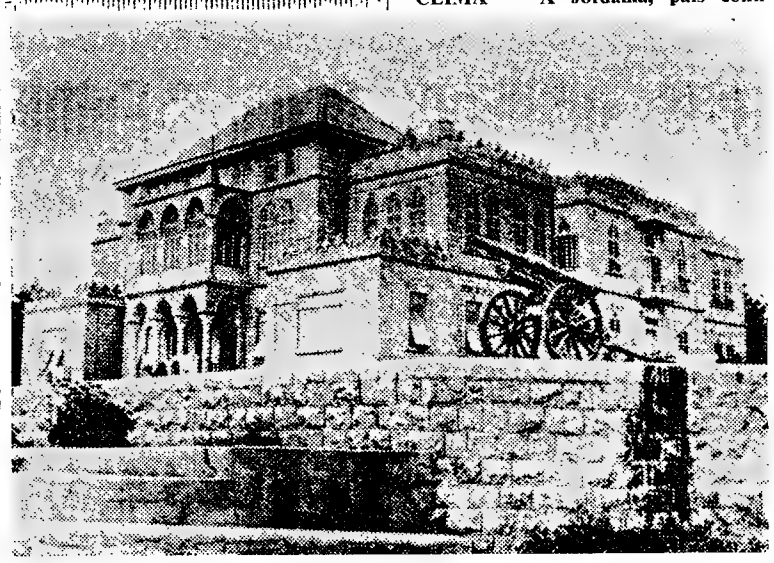
AGRICULTURA E INDUSTRIA — O solo jordano é em grande parte deserto, podendo dizer-se que 95% do território é improdutivo. As principais culturas são cereais, tabaco, vinho. A pecuária é constituída principalmente por 515.000 ovinos, 625.000 caprinos, 99.200 ovinos e 22.500 camelos.

As principais manufacturas são os tecidos, as bebidas, o azeite, o sabão e materiais de construção.

RELIGIÃO — A grande maioria dos habitantes, 92%, são Muçulmanos. Há bastantes cristãos.

LÍNGUA — A língua oficial é o árabe.

MOEDA — A unidade monetária é o dinar jordanico.



Uma vista do palácio real de Amman

LIVROS NOVOS

«INDIA PORTUGUESA»
pelo dr. Frederic Marjay

Marjay

Depois de nos dar uma série de obras em que se evidenciam sobretudo aspectos de interesse turístico do nosso País, o dr. Frederic Marjay publicou agora um estudo histórico sobre a «India Portuguesa», que além do raro sentido de apresentação gráfica que caracteriza seus livros anteriores, patenteia o gosto que tomou pela nossa terra, num trabalho do mais profundo alcance. Já não é apenas o eterno apaixonado das nossas paisagens ou dos nossos monumentos, que se tem revelado em tão belas reproduções de imagens sugestivas, numa já longa série de volumes primorosamente apresentados sob o título genérico de «Colecção Romantica», em que nos mostrou ainda há pouco uma admirável Coimbra, vista em tantos aspectos, por novos prismas. E', sobretudo, o estudioso, amigo de Portugal, que se debruçou, atenta e apaixonadamente, sobre uma das mais notáveis páginas da história do nosso povo e que, tendo deparado com toda a opulência de uma época, quis trazer ao publico de hoje o seu testemunho entusiástico, apoiado numa riquíssima colecção de documentos e de imagens, que constituem uma perfeita afirmação da legitimidade da presença portuguesa no Oriente.

Sem deixar de manter a orientação que presidiu á elaboração dos seus livros anteriores, numa preocupação evidente de ser impressivo pela síntese das observações e pelo choque das imagens mais expressivas, o autor da «India Portuguesa» soube conduzir este novo trabalho de modo a marcar mais firmemente a sua intenção, em que se observa sobretudo o mais ardente desejo de prestar uma homenagem á nação que o acolheu e onde tem podido viver.

Após uma introdução, em que ficam nitidamente expressos os propósitos da publicação deste livro, o dr. Marjay traça, em páginas, que têm o segredo de, ser ao mesmo tempo, sintéticas e valiosamente documentadas, o perfil dos homens que contribuiram para a nossa epopeia da India e reproduz uma série de interessantíssimos documentos inéditos ou pouco conhecidos, que não podem deixar de despertar a atenção dos estudiosos ou simples curiosos dos nossos assuntos históricos.

O livro fecha com uma notável série de gravuras de aspectos de Goa, Damão e Dio, que, valorizando este rico documentário constituem a mais elucidativa documentação da tese que justifica a posição de Portugal naquelas terras longínquas da costa do Industão.

«NORMAS PARA A CONSTRUÇÃO DE LAVADOUROS PÚBLICOS»
edição do Centro de Estudos de Urbanismo

Na sequência dos seus serviços de informação e orientação técnica publicou o Centro de Estudos de Urbanismo este trabalho documental de interesse prático evidente. Como se sabe, nos pequenos aglomerados populacionais, mormente naqueles em que a distribuição de água é feita, apenas, por fontanários, não pode dispensar-se a construção de lavadouros publicos, pois sem eles a população terá de recorrer a linhas de água vizinhas, recurso eventual, incómodo, inconveniente e, até, condenável.

Com o objectivo de facilitar a actividade das Camaras Municipais neste campo, entendeu a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização elaborar uma monografia de lavadouros-tipo que possa servir de orientação e sugestão aos técnicos municipais na organização dos projectos formais de que sejam encarregados. Para mais completa utilidade do trabalho que agora é posto á sua disposição, indicam-se as normas e critérios que serviram de base á elaboração dos projectos-tipo.

O trabalho tem finalidades pragmáticas que se apresentam com clareza e documentação gráfica muito util no caso.

«DO LOGO DO OLHAM À VILA DO OLHÃO DA RESTAURAÇÃO»
por Antero Nobre

Na colectanea de Estudos Algarvios que a Casa do Algarve está a publicar, em valiosa extensão das suas actividades asociativas, foi editado há pouco este estudo de monografia local sobre a vila de Olhão, da autoria de Antero Nobre. Publicista erudito e bem documentado, escritor de inatos dons e de estilo claro e elegante, o autor reune neste trabalho informações de grande interesse sobre a prestigiosa povoação algarvia, abrangendo o seu passado desde as origens históricas conhecidas até á consagração que lhe foi dada em 1808 com o título de Vila de Olhão da Restauração. Na nossa escassa bibliografia localista, este estudo constitui meritório exemplo que se lê com agrado e apreço.

Victor Manuel

o mais irrequieto dos Saboias

Segundo notícias de Roma, Victor Manuel de Saboia, unico filho varão de Humberto de Itália e de Maria José da Bélgica, é o mais irrequieto da família. Concluido o curso do liceu na Suíça e admitido na Faculdade de Ciências Políticas de Turim, sofreu um acidente em práticas submarinas, sob a direcção do filho de Picard, e voltou á Suíça para estar junto de sua mãe, que assim mesmo não conseguiu evitar que o irrequieto Victor Manuel continuasse a jogar a vida em correrias de esqui, automóvel e de bicicleta. Agora é-lhe atribuido pelos jornais italianos o propósito de se casar com uma burguesa rica, Dominique Cartier Claudel, neta de Paul Claudel e filha do joalheiro Cartier. Acrescentam os jornais italianos que tal projecto encontra oposição paterna, já bastante alarmada com os perigos que Victor Manuel corre nas mais audazes proezas desportivas, a ultima das quais lhe ia custando a vista. Há dias, pilotando um «Ferrari» que, por paradoxo lhe foi oferecido pelos pais no recente Natal, corria, em competição com outros jovens, pelas ruas de Genebra, com o seu companheiro predilecto, Alexandre Baioianu, chocou contra um muro, com tal violência que foi projectado a distancia.

Um fotógrafo correu a registar o desastre, e Victor Manuel e o seu companheiro e competidor, agrediram-no e destruiram-lhe a máquina, com grande indignação dos pacíficos genebrinos e necessária intervenção das autoridades que estão a proceder a um inquérito.

POLICLINICA DA RUA DO OURO — ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas
Dr. Romão Lofi — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, figado, intestinos e doenças anorectais — As 18 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
Dr. Luís Malheiro — Pele e sifilis — As 3.as, 5.as e sábados das 14 ás 16 e 30 h.
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas

JUVENIL

O talento

Não, não me julguem de falsa modéstia! Falando com toda a sinceridade nunca tive vocação musical.

Porque nego então veementemente? Já vão ver:

Tudo isto começou numa quente tarde de Verão daquelas tardes muito aborrecidas em que até ir á piscina refrescar o corpo constituiu um tremendo sacrifício. Numa daquelas tardes em que não encontramos absolutamente nada em que nos possamos ocupar. E que ocupação poderíamos encontrar num hotel de luxo á beira-mar? Umas partidas de ténis, uma canasta, uma ida á piscina... Aqui tudo é fastidioso desde os rapazes esqueléticos que todas as manhãs vão cedíssimo á praia para melhorar a sua compleição atlética, raparigas sinistramente pintadas, senhoras de generosos decotes até aos senhores barrigudos que á força de tanto mentir, crêem ter na família, um título, uma parcela de sangue azul, que lêem o «Herald Tribune» ou livros políticos que dizem ser interessantíssimos. Sim, porque a política deve interessar a todo o «gentlemen!».

Foi neste ambiente que me aconteceu... Bem, mas contemos. Estava aborrecidíssima! Entrei na sala de fumo para procurar uma revista que tinha deixado na tarde anterior e que me interessava bastante, pois trazia 2 ou 3 crimes sensacionais. Procurei e não a vi. Sentia-me cada vez pior. Olhei por toda a sala e vi ao fundo um piano em que ainda não reparara. Aproximei-me e admirei o magnífico estilo mas o tédio, um tédio poderoso invadiu-me de novo. Bocejei e abri o piano. Uma ideia cruzou-me o cérebro, rápida como um foguete interplanetário. Não sei musica mas «agarrei-me» ás teclas com tal furia que temia a cada momento ver saltar alguma. Toquei, toquei com tal entusiasmo, com uma espécie de contentamento feroz, por poder vingar-me do aborrecimento.

Julgava-me já um Chopin ou um Beethoven e ria alto, feliz, muito feliz, quase enlouquecido por aquele ruido horrível, frenético que me estremecia todo o corpo. As gotas de suor perlavam-me a fronte e começava a doer-me a cabeça. Parei com um si muito fininho que me arrepiou. Limpei as mãos e a testa. Ia-me a levantar quando uma voz atrás de mim me sobressaltou. Virei-me e vi um senhor gordo e baixo, com a gravata de pintinhas ao lado, o cabelo em desalinho gaguejando palavras que não percebi. Pensei imediatamente: «O que estava a fazer ao piano, o dono do hotel!».

Mas quê? Estendia-me a mão? Felicitava-me? Mas porquê? Só então percebi as suas palavras cheias de entusiasmo: «—Fantástico! Que génio! Estas composições são suas certamente. Que magnífico! Deixe-me que a felicite!».

Eu quedava espantada, de cabelos colados á testa. A blusa de «sport» saindo-me da saia. O senhor gordo levou-me através de salas e salas quase me arrastando. Chegámos ao terraço. Impeliu-me extenuada para a frente e sem que eu pudesse replicar foi dizendo: «Vejam, amigos. Grande descoberta minha. Aqui está um génio na musica. Aí, na vossa frente. Que colosso, que colosso musical! Ouvi-a tocar composições suas!».

Fui apresentada a muita gente que me olhava estranhamente admirada do meu horrível aspecto.

«—Já sabe! À noite tem de dar um recital. Já não escapa!».

Fiquei atrapalhadíssima, mas tinha de levar a comédia ao fim.

Vesti um vestido largo (por causa dos gestos) e fui. Saudaram-me de todos os lados e notei que numerosas «snobs» se mexiam inquietantemente, certamente escandalizadas do meu trajo.

Sentei-me ao piano. O principio foi incerto. Quase tinha medo de tocar as teclas, mas com o andamento comecei a sentir que o desejo de vingança me assaltara de novo e toquei loucamente. Parava de vez em quando o que todos os assistentes classificavam de uma paragem para novo trecho. Nesses intervalos, ouvia por vezes pedir bis, mas eu, com toda a presença de espírito respondia que preferia tocar outra coisa.

—«E' extensíssimo o seu repertório!» — ouvia a meu lado dizer o senhor que me «descobrira» — «e todas em estilo diferente!».

Todos os «entendedores da boa musica», estavam encantados quando terminei. Quantos não teriam tomado uma aspirina ao deitar!

E pronto, eis a minha história, o segredo que há tanto tempo guardo e que agora resolvi desvendar pois sinto-me muito cansada e necessito de passar umas férias... no campo.

O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAIS

Vem a propósito este escrito acerca de alguns artigos ou contos publicados nestas páginas do Juvenil. Por mais que possa parecer estranho eu não concordo com a maioria deles. Porquê, é a pergunta que natural e lógicamente se sucederá. Realmente eu próprio fiz esta pergunta a mim mesmo antes de pegar na caneta e no papel.

Tenho na minha frente o n.º 138 do Juvenil e vou ao mesmo tempo que cubro as páginas com as minhas garatujas parando o olhar pelas suas páginas. Aliás conheço já o numero quase de cor, de tanto o ler.

Artigos tristes e artigos juvenis

Passo pelas «Tradições de Natal», viro a página, leio «Os Cavaleiros da Távola Redonda» e o meu olhar é travado por um artigo com um nome que implica saudade. Não o nomeio nem é necessário. Aliás esclareço que como foi este, outro poderia ter sido. Os Juvenis anteriores estão recheados de exemplos semelhantes. Leio o nome do autor e com espanto detenho-me na idade do mesmo. Catorze anos! Isto não será nada que deite o mundo a perder, mas não haverá alegria nesses catorze anos de vida? Será tudo, a tristeza que emana daquelas linhas? Outro artigo de um jovem da mesma idade num numero anterior fala em «Meditando».

Estarão os artigos mal escritos ou mal passados? Não. Eu nesse ponto acho-os agradáveis, se as regras me permitem usar este termo. E' que perpassa neles um tom muito compungido e triste que não ilude. Mas porque não escrever a vida que se passa aos catorze, doze, dezasseis anos, porque mergulhar no caminho do desalento, da tristeza? Nessa altura da vida ainda, de um modo geral, esses problemas não preocupam suficientemente, sublinho, o rapaz ou rapariga para que ele possa ver com olhos tristes certas facetas da vida. Nessa idade ele vê, ás vezes sente e logo esquece. Não fica a remoer o passado. O jovem sente em si um impulso irresistível e tremendamente aliciante para meter ombros á vida que, exceptuam-se os casos especiais, ainda não mostrou tudo o que pode fazer de bom ou de mau num homem e no seu destino. O jovem vê o seu horizonte alargar-se cada vez mais e só mais tarde, a partir dos dezasseis anos ele estará apanhado nas redes da puberdade problemática. Então sim, ele sente-se triste, desolado, sem saber porque e para que existe. Nessa altura ele é sem

Por **ANTÓNIO NUNES DE ALMEIDA**

(19 anos)

(Continua na ultima página)

A CONVERSA DA SEMANA

1

CRITICA DA COLABORAÇÃO

A aglomeração do trabalho neste fim de ano não nos permite que, hoje ainda, continuemos a crítica aos ultimos trabalhos dos nossos Amigos. No próximo numero já estaremos em condições de o fazer. Que os interessados nos perdoem este atraso.

2

O JUVENIL E OS JOVENS INGLESES

A Amiga n.º 433 — Maria Virgínia G. Cordeiro teve a amabilidade de nos mandar uma notícia que nos deu e certamente dará aos nossos leitores uma profunda satisfação: uma jovem inglesa, numa carta que lhe escreveu, diz:

«Tenho pena que em Inglaterra não haja um «Juvenil» como o vosso».

Agradecendo áquela rapariguinha a sua gentileza, gostaríamos de a convidar a escrever no «Juvenil». Quererá a Maria Virgínia ter a bondade de lhe comunicar o nosso pedido? Ela poderia fazer um artigo sobre qualquer assunto — problemas ou aspectos da vida dos jovens ingleses — contos, narrativas de viagem, etc.

Esta mesma sugestão se dirige aos Amigos que tenham correspondência com jovens estrangeiros, a fim de que o nosso jornal possa ter, deles, uma colaboração de muito interesse para todos nós.

Podemos contar que esta será posta em prática?

3

O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAÍS

Esta semana nao recebemos qualquer crítica ao trabalho do José Augusto Moura Pimenta, Amigo n.º 362, sobre «Importancia e alcance da História». Quererá isto dizer que todos estejam cem por cento de acordo com as opiniões expostas naquele artigo? Mesmo neste caso não seria util aprofundar este ou aquele ponto de vista do Moura Pimenta?

Quere-se-nos afigurar que ele levanta problemas dignos da atenção de um jovem que tenha a ambição de pensar com lucidez. De que movimentos económicos, políticos, sociais, filosóficos, artísticos e científicos somos herdeiros? Que nos trouxe o século XIX? Que papel terão as Ciências Históricas na preparação dos homens para enfrentar os problemas que se lhe apresentam? A ignorancia da História, do estudo «das causas que originaram os diversos movimentos sociais e políticos que surgem, a todo o momento, na face da Terra» não constitui um gravíssimo defeito de cultura?

Tudo isto aparece implícito ou explícito no trabalho do Amigo n.º 362. Bem ou mal? Eis o que os nossos jovens leitores não deverão deixar de assinalar com aquela calma, tolerancia e sentido crítico a que ja nos acostumaram.

Mãos á obra, amigos! Para não interferir nas opiniões que vierem a manifestar, guardaremos para depois da publicação dos seus depoimentos a crítica que faremos ao Moura Pimenta.

O melhor depoimento terá, como de costume um prémio especial.

4

ARTIGOS TRISTES E ARTIGOS JUVENIS

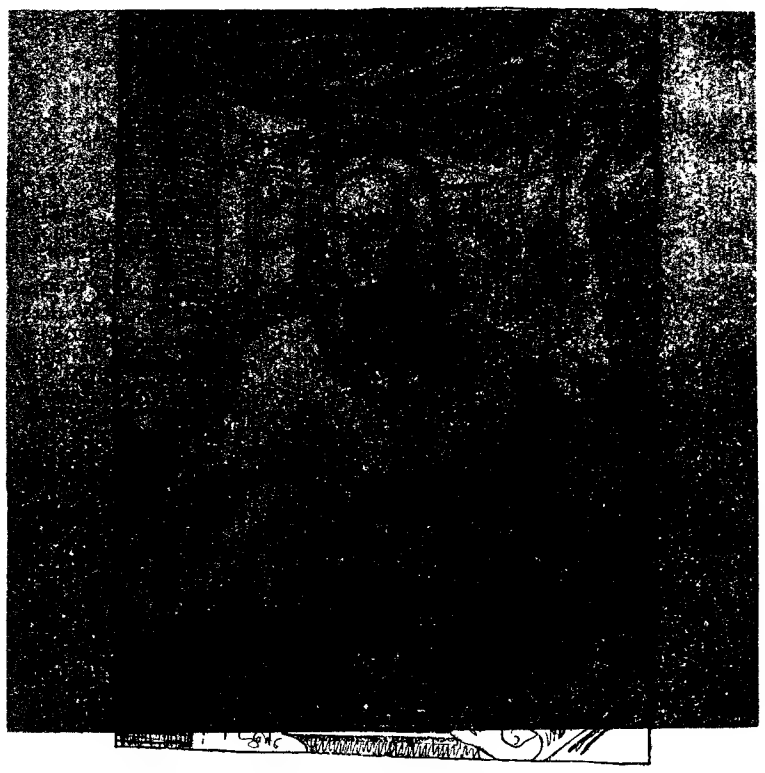
O Amigo n.º 1680 — António Nunes de Almeida, enviou-nos um artigo com aquele título. Reservá-lo-emos para a secção «O que pensam os jovens do nosso País», pois não só cabe perfeitamente dentro dela como possui alto interesse».

(Continua na ultima página)

GIGANTES DE PORTUGAL

O célebre autor do «VERDADEIRO MÉTODO DE ESTUDAR» foi uma das personalidades mais notáveis da cultura portuguesa. A publicação daquela grande obra, em 1746, marca uma época e produziu uma vivíssima polémica, pois nela se fazia a crítica mais larga e desassombrada que até então se fizera ao atraso da nossa cultura, ás nossas instituições de ensino.

As respostas devem estar na redacção do «Juvenil» até ao próximo dia 15 de Janeiro, acompanhadas do nome completo, morada,



data de nascimento, numero de ficheiro (caso o tenham já) e a menção dos três artigos que mais apreciaram esta semana.

Além dos habituais prémios, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o autor de uma das maiores obras pedagógicas e críticas, escritas em português.

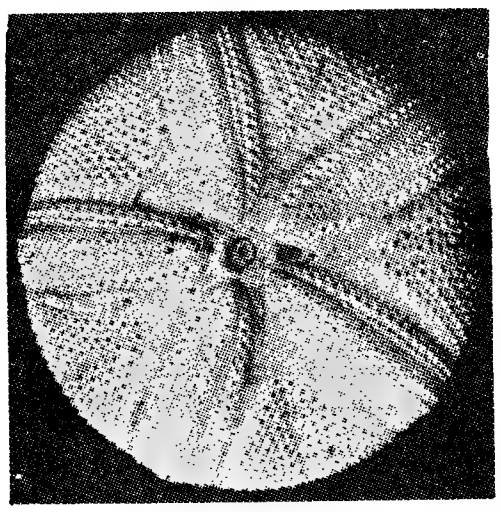
Diario de Lisboa

«Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44

MARAVILHAS DA NATUREZA

Não constitui, já hoje, grande segredo, o que se passa no seio dos grandes mares intranquilos. Mas não sendo segredo, é ainda desconhecido para os nossos jovens leitores, certamente. E o que é desconhecido? A grande beleza que habita as profundezas dos oceanos, a beleza requintada do que o mar criou, com mão de verdadeiro mestre. Não beleza ao acaso, em indivíduos singulares, mas em milhares deles, semelhantes dentro das famílias e ordenados, magistralmente ordenados. Como um batalhão alinhado, e não soldados dispersos, como um cacho de flores encantadoras e não uma só casual, muitos seres vivem sob as grandes massas de água marinha, repetidamente belos, não por acaso, mas por uma ordenação sábia e perfeita. Assim como um ramo de flores seduz não apenas pelas suas cores, ou pelas formas, mas pelo conjunto dessas mesmas cores e de outras tantas formas. Os animais marinhos contém uma beleza semelhante, na sua simetria, radial, isto é, com elementos que se dispõem em volta de um ponto central.

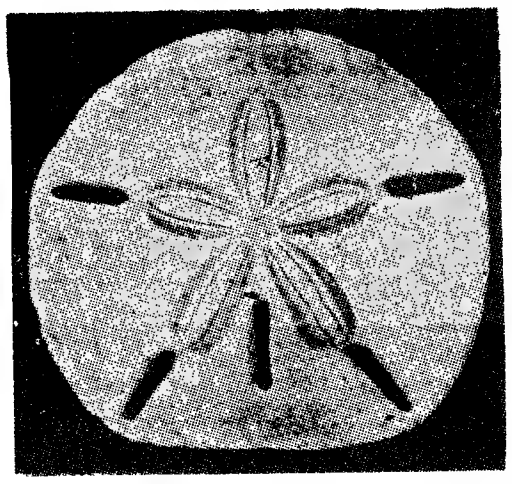
O ouriço do mar, por exemplo, pertence a este exemplo de sime-



tria radial, desta beleza ordenada. Durante a sua vida, ao sabor das águas, ou fixo nas rochas, o ouriço do mar é crivado de agudos espinhos. Mas depois de morto, a sua casca torna-se pelada e surge, muitas vezes. pelas praias, com um aspecto calcário acizentado. Vejamos com atenção este esqueleto que deu á praia. Basta um rapido olhar para se lhe aperceber a ordem radial. Vinte colunas de placas dispostas como meridianos, passando pelo centro da casca, da boca ao ânus, pelo menos o que foi boca e ânus. Estas colunas dispõem-se em dez faixas, sendo cinco largas e

O mar impenetrável

outras tantas estreitas, dispostas alternadamente. E se examinarmos com mais cuidado as placas das placas largas, poderemos verificar que são pentagonais, como se um geómetra as tivesse traçado com todo o rigor de um perfeito conhecimento. Estas faixas, formadas por placas de diversos tamanhos, mas ainda aqui se vê o cuidado meticuloso na distribuição dessas placas — vão alargando do centro para a parte mais bojuda do animal, isto é, para o mair diametro, formando uma espécie de cunha. Mas estas



plamas têm volume, relevo, o que aumenta ainda mais a sua beleza. Houve um tempo em que estes pequeninos relevos seguraram um espinho. E caídos os espinhos ficou-nos esta maravilha de arte, de beleza e de confecção.

Mas além destes vulgares ouriços que todos conhecemos, outros há ainda: uns em forma de coração, bastante raros, com um revestimento espinhoso e natural do mar das Antilhas, outro discoidal ornamentado com uma espécie de flor, com cinco orifícios como não é vulgar nos ouriços do mar.

Mas como não há regra sem excepção, também os há irregulares, em que os cinco raios não têm o mesmo comprimento, divididos em dois grupos, um mais comprido, par; e outro menor, ímpar, de três raios. Comparada com as formas regulares, esta parece de menor beleza — a beleza da simetria que lhe falta.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

LIVROS DO BRASIL
ÚLTIMAS NOVIDADES DE 1959
NAPOLEÃO
por EMIL LUDWIG
A VIDA QUOTIDIANA NA RÚSSIA
NO RASTO DE ANNE FRANCK
por ERNEST SCHNABEL
LIVROS DO BRASIL

DIARIO DE BORDO

Amigo 1580 — Maria da Piedade Gandarez (Amora): Tens alguma razão; mas só alguma. A publicação dos trabalhos depende de vários factores, um dos quais implica a ilustração. Por isso, ás vezes, há uma certa alteração na saída dos mesmos. O Tossan agradece as felicitações sobre o Cão Pêndio.

Amigo 1703 — Manuel Neves Mendes (Azambuja): O que se passa contigo, passa-se com quase todos os amigos que mandam trabalhos. Sentem-se capazes de grandes façanhas, depois de verem publicados alguns escritos que julgavam não valer nada. Ainda bem que sentes vontade de escrever mais, muito mais. É isso mesmo o que nós pretendemos, ao publicar os vossos artigos.

Amigo 1780 — Chegou fora da data, para poder publicar-se no dia 2. É preciso cuidado com o tempo, que passa sem vocês darem por isso.

Amigo 1144 — Maria Isabel Holbeche (Peniche): Vamos mandar-te o jornal. Porque não fazes uma assinatura do «Juvenil»; já não sucederia isto que te sucedeu agora — ler o jornal com atraso. O teu numero é o mesmo.

Amigo 1273 — António Ramires (Olhão): O título não tem importancia, pois conforme as Lendas vão sendo publicadas, os leitores compreendem que são diversas. Vamos fazer-te a vontade, quanto a isso.

Amigo 1539 — Heitor Fernando Couto da Silva (Porto): Com certeza já recebeste os livros a esta hora; manda dizer, sim? Houve, na verdade, um certo atraso involuntário, devido a mudança de pessoal que tratava disso, mas agora está em dia, com excepção dos livros de Estudios Cor, que seguem esta semana para seus destinos.

Amigo 1690 — Maria Madalena da Rocha Pina (Mirandela): Então no colégio não podes ler o «Juvenil»? Porque não fazes uma assinatura? Basta enviar os selos do correio correspondentes aos numeros que desejas (1 mês, 2, 3, etc.), que eles lá irão ter. E escusas de ler o «teu» jornal apenas nas férias. De resto, talvez as tuas colegas gostassem também de o conhecer e ler — quem sabe!...

Amigo 1768 — José Manuel de Moura (Lisboa): Já outros amigos escreveram sobre o Cão Pêndio. É, na verdade, um livro divertido, de são bom humor. Não é pura cão incidência, pois o Tossan é assim mesmo — cheio de bom e são humor.

Amigo 1806 — Mário Azevedo Marujo (Lisboa): Os artigos que citas são todos do «Magazine» — e não são esses que interessa votar, mas os do «Juvenil». Para a próxima vez não te enganes.

Saudações amigas do TROTE

Passatempo

Donde vieram estes amigos?

Estes quatro amigos vieram cada um de sua viagem ao estrangeiro. De lá trouxeram as habituais recordações. O célebre detective Pio-Uí que se encontrava por acaso na estação, na altura em que os nossos amigos desceram do comboio, logo descobriu donde eles vinham. Dois, vieram da Europa; outro, do Oriente; outro, de Africa. Quem é capaz de descobrir?

A solução vem na página seguinte.

LENDAS DO ALGARVE

Por ANTÓNIO RAMIRES

Caros amigos, hoje vou-vos contar uma lenda mais alegre, tendo no entanto o mesmo mistério e encantamento da anterior.

Poder-lhe-ia dar vários títulos, mas escolhi este por ser mais adequado:

«Lenda da Dona Zarolha».

De Mexilhoeira para a Praia da Rocha vai uma estrada um tanto larga.

Cesta mulher sonhou que nesta estrada, no sítio do Sumagre, onde a mesma é mais larga, ao pé de uma alfarrobeira, existia um tacho cheio de dinheiro em ouro, guardado por um mouro encantado, que entregaria tão grande tesouro a quem, pelo pino da meia-noite, ali fosse e consentisse que o mouro lhe desse um beijo.

Foi a mulher e encontrou o tacho de tal grandeza, que, sendo largo o caminho, ainda assim tocavam as asas nos dois valados que a limitavam...; mas, um enorme e nojento sapo cobria o tacho, e era a ele que se devia dar o beijo se se quisesse possuir o tacho.

A pobre da mulher ficou horrorizada em vista do nojento animal e retirou-se do lugar cheia de medo.

Passado tempo, sonhou ela, novamente, com o tesouro, e isto por três noites seguidas. Já então a mulher, em tanto pensar no sapo, se ia conformando com a ideia de beijar bicho tão feio, e talvez, levada por aquele princípio de que o diabo não é tão feio como o pintam, ela se chegasse a convencer de que o sapo não era tão feio como a princípio lhe parecera. Além disso a mulher era extremamente pobre, e lá diz o ditado:

«Quando a necessidade entra pela porta, sai a virtude pela janela».

Por este princípio (ou o mais provável: que desejasse ser rica), a mulher sujeitou-se a passar por tão dura prova, e, em um dia, depois do Sol posto, foi ao sítio onde estava o tacho. Caminhou pois cheia de animo e apresentou sem repugnancia a face ao sapo. Imediatamente dando e recebendo o beijo, saltou-lhe o olho da órbita, e com o outro que lhe restava, viu ela o sapo substituído pela figura de um formoso e gentil mouro, que a aconselhou a ir todas as noites, á mesma hora, buscar parte do tesouro até que o esgotasse.

O mouro desapareceu rápidamente e tudo sucedeu como ele recomendara.

Por muitas vezes andou a mulher na faina de transportar tão grandes valores, até que afinal chegou a esgotar o tacho.

Ficou riquíssima, diz a tradição. A circunstancia de ficar zarolha em nada contribuiu para que fosse daí em diante menos respeitada. Viveu a mulher uma vida muito duradoira e a fama da sua riqueza estendeu-se por todo o reino de Portugal.

Eu sei que os meus estimados amigos e leitores do «Juvenil» não acreditam que esta lenda seja verdadeira; eu também não acredito, mas o certo, porém, é que no princípio de 2 séculos passados, ainda muita gente pôde ver os restos de um grande palácio, que fora a sua habitação.

(AMIGO N.º 1 273)

OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

Qual o caminho para Chamalote?

A crista cinzenta dum monte aparecera, subitamente, aos olhos desconfiados dos camponeses do vale, aquela figura negra de um cavaleiro. No beiral do abismo que, de repente, se despenhava á sua frente, a montada relinchou com desespero; pareceu por segundos que homem e animal tinham encontrado a sua ultima hora; mas o cavaleiro devia saber como nenhum do seu ofício, pois segurara o rocim na altura em que este já parecia resvalar para o precipício. Embora receassem aquele vulto negro e estranho — não viria ali um «cavaleiro bandido»? — os camponeses não puderam suster um grito de angustia logo amaciado por um suspiro de alívio. O desconhecido ficou por momentos como o milhafre que, do alto da sua gula, espreita a vítima.

— Jesus! — exclamou uma jovem aldeã, agarrando-se ao vulto dum forte camponês.

— Não temas — tranquilizou-a o homem. E virando-se para os companheiros: Eh amigos! Ide buscar vossos arcos, enxadas e forquilhas! Diz-me o coração que vem ali um inimigo.

Por todos os lados se distinguiam vultos a esgueirar-se por entre cabanas e moitas. Em breve a aldeia parecia deserta. Só o camponês e a filha se mantinham no largozito, ela apoiando-se, medrosa, ao seu forte arcabouço.

Lá no alto, o cavaleiro terminara a sua inspecção. Deveria ter enxergado qualquer vereda transitável, pois por ela partira como uma flecha apesar da escabrosidade do terreno. Durante um largo lapso de tempo sumia-se de subito e de subito voltava a aparecer. Quando o seu vulto começou a tomar mais corpo, o camponês ergueu rápidamente a mão e logo a voltou a baixar. A este sinal surgiram por detrás das moitas homens armados de arcos, enxadas e varapaus. Sem mais qualquer ordem ou indicação reuniram-se numa extensa linha voltada na direcção de onde se presumia viesse o cavaleiro. Esperaram quando muito um quarto de hora. Lá vinha ele, negro, como uma visão de extermínio. Mas quê? Os homens folgaram o arco retenso; entreolharam-se; voltaram a fitar a estranha figura do desconhecido, com a armadura amolgada, uma crosta de sangue escuro a cobrir-lhe quase toda a cara, sem elmo, os cabelos em desordem e um olhar de louco. Jesus do céu! E até o pobre animalzinho tinha os peitos e os joelhos cheios de pastas de sangue coalhado por onde escorria uma espuma branca. Ao chegar junto deles, o cavaleiro puxara brutalmente as rédeas do cavalo que estacou despedindo um relicho de dor. Fixou os camponeses como se tivesse acordado dum pesadelo. A' roda, um silêncio de morte.

— Qual o caminho para Chamalote? — perguntou o desconhecido com uma voz turvada de desespero.

Ninguém lhe respondeu, tão grande era o espanto dos que o fitavam.

— De Chamalote, sim! — gritou o homem. — Ou já não existe Chamalote á face da terra? Falo-vos de Chamalote. E' para Chamalote que quero ir. Perdi-me. Ouviram ou sois moucos?

Os camponeses continuavam coalhados de pasmo.

— Não vêdes que sou um homem perdido? Olhai bem para mim! Vêde! — e batia com as mãos na carcaça amolgada da armadura. — Não sou um fantasma. Sou um Homem. Dizei-me o que vos peço, por minha salvação!

Das cabanas iam saindo mulheres e raparigas. Foi delas que partiu a primeira reacção. Havia lágrimas de piedade nos seus olhos. E delas veio também o bálsamo das primeiras palavras; eram da jovem que primeiro vira, com seu pai, o cavaleiro lá no alto da serra:

— Ah, senhor, que triste estais! Dizei-nos vosso nome e todos vos ajudaremos.

A expressão do cavaleiro mudou-se imediatamente: o desespero fez-se desconfiança:

— Quê? Também vós me quereis entregar? E' isso?

— Senhor!

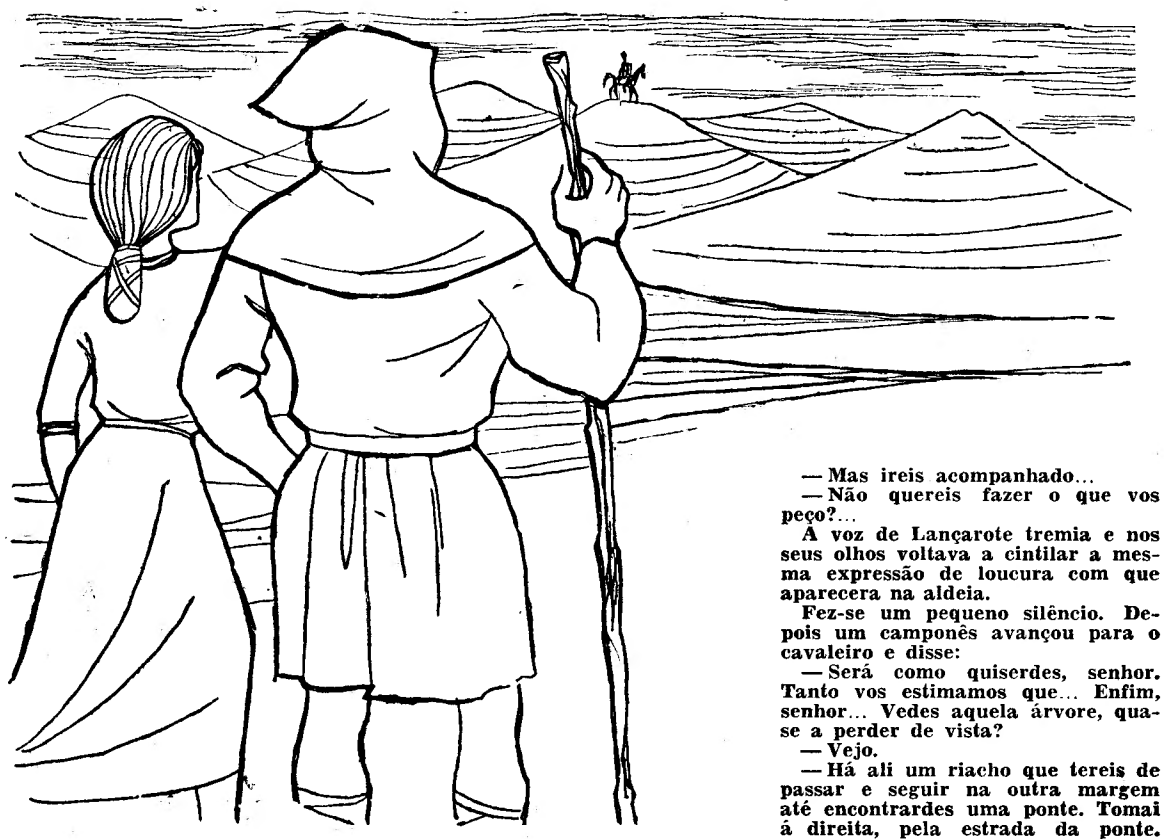
— Quantos dinheiros ofereceram a Judas? Esperais ganhar o céu se souberdes que me chamei Lançarote do Lago?

— Lançarote! — gritou um moço de grande estatura, avançando dois passos.

O cavaleiro ergueu a espada no braço esfarrapado e o seu corcel arripiou-se, começou a caracolear, inquieto.

— Lançarote! — tornou a bradar o jovem. — O que venceu Turquino e Hendrique! Gente! — exclamou, voltando-se para os camponeses — este é nosso amigo. Ah! senhor, dizei quem vos pôs nesse estado e quem vos persegue! Confiai em nós, senhor! Qual é o coração de camponês que não vos ama?

As fileiras de homens, ainda há pouco certas, tresmalharam-se como por encanto. O cavaleiro viu-se rodeado de olhos amigos, por braços que brotavam na sua direcção num impulso de carinho. Lá do alto da montada, Lançarote tremia. Quis sorrir, mas não pôde: o sinal do que lhe ia no íntimo condensou-se nas grossas lágrimas que luziam sobre o sangue empastado.



— Quem vos persegue, senhor Lançarote?

— Não sabeis? — murmurou o cavaleiro, ainda desconfiado.

— Nunca pusemos na ideia que na Inglaterra ainda alguém vos pudesse perseguir. Mostrai-nos o seu nome, senhor, que ele sofrerá o castigo.

Lançarote abanou a cabeça, tristemente:

— Só eu o posso castigar.

— Mas quem é, senhor?

— E' Artur, rei de Inglaterra.

— Artur, o vosso amigo? — foi a explosão de espanto que se ouviu.

— Esse mesmo. Mandou-me perseguir como traidor por todos os caminhos de Inglaterra. Já tive que enfrentar os seus enviados. E tive de os enfrestar como a cães.

— E quereis ir a Chamalote?

— E quereis entregar-vos?

— Tal não fareis...

— Iremos convosco e apearemos do trono um rei desleal e poremos lá outro, de nosso gosto.

— Viva Lançarote, rei de Inglaterra! — gritou um mocinho e o mesmo brado se acendeu em mais de um cento de bocas.

O cavaleiro ergueu os dois braços, a pedir silêncio:

— Se sois na verdade meus amigos, fazei-me a ultima vontade... Dizei-me o caminho de Chamalote. Trago uma sede na garganta que só eu posso matar. E se não quiserdes ensinar o caminho a um homem que está perdido, então ele procurará por seus meios lá chegar ou morrer por aí.

— Mas ireis acompanhado...

— Não quereis fazer o que vos peço?...

A voz de Lançarote tremia e nos seus olhos voltava a cintilar a mesma expressão de loucura com que aparecera na aldeia.

Fez-se um pequeno silêncio. Depois um camponês avançou para o cavaleiro e disse:

— Será como quiserdes, senhor. Tanto vos estimamos que... Enfim, senhor... Vedes aquela árvore, quase a perder de vista?

— Vejo.

— Há ali um riacho que tereis de passar e seguir na outra margem até encontrardes uma ponte. Tomai á direita, pela estrada da ponte. Fica a quatro dias de caminho, Chamalote. Guardai esta faixa verde. Quando pedirdes ajuda a um camponês, mostrai-lha.

Lançarote pegou na faixa, a custo disse «obrigado» e, esporeando o cavalo, partiu á desfilada.

Poucos minutos depois partiam no seu encalço vários cavalos montados por camponeses da aldeia.

QUAL E' A COISA QUAL E' ELA?

1)
— E' uma marca de detergente ?
— E' uma planta ?
— E' uma variedade de moluscos ?

2)
— E' um aparelho para fazer puré de legumes ?
— E' uma divindade mitológica ?
— E' o inventor dos lenços ?

3)
— E' o nome de uma astronave ?
— E o nome de um desenhador ?
— E' o nome de um chocolate ?

Ver solução na página seguinte.

A VIDA DOS ANIMAIS

Da nossa amiga e colaboradora, Maria Helena da Costa Dias, acaba de sair, em volume, excelentemente ilustrado por Tóssan, o conjunto de artigos que no «Juvenil» todas as semanas tem publicado acerca da vida dos animais. Chama-se, tal qual no nosso jornal,

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS

Dado o agrado que esta secção do «Juvenil» sempre granjeou dos nossos leitores, seria de esperar que o livro, agora publicado, obtivesse grande sucesso. Assim tem sido, facto que registamos com grande satisfação. Trata-se, efectivamente, dum livro novo entre nós — que alia o extremo cuidado pedagógico, e o rigor divulgativo a uma forma de expressão muito bela e simples.

Felicitamos a nossa colaboradora e os jovens portugueses que passam a dispor dum livro de grande nível cultural e recreativo.

Edição da Portugália. Capa de Tóssan.

QUAL E' A COISA QUAL E' ELA?

«Torto como sou, tiro a vida ao mais direito».

Não creio que haja algum amigo que não conheça esta adivinha do tempo da nossa avó. É tão fácil, tão fácilzinha que todos, á uma, vão adivinhar. Mãos ao trabalho, pois, amiguinhos! E ao mandarem as soluções, não esqueçam da idade, morada, nome completo e numero (se o tiverem) bem como a menção dos três artigos que mais apreciaram neste numero. Mas, por favor, não confundam com o «Magazine»!...

As respostas devem estar em nosso poder até ao dia 15 do corrente. Enviar para a Rua Luz Soriano, 4-48.

///

DONDE VIERAM ESTES AMIGOS ? (Solução): K, veio do Japão; O, veio do Mar do Norte, donde trouxe o veleiro; Q, veio de África; T, veio dos Alpes; I, veio de Itália, e lá traz na mão a característica garrafa de vinho, empalhada.

///

PASSATEMPO: O que procuram estes amigos? (Solução do numero anterior):

O caçador procura o cão; a senhora, o gato; o menino com a gaiola, o passarinho; o pastor, a ovelha; o jardineiro procura o ouriço; a menina, o pato; e o pequenito de calças, o coelhinho com rodas.

Descobriram ?

Soluções do Concurso do Jornal N.º 1273

Gigantes de Portugal: DIOGO DO COUTO

Qual é a coisa, qual é ela? — GUARDA-CHUVA.

VENCEDORES

1. — Amigo 182 — António Maurício Esteves (Figueira da Foz).

2. — Amigo 815 — Francisco Correia (Lisboa).

3. — Amigo 1721 — Jorge Reinaldo Almeida (Coimbra).

4. — Amigo 367 — Armando D. Hasse Ferreira (Lisboa).

5. — Amigo 99 — Maria Cristina Bentes Ferreira (Lisboa).

6. — Amigo 1768 — José Manuel Tavares de Moura (Lisboa).

7. — Amigo 1273 — António Ramires (Lisboa).

8. — Amigo 1806 — Mário Azevedo Marujo (Lisboa).

9. — Amigo 1495 — Jorge da Silva Santana (Loulé).

10. — Amigo 1444 — Manuel Marcelino Pena Costa (Lisboa).

PREMIOS

1 a 7. — «A SONSA», da colec. Miniatura, Livros do Brasil, Ld.ª.

8 a 10.—«RATOS E HOMENS», colec. Miniatura Livros do Brasil, Ld.ª.

Prémio para o melhor trabalho sobre Diogo do Couto:

11. — Amigo 1803 — Ana Maria Coelho de Sousa (Lisboa).

11. — «NO RASTO DE ANA FRANK», por E. Schnabel.
«A SONSA», da colec. Miniatura, ambos de Livros do Brasil, Ld.ª.

Prémio para o trabalho mais votado do numero anterior:

12. — Amigo n.º 1469 — Pedro Foyos (Lisboa).

12. — «O Velho e o Mar» e «Ratos e Homens», ambos da colecção «Miniatura» de Livros do Brasil.

O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAÍS

(Continuação da 1.ª página)

duvida um problema em si mesmo e é quando se volta para a introspecção, para o estudo de si próprio, dos fenómenos intelectuais, morais e mesmo físicos que preenchem por completo o seu espírito. Antes disso não. Na fase que antecede os dezasseis anos a introspecção é rara e o rapaz procura por todos os meios exteriorizar-se, gritar, pulando e metendo-se em brigas com os colegas que estima. Nesse tempo ele ainda não é egoista nem se preocupa com os seus fenómenos psíquicos. Com certeza que tal não acontece com todos, mas eu circunscrevo-me ao geral. Se alguém desejar por dedução passar desse universal para o particular, é consigo. Há sempre variantes para escolha. Mas pela parte que toca á maioria, julgo que se passa como afirmei.

Fugi um pouco ao assunto, mas é fácil aplicar o que exarei anteriormente ao caso da literatura juvenil. O artista deve ser sério, exprimir os seus sentimentos com verdade e singeleza. Assim nasceu a poesia. Esta sim é que é mais para ser sentida como fonte de prazer estético, do que para ser analisada como objecto de conhecimento racional.

Ela deve exprimir o estado de alma quer ele seja deprimido ou exuberante, alegre ou melancólico, pesado ou leve.

A prosa essa deve ser também sentida. Claro que há a de ficção que é sem duvida um dos capítulos mais importantes da literatura, mas quero-me referir á prosa do sentimento que me parece ser a usada pelos jovens autores dos dois artigos em questão. Aliás mesmo que estes sejam pura invenção de espíritos fecundos, é pena que não revelem um pouco mais a sua idade. — «E' precoce...» bem, se vamos parar em casos semelhantes não sei onde iremos ter.

Disse alguém no Juvenil que o «escritor autêntico é um criador» e que «o que escreve deve ajudar os leitores a resolver os seus problemas, deve difundir a crença no Homem». Diz também, com que eu concordo e era já opinião por mim formada: «amemos o passado, mas continuamos o futuro». Sábia e salomónica sentença.

Mas reparo que me estou a alongar muito, e este género de escrever não agrada a todos. Sempre foi difícil se não impossível, fazê-lo.

Rapaz, moça nova: vive a tua vida de hoje, lembra-te de que o teu passado ainda é curto e que os melhores anos da tua vida ainda estão por vir.

Escuta o Povo — «Tristezas não pagam dívidas» ou «Aguas passadas não moem moinhos» e se queres escrever deixa os momentos tristes para os desalentados e cumpre o teu papel: Tal como Anna Frank que entre muitas outras verdades dizia: «Não me é possível construir a vida tomando como base a morte, a miséria e a confusão.

...penso que um dia tudo isto voltará a ser bom, que a crueldade chegará ao seu fim e que o Mundo virá a conhecer de novo a ordem, a paz, a tranquilidade.

...apesar de tudo e de todos, tenho fé no que há de bom no homem».

Vós autores jovens, edifiquem e lembrem-se de que quem disse estas palavras de fé e esperança num futuro risonho foi uma jovem de catorze anos que viveu dois dos quais encarcerada num pequeno anexo.

Jovem, levanta-te e escreve a alegria de viver.

AMIGO N.º 1680

DESENHO DE VÍTOR NEVES FERREIRA

QUEM SABE?

(Solução)

1) E' uma planta.
2) E' uma divindade mitológica.
3) E' um senhor muito magrinho que desenha no «Juvenil» e em todas as partes do Mundo.

TER-NURA

STOP!... (UMA)

por ADELINO AMARO DA COSTA (15 anos)

O avião que está voando
está roncando.
E ronca
o carro que não está andando.
E foi-se o avião que voava
e o carro que roncava
e não andava,
também se foi.
Para além.
(O travesseiro dobrado,
a caixa dos sapatos,
o travesseiro estendido.
O pijama,
a tampa (tampa?) da caneta,
o copo de água (de?).)
Esses marcham
na sua agitação inerte.
E trepam,
os degraus da imobilidade.
E agitam-se
nas convulções de velocidade
per-di-da
e não achada.
E choram, aflitos,
em angústia sofrida
da marcha parada
do ritmo pesado,
da estabilidade.
Pobres!
Não gritem mais
e calem-se.
— Não sois avião ou carro,
que roncam
Vu-u-u-u... (1)

(1) Aquela tola mosca disse um dia que se ia casar. Mais tarde vim a saber que o não fizera. Declarou incompatível o casamento com a sua dignidade feminina. Foi a partir de então que eu passei a designá-la por tola mosca. Oh, mosca, mosca tola, que tola tu és! Pobre!

Cinema de animação 2

RUI ANDRADE BARRETO

17 ANOS • AMIGO 1731

O genial precursor do desenho animado foi Emile Reynaud. No seu «Teatro Optico» que funcionava no Museu Grevin, por meio de uma combinação engenhosa de projectores e de espelhos, o publico assistia a uma espécie de reconstituição do movimento, em bonecos graciosos desenhados pelo próprio Reynaud. Teve um efémero sucesso e apesar da imaginação e arte que transpareciam nas suas curtas películas, as deficiências técnicas fizeram rarear cada vez mais os espectadores. Embora tenha falhado não podemos deixar de admirar o criador de uma nova técnica e de um génio que tanto êxito vieram a ter.

Sete anos depois do primeiro espectáculo com o «praxinoscópio» de Reynaud, os irmãos Lumière descobriram o cinematógrafo, com o que a obra de Reynaud foi definitivamente posta de parte e o seu autor esquecido.

A reinvenção da animação cinematográfica dá-se com a película «The hanted hotel», de Stuart Blackton, em que se viam os objectos inertes e o mobiliário executarem os mais diversos movimentos, isto sem a ajuda de fios ou de uma mão enluvada de negro. Os técnicos europeus levaram algum tempo a perceber o truque: bastava mudar a posição dos objectos por cada fotograma que se fazia. Esta descoberta simples como o «ovo de Colombo» veio permitir a realização de um género de cinema cheio de possibilidades — o filme de animação.

.....

«Uma vez que o movimento cinematográfico resulta de uma ilusão óptica causada pela sucessão de um certo numero de imagens, já que a quantidade dessas imagens é fixa e que a película regista qualquer impressão, deve ser possível substituir a fotografia pelo desenho, obtendo o mesmo resultado físico, mas criando a lápis seres de sonho» — tal foi a ideia, como ele próprio mais tarde a resumiu que teve Emil Cohl, desenhador humorístico e o inventor do desenho animado, como nós o conhecemos.

Na prática, em vez do desenho substituir a fotografia, tomou o lugar daquilo que é «filmado». Quer dizer: a película fixava pela fotografia o mundo que os lápis criavam.

Em 18 de Agosto de 1908, projectava Emil Cohl o seu primeiro filme. Intitulava-se «Fantasmagoria» e tinha 36 metros de comprimento. Obtido algum êxito, lançou-se ao trabalho e em dois anos, realizou cerca de sessenta filmes. Através da sua obra subsiste uma personagem, Fantoche, que se encontra na base de todos os herois que os desenhos animados vieram a apresentar-nos. Emil Cohl, é o primeiro realizador de arte de animação, e de uma riqueza criadora tão extraordinária que se sente a sua influência na evolução do cinema, através das suas ideias cinematográficas que foram utilizadas por realizadores como Max Fleischer, Walt Disney e René Clair.

Nos Estados Unidos depois de algumas tentativas, de entre as quais merece ser citada a de Stuart Blackton, que apresentou um filme desenhado sobre a própria película (á maneira de Reynaud), surge em 1909 «Gentie the Dinosenur», de Winsor MacCay, o primeiro desenho animado americano de importancia. O funambulesco Gertie foi a primeira personagem da arte americana de animação, tal como o Fantoche de Cohl da francesa. Ele é o primeiro também, numa multidão de animais, mais ou menos antropomorfizados, que vieram a ter um êxito espantoso nos «ecrans» de todo o Mundo.

Uma inovação que permitiu que uma personagem desenhada evolucionasse e se misturasse com pessoas «em carne e osso», como em «O pequeno detective», realizado pelo australiano Pat Sullivan, foi o emprego de folhas transparentes, inventado por Earl Hurd e apresentado pela primeira vez em 1914.

A actividade do cinema de animação continua mesmo no decorrer da primeira Grande Guerra, com cineastas como Bud Fisher, Bert Green e Max Fleischer, pai de «Koko», o pequeno energumeno que se escapava do tinteiro do seu mestre para se entregar ás mais mirabolantes tropelias, comprometendo o equilibrio do mundo «real».

Toda esta fase acima esboçada se pode considerar como de preparação. Ia surgir Walt Disney, o mágico que levaria o desenho animado a uma perfeição técnica e artística inesquecível.

AMIGO N.º 1731

A CONVERSA DA SEMANA

5

UMA SUGESTÃO

O mesmo Amigo Nunes de Almeida sugere que os artigos não publicáveis sejam devolvidos desde que os seus autores custeiem as despesas. Não vemos qualquer duvida nisso.

6

ARTIGOS PREFERIDOS

No n.º 138, os artigos mais votados foram:

Despedida, por Pedro Foyos ...	291
Pousada	246
Fiquei com pena	208
Por terras, esquadras e rios de Portugal	145
Cavaleiros da Távola Redonda	104
Lendas do Algarve	104
Tradições do Natal	93
A Conversa da Semana	39

O Amigo n.º 1469 Pedro Foyos (14 anos) deverá ler na secção respectiva o prémio que lhe coube como Autor mais votado.

ARTIGOS RECEBIDOS

1 — «Artigos tristes e artigos juvenis», por António Nunes de Almeida, Amigo n.º 1680 (19 anos).

2 — «Adolescência», por Maria da Graça Moreira da Silva, Amigo n.º 1713 (15 anos).

3 — «O vento», por Margarida Codeiro, Amigo n.º 389 (15 anos).

4 — «Lição do Natal», por Fernando Tavares Rodrigues, Amigo 357 (18 anos).

5 — «A bola de pingue-pongue», por Joaquim de Almeida Passos, Amigo n.º 18 (15 anos).

6 e 7 — «Noite» e «O longo pôr do Sol», por Nuno Brederode dos Santos, Amigo n.º 1748 (14 anos).

8 — «Fumo» e «Entardecer de Agosto», por Armando Taborda (17 anos).

9 — «Ano novo... Vida nova... Alma nova», por Henrique Pedro Cierco, Amigo n.º 8.

10 — «Bento de Moura Portugal», por António Velez Ponce, Amigo n.º 1271 (17 anos).

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

A CAÇADA

Texto integral do conto de **VIRGINIA WOOLI**

ELA entrou e colocou a mala na rede das bagagens com a laçada de faisões em cima. Depois sentou-se ao canto. O comboio ia a matraquear por meio de campos; e o nevoeiro, que entrara quando ela abriara a porta, parecia alargar a carruagem e separar os quatro viajantes. Era óbvio que M. M. — eram essas as iniciais na mala — passara o fim-de-semana numa caçada. Era óbvio, porque ela agora estava a recordar a história, deitada para trás no seu canto. Não fechara os olhos. Mas era evidente que não via o homem que vinha á sua frente, nem a fotografia colorida do Mosteiro de York. Devia ter ouvido, também, o que eles tinham estado a dizer. Porque enquanto olhava em frente, os lábios moviam-se-lhe; de vez em quando sorria. E era bonita; uma rosa brava; uma maçã reineta; trigueira; mas com uma cicatriz no queixo — cicatriz que se alongava quando ela sorria. Ela que estava a recontar-se a história era porque tinha sido um dos convidados na caçada, e no entanto, vestida como estava, da maneira que vestiam as mulheres, anos atrás, nas fotografias das revistas desportivas, não tinha exactamente o ar de uma convidada, mas também não o de criada. Tivera ela consigo um cesto, teria sido mulher que cria «fox-terriers»; a dona do gato siamês; alguém relacionado com os cães e os cavalos. Mas tinha apenas uma mala e os faisões. De alguma maneira, portanto, devia ela ter escabichado caminho até ao quarto que agora via através do estofo da carruagem, da cabeça calva do homem e da fotografia do Mosteiro de York. E devia ter ouvido o que aquela gente dissera, porque agora, como alguém a imitar o ruído feito por outrém, deu um pequeno estalo no fundo da garganta. «Chk». Depois sorriu-se.

«Chk», disse «miss» Antónia, apertando os óculos no nariz. As folhas humidas caíam em frente das compridas janelas da galeria; uma ou duas ficaram agarradas, com feitio de peixes, como madeira escura embutida nos caixilhos da janela. Depois as árvores do parque tiveram um calafrio, e as folhas, tombando ondulantes, pareceram torná-lo visível — um calafrio humido e castanho.

«Chk». «Miss» Antónia fungou de novo e debicou na frágil matéria branca que tinha nas mãos, como uma galinha a debicar nervosa e rápidamente num pedaço de pão branco.

O vento soltou um suspiro. O quarto tinha correntes de ar. As portas não fechavam bem, nem as janelas. De vez em quando uma ondulação, como um réptil, serpenteava sob o tapete. Neste estendiam-se panos verdes e amarelos, onde pousava o sol; depois o sol movia-se para apontar com o dedo como em zombaria para um buraco no tapete e parava. E lá seguia depois o débil mas imparcial dedo do sol. Pousava no brazão sobre a chaminé — delicadamente iluminado — no escudo, nas uvas pendentes, na sereia e nas lanças. «Miss» Antónia levantou os olhos enquanto a luz crescia. Vastas terras, diziam, tinham sido dos velhos — dos seus antepassados — dos Rashleighs. Do outro lado. No Amazonas. Flibusteiro. Viajantes. Sacos de esmeraldas. Pirataria em volta da ilha. Fazendo prisioneiros. Donzelas. Lá estava ela, toda escamas desde a cauda á cintura. «Miss» Antónia sorriu. Baixou-se o dedo do sol e com ele os olhos dela. Aqui pousou sobre uma moldura de prata; sobre uma fotografia; numa cabeça oval e de cabelo ralo; nus lábios que saiam debaixo do bigode; e no nome «Eduardo» sublinhado por um rabisco floreado.

«O Rei...» — murmurou «miss» Antónia, voltando sobre o joelho o veu branco — «ficou com o Quarto Azul», acrescentou ela, com um sacudir de cabeça ao passo que a luz se desvanecia. Lá fora, no Passeio do Rei, os faisões estavam a ser batidos para diante das bocas das espingardas. Esguichavam como pesados foguetes, foguetes de purpura avermelhada; e quando eles se levantavam as armas estalavam seguidas, ávida, secamente, como uma linha de cães que de subito ladrasse. Novelos de fumo branco, mantinham-se durante um momento; depois dissolviam-se, delicadamente, esbatiam-se, e desapareciam.

Na estrada funda, sob o pendural, uma carreta esperava, coberta já por macios corpos mornos, de garras desfalecidas e olhos ainda lustrosos. Dir-se-iam ainda vivas as aves, mas desmaiadas sob as suas penas humidas e opulentas. Pareciam repousadas, confortávelmente, agitando-se ao de leve, como se dormissem num quente leito de penas macias sobre o chão da carreta.

Então o Senhor Rural, de cara manchada e grosseira, com as polainas enxovalhadas, praguejou e levantou a arma...

«Miss» Antónia continuava a costurar. De vez em quando uma língua de chamas envolvia o barrote cinzento que se estendia de uma barra a outra da grelha do fogão, mordiscava-o gulosamente, depois baixava, deixando um bracelete branco no sítio onde a casca fora roída. «Miss» Antónia levantava os olhos durante um momento, e ficava-se a olhar com eles muito abertos, instintivamente, como um cão a fitar as chamas. Depois a chama diminuía e ela costurava outra vez.

Depois, silenciosamente, abriu-se a porta enormemente alta. Entraram dois homens magros que puxaram uma mesa para cima do buraco do tapete. Saíram; entraram. Estenderam uma toalha na mesa. Saíram; entraram. Trouxeram uma cesta de baeta verde com garfos e facas; e copos; e açucareiros; e saleiros; e pão; e uma jarra de prata com três crisantemos. E estava posta a mesa. «Miss» Antónia continuava a coser.

De novo se abriu a porta, desta vez empurrada ao de leve. Um cãozinho entrou por ela, um «spaniel», farejando ligeiro; parou. A porta ficou aberta. E então, encostada á bengala, pesadamente, a velha «miss» Rashleigh faz a sua entrada. Um xaile branco, preso por um diamante, cobria-lhe a calvície. Coxeou; atravessou a sala; aninhou-se curvada na cadeira de costas altas ao pé do fogo. «miss» Antónia continuava a costurar.

«Caçam», disse ela por fim.

A velha «miss» Rashleigh confirmou com a cabeça. Crisparam-se-lhe as mãos na bengala. Sentadas, ficaram á espera.

Os caçadores tinham passado agora do Passeio do Rei para a Coutada da Casa. Estavam no campo lavrado, cor de purpura, que o debruava. De vez em quando estalava um ramo; as folhas remoinhavam. Mas por cima da névoa e do fumo havia uma ilha de azul — azul claro, azul puro— sózinha no céu. E no ar inocente, como um querubim a passear sózinho, o sino de um campanário longínquo e escondido brincou travesso, cabriolou, e desvaneceu-se. Depois de novo subiram os foguetes, os faisões de purpura avermelhada. Subiram, subiram. Outra vez latiram as espingardas; formaram-se bolas de fumo; soltaram-se, dispersas. E os cãezitos atarefados correram ligeiros farejando os campos; e os corpos humidos e mornos, ainda macios e languidos, como se apenas desfalecidos, eram amarrados, aos molhos, pelos homens de polainas e atirados para a carreta.

«Pronto!», resmungou Milly Masters, a governante, tirando os óculos com força. Também estava a costurar, no quartito escuro que dava para o pátio dos estábulos. A camisola, a grossa camisola de lã, para seu filho, o rapaz que limpava a igreja, estava pronta. «Arabou!», murmurou ela. Depois ouviu a carreta. Rodas a ranger no cascalho. Levantou-se. De mãos no cabelo, no cabelo castanho, parou no pátio, ao vento.

«Chegaram!», riu ela; e a cicatriz da sua face alongou-se. Abriu o ferrolho da porta do quarto da caça, enquanto Wing, o couteiro, conduzia a carreta sobre as pedras redondas. As aves estavam agora mortas, de patas crispadas e fechadas, embora nada agarrassem. As pálpebras duras cerravam-se-lhes pardacentas sobre os olhos. A governante «mrs.» Masters e Wiking, o couteiro, agarravam cachos de aves mortas pelo pescoço e deixavam-nos cair no chão de lousa da despensa da caça. O chão negro ficou besuntado e salpicado pelo sangue. Os faisões pareciam agora mais pequenos, como se os seus corpos tivessem mirrado. Depois Wing levantou o avental traseiro da carreta e enfiou os pregos que o seguravam. Nos lados do carro ficaram presas penas cinzento-azuladas, e o chão manchado e salpicado de sangue. Mas vazio.

«Os ultimos!», sorriu Milly Masters enquanto o carro se afastava.

«O almoço está servido, minha senhora», disse o mordomo. Apontou para a mesa; estava a dirigir o lacaio. O prato coberto de prata foi colocado exactamente no sítio por ele apontado. Esperaram ambos, o mordomo e o lacaio.

«Miss» Antónia pousou na cestinha o tecido branco; pôs de lado a seda; o dedal; espetou a agulha num pedaço de flanela; e pendurou os óculos num gancho que tinha no peito. Depois levantou-se.

«Almoço!», latiu ela ao ouvido da velha «miss» Rashleigh. Um segundo depois «miss» Rashleigh estendeu a perna; agarrou na bengala; e levantou-se também. As duas velhas avançaram lentamente para a mesa; e foram acolhidas pelo mordomo e pelo lacaio, cada um a sua ponta. Levantou-se o tampo de prata. E apareceu o faisão, depenado, reluzente, de coxas apertadas contra os flancos; pequenos montes de migalhas de pão erguiam-se-lhe de cada lado.

«Miss» Antónia baixou a faca com firmeza através do peito do faisão. Cortou duas fatias e colocou-as num prato. Lesto o lacaio lhas arrebatou da frente, e a velha «miss» Rashleigh, ergueu a faca. Ressoaram tiros no bosque, sob a janela.

«De volta?», disse a velha «miss» Rashleigh, suspendendo o garfo.

Os ramos batiam e bailavam nas árvores do Parque.

Levou á boca uma garfada de faisão. Folhas caídas tremularam contra os caixilhos da janela; uma ou duas ficaram agarradas ao vidro.

«Na Coutada do solar, agora», disse «miss» Antónia. «Até isso o Hugh perdeu». «A caçar». Com a faca desceu o outro lado do peito. Juntou batatas e molho, couve de Bruxelas e molho de pão, metódicamente, em círculo, á volta das fatias do seu prato. O mordomo e o lacaio olhavam, direitos, como serventes num festim. As velhas senhoras comiam calmamente; silenciosamente; não se apressavam; metódicamente limpara a ave. Só ficaram ossos nos seus pratos. Depois o mordomo aproximou de «miss» Antónia a garrafa, e esperou durante um momento, de cabeça baixa.

«Dá-ma cá Griffiths», disse «miss» Antónia; agarrou na carcassa com os dedos e atirou-a ao cão, para debaixo da mesa. O mordomo e o lacaio inclinaram-se e sairam.

«Estão mais perto», disse «miss» Rashleigh, á escuta. O vento estava a levantar-se. Um calafrio castanho sacudiu o ar; folhas voaram, rápidas demais para ficarem agarradas. O vidro das janelas tilintou nos caixilhos.

«Caça brava», concordou «miss» Antónia, observando o remoinho.

A velha «miss» Rashleigh encheu o copo. Enquanto sorviam pequenos goles, os olhos de ambas foram-se tornando lustrosos como meias pedras preciosas viradas para a luz. Os de «miss» Rashleigh eram de um azul-ardósia; vermelhos, como vinho do Porto, os de «miss» Antónia. E as suas rendas e franjas pareciam palpitar, como se os seus corpos, enquanto bebiam, estivessem quentes e languidos sob as penas.

«Foi um dia como o de hoje, lembras-te?», disse a velha «miss» Rashleigh, revirando o copo nos dedos. «Trouxeram-no para casa — com uma bala no coração. Um espinheiro, disseram eles. Tropeçou. Ficou com o pé preso...». Abafou um risinho enquanto sorvia o vinho.

«E o John...», disse «miss» Antónia. «A égua, disseram, meteu a pata num buraco. Morreu no campo. Os caçadores passaram-lhe por cima. Também ele voltou para casa numa padiola...». De novo beberricaram.

«Lembras-te da Lily?», perguntou a velha «miss» Rashleigh. «Má bisca». Abanou a cabeça. «Andava a cavalo com uma borla vermelha na chibata...».

«Mas má como as cobras!», gritou «miss» Antónia.

«Lembras-te da carta do coronel? O vosso filho cavalgou como se estivesse possuido de vinte demónios — á carga, á frente dos seus homens. Até que um demónio branco... ah, ah!». Voltou a sorver um gole.

«Aos homens da nossa casa», começou «miss» Rashleigh. Ergueu o copo. Manteve-o alto, como se bebesse em honra da sereia de mármore que estava sobre a chaminé. Fez uma pausa. As espingardas latiam. Estalou qualquer coisa no madeiramento. Ou seria rato a correr por trás do estuque?

«Sempre mulheres...», miss Antónia acenou com a cabeça. «Os homens de nossa casa... A Lucy, no Moinho, vestida de cor-de-rosa — lembras-te?».

«E a filha da Elen da estalagem da «Cabra e Foice», acrescentou miss Rashleigh.

«E a pequena do alfaiate», murmurou «miss» Antónia, «onde o Hug comprou os calções de montar, a lojeca escura, á direita...».

«...que costumava ficar inundada todos os invernos. E' o filho *dele*», disse «miss» Antónia com um risinho, inclinando-se para a irmã, «que limpa a igreja».

Ouviu-se um estrondo. Uma ardósia caira pela chaminé. A enorme acha quebrara-se ao meio. Flocos de estuque cairam do escudo que encimava o fogão de sala.

«A cair», riu-se a velha «miss» Rashleigh. «A cair».

«E quem», disse «miss» Antónia, olhando para o estuque sobre o tapete, «quem vai pagar por isto tudo?».

Cacarejando como crianças velhas, indiferentes, descuidadas, riram-se; atravessaram a sala até ao fogão, e beberricaram o vinho fino ao pé do estuque e das cinzas das achas, até que cada copo ficou só com uma gota de vinho, purpura avermelhada, no fundo. E desta gota, parecia, não se queriam separar as velhas; porque revolviam nos dedos os copos, enquanto sentadas lado a lado defronte das cinzas; e não os ergueram aos lábios.

«Milly Masters no quarto lá de baixo», começou a velha «miss» Rashleigh. «Ela é a... do nosso irmão...».

Um tiro ladrou sob a janela. Cortou o fio que segurava a chuva. Lá caiu ela, caiu, caiu, caiu, em bordões direitos que chicoteavam as janelas. A luz desvaneceu-se no tapete. A luz desvaneceu-se nos olhos delas, também, enquanto escutavam sentadas defronte das cinzas brancas. Tornaram-se-lhes os olhos como seixos tirados da água; pedras cinzentas baças e secas. E as suas mãos enclavinhavam-se como garras de aves mortas que nada agarrassem. E elas encolhiam-se como se os seus corpos sob a roupa tivessem mirrado.

Então «miss» Antónia levantou o seu copo para a sereia. Era a ultima gota; esgotou-a. «De volta!», roquejou ela, e arremessou o copo ao chão. Uma porta bateu lá em baixo. Depois outra. Depois outra. Ouviram-se passos pesados, mas arrastados, pelo corredor em direcção á galeria.

«Mais perto! Mais perto!», careteou «miss» Rashleigh, descobrindo os seus três dentes amarelos.

Escancarou-se a porta imensamente alta. Três enormes mastins entraram de roldão e pararam ofegantes. Depois entrou, bamboleante, o Senhor Rural em pessoa, de polainas enxovalhadas. Os cães rodearam-no, sacudindo as cabeças, cheirando-lhe as algibeiras. Depois arremessaram-se para diante. Sentiram o cheiro da carne. O chão da galeria ondulou como floresta açoitada pelo vento com as caudas e costados dos enormes mastins que rebuscavam. Farejaram a mesa. Puxaram a toalha com as patorras. E com um ganido relinchante e selvagem lançaram-se sobre o pequeno cãozito amarelo que debaixo da mesa roía a carcassa.

«O diabo vos leve! O diabo vos leve!», berrou o Senhor Rural. Mas era fraca a sua voz, como se gritasse contra a ventania. «O diabo vos leve! O diabo vos leve!», gritou, amaldiçoando agora as irmãs.

«Miss» Antónia e «miss» Rashleigh ergueram-se. Os mastins tinham agarrado o «spaniel». Torturavam-no, moiam-no com os seus enormes dentes amarelos. O Senhor Rural brandia para um lado e outro um chicote de couro com nós, amaldiçoando os cães, amaldiçoando as irmãs, com aquela voz que parecia tão alta e no entanto tão fraca. Com uma chicotada fez caracolar para o chão a jarra de crisantemos. Outra apanhou a velha «miss» Rashleigh na face. A velha cambaleou para trás. Caiu de encontro ao fogão. A sua bengala, batendo á louca, golpeou o escudo que encimava a chaminé. «Miss» Rashleigh caiu sobre as cinzas com um ruído abafado. O escudo dos Rashleighs desmoronou-se da parede com estrondo. E sob a sereia e as lanças ficou ela enterrada.

O vento açoitava as vidraças; tiros crepitavam no Parque e uma árvore caiu. E então o rei Eduardo, na sua moldura de prata, escorregou, tombou para diante, e caiu também.

A neblina pardacenta tornara-se mais densa na carruagem. Sustinha-se como um véu; parecia colocar a enorme distancia uns dos outros os quatro viajantes dos cantos, embora de facto eles estivessem tão próximos quanto uma carruagem de terceira classe os podia ter. O efeito era estranho. A mulher bonita, embora de certa idade, bem vestida, embora um pouco enxovalhada, que entrara para o comboio em qualquer estação do percurso, parecia ter perdido a forma. O corpo tornara-se-lhe todo neblina. Só os seus olhos brilhavam, mudavam, viviam sózinhos — parecia; olhos sem corpo; olhos que viam alguma coisa invisível. No ar nebuloso eles brilhavam, moviam-se, de maneira que naquela atmosfera sepulcral — as janelas estavam embaciadas, os candeeiros aureolados de nevoeiro — eles pareciam luzes bailando, fogos fátuos que, dizem, movem-se sobre as sepulturas dos que nos adros das igrejas dormem intranquilos. Ideia absurda? Mera fantasia! E no entanto, no fim de contas, já que não há nada que não deixe qualquer resíduo, e que a memória é uma luz que dança no espírito quando a realidade está enterrada, porque não haviam aqueles, olhos, brilhantes, moventes, de ser o fantasma de uma família, de uma época, de uma civilização, bailando sobre a sepultura?

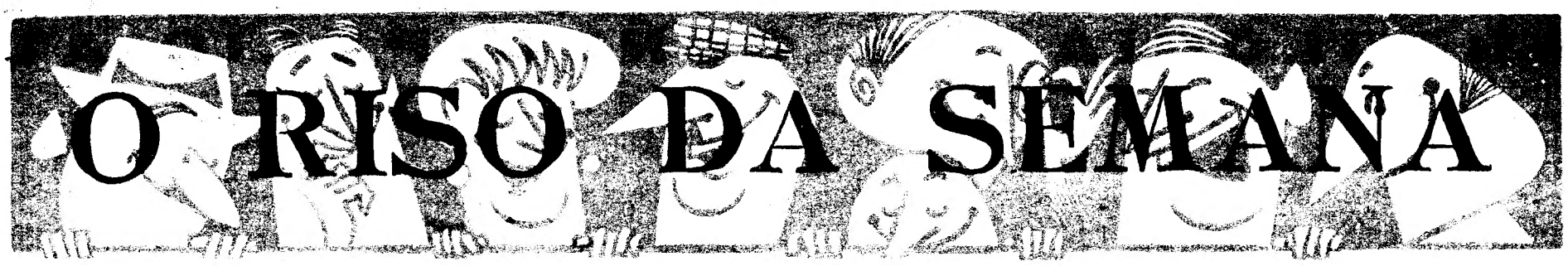
O comboio afrouxou. Ergueram-se candeeiros. Foram derribados. De novo se ergueram enquanto o comboio deslizava pela estação. As luzes brilharam. E os olhos do canto? Estavam fechados. Talvez a luz fosse forte demais. E é claro que, á luz crua dos candeeiros da estação a coisa era simples — ela era apenas uma mulher vulgar, idosa até, que vinha a Londres tratar de qualquer negócio vulgar—qualquer negócio relativo a um gato, a um cavalo, ou a um cão. Puxou a mala, levantou-se, e tirou os faisões da rede. Mas mesmo assim, teria ela, enquanto abria a porta da carruagem e descia, murmurando «Chk., Chk.» ao passar?

CAFÉ CORUJA

Restaurante tipico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)



A questão social e o vinho

O dr. Fortunato da Fonseca, médico, escritor, arqueólogo, crítico de arte e conversador admirável, que morreu presidente da Junta de Crédito Publico, era frequentador habitual do velho café «Montanha», onde todas as noites se reunia com Bourbon e Menezes e mais uma meia duzia de amigos a cavaquear e a tomar o seu café — e nunca mais do que o café, porque, o dr. Fonseca, embora possuidor de alguns bens de fortuna, não era homem para grandes extravagancias, nem dispêndios superfluos. Tomava o café, como se diz, para pagar a argola.

A sua mesa, no Verão, era, sempre que possível, a que ficava mesmo entalada na porta que dava para a Rua do Arco do Bandeira e por ali se demorava quase até a hora de fechar o café, porque todos os seus companheiros de tertulia eram um pouco noctívagos e amenos conversadores a quem nunca faltava assunto para a cavaqueira.

A tertulia, porém, era frequentemente interrompida pela pedincha de mendigos e garotos que por ali deambulavam á pesca duns tostões e pelos etilizados fregueses das tabernas da vizinhança que nesse tempo eram, se não estamos em erro, em maior numero do que actualmente.

Um dia, ou melhor, uma bela noite, apareceu um bêbado destes a quem o vinho dá para as reivindicações sociais e começou a invectivar o dr. Fortunato da Fonseca, a quem tratava alternadamente por «meu amigo» e por «burguês ricaço» acusando-o de estar ali a gastar em goluzeimas «o rico dinheirinho que fazia muita falta aos pobres»:

— Isto tem de acabar! Esta coisa de uns terem tudo e os outros não terem nada, não pode continuar!

Cofiando as largas barbas grisalhas e piscando aqueles olhos pequeninos mas muito vivos que trasbordavam malícia, o dr. Fortunato, não proferia uma unica palavra.

E o homem prosseguia:

— Isto não pode ser! Ou há pão para todos ou a coisa vai muito mal!

E, como o dr. Fortunato da Fonseca não lhe desse qualquer resposta, o homenzinho increpava-o indignado:

— O meu amigo não responde?

E o mesmo silêncio se mantinha.

— O' seu burguês ricaço, você não diz nada? Você não tem opinião?

— Não, meu amigo, fez então o dr. Fortunato, eu realmente sobre a questão social não tenho opinião. Bem vê, eu não bebo vinho...

E assim se verificou que uma boa piada faz passar uma bebedeira. O homem «encaixou» e foi-se logo embora, sem mais uma palavra.

ALFREDO FRANÇA

Imbecil, não

Chamaram-lhe imbecil e o homem ficou muito ofendido.

Tornaram-lho a chamar e o homem ficou furioso.

Juntou-se muita gente para disfrutar o escandalo.

Muito vexado o homem explicava para aquele publico que tinha sido inventado por ele:

— Imbecil, eu? Porquê? Eu sempre fui um homem de juizo e provou-o:

Nunca fiz um um filme nacional.

Não sou poeta futurista.

Não acredito em revoluções.

Não perco a vontade de comer por causa do jogo da bola.

Uso ligas para segurar as m[illegible].

Não ando a mais de 80 á hora.

Não uso barba á passa-piolho.

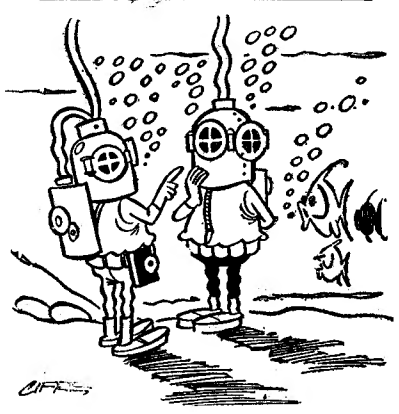
Não tenho nenhum desses casacos sem feitio de casaco e com travincas de madeira a fingir de botões.

E sou solteiro.

Vocação errada

— Ouviste, Emília? Toda a gente está a dizer que deviamos abrir uma loja com as tuas especialidades em vez de andar a jogar a canasta...

Mais um encontro



— A sua cara não me é desconhecida. Já nos encontrámos no Atlantico, no Pacífico ou no Indico...

Marido teimoso

Aquele marido teimoso e renitente teimava e reteimava a propósito de tudo. Um dia armou uma discussão tão grande com a cara metade que tendo começado depois do almoço, já eram nove da noite e ainda estavam no quintal a discutir.

A mulher não se convencia e ele apresentava argumentos sobre argumentos, acabando sempre a bater o mesmo «leit-motif»:

— Mas isto é duma clareza tão grande, tão flagrante... Isto é claro como água... — clarissimo...

A décima vez que ele fez esta afirmação, os galos, na capoeira ao lado, começaram a cantar.

Um belo filme

O crítico de cinema era muito amigo do realizador do filme e então, no dia seguinte á primeira apresentação, fez a crítica assim:

E o amigo repontou; que aquilo não era maneira de fazer a crítica da sua obra, terminando por exortá-lo a que, no dia seguinte, fizesse uma coisa exactamente diversa, que se desdizesse, e o crítico fez-lhe a vontade desta maneira:

E até houve espectadores que apareceram no cinema com coroas de flores.

Que sonhos

Aquela pastelaria vendia os sonhos, no dia de Ano Bom, a 2$00 cada um.

Nessa noite o dono da casa teve o sonho de que um fiscal da Intendência, tendo entrado na pastelaria, lhe aplicara uma pesadissima multa e teve aflições horriveis.

Quando acordou e viu que tudo era sonho, adormeceu até o dia seguinte. Quando acordou, porém, (terrivel despertar!) lá estava o fiscal a multá-lo. E desta vez não era sonho! Eram sonhos que vendidos a 2$00 lhe ficavam, para ele, á razão de 4$00 cada um.

A CEGONHA

Quando somos criança julgamos que a cegonha é uma espécie de condessinha em que os meninos vêm do outro mundo e que a condessinha é uma espécie de mamã sintética. Depois, quando crescemos, compreendemos que a mamã sintética é uma coisa em que só acredita quem estiver com uma grande cegonha.

E' que, afinal, sempre há alguma coisa de verdade nesta coisa da mentira da cegonha que é a mamã.

Pergunta de exame

— O que é que o menino entende pela palavra «narcóticos»?

— O meu pai diz que são filmes portugueses.

Perguntar por perguntar

Quando um sujeito perde os óculos não vê logo que não vê? Se por acaso vê, então para que é que usava óculos? Para ver que não vê?

*

Quando se faz uma pergunta e nos dão uma resposta torta, é possível endireitá-la?

*

Provado no tribunal que o réu dera uma tareia no outro, o juiz condenou-o numa multa de um conto de reis e ele perguntava:

— Então eu dei-lhe a tareia de graça e agora pago-a?

*

Não foi uma crueldade descobrir o Polo Norte deixando-o descoberto num sítio tão frio?

Um homem prático

— Não gosta nada de escrever cartas. Prefere dizer as coisas de viva-voz.

Birgit Nilsson é uma sueca de fantástico fôlego. No «Tristão e Isolda», que cantou recentemente no Metropolitano, de Nova York, Birgit contracenou no primeiro acto com um tenor chileno, no segundo com um alemão e no terceiro com um americano. Nenhum deles pôde cantar mais do que um acto.

(Do «Diário de Notícias»)

Uma sueca sózinha,
Que é um soprano entre os melhores,
Não sei lá com que mesinha
Pôs o sal na moleirinha
A três valentes tenores.

Nenhum deles se aguentou
Com ela mais do que um acto,
Pois que a todos arrasou,
Esfrangalhou, estafou,
Deles fez-gato-sapato.

Nunca um soprano se vira
Com uma força daquelas,
Pois jamais alguém ouvira
Uma cantora tão gira
Com tão potentes goelas.

Não há um que tenha sorte
Que junto dela sossegue
E que o seu fol'go suporte
Sem que ela grite bem forte:
— Qual é o senhor que se segue.

Em face de tanto dano
Eu cá chego á conclusão
E julgo que não me engano
Que aquilo não é um soprano
Mas o soprar dum tufão.

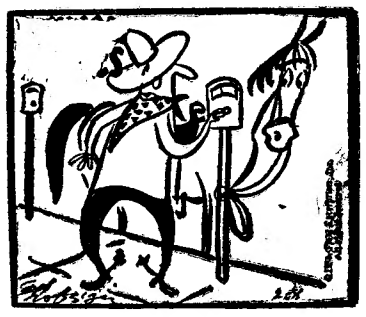
A. F.

Quando o prestidigitador mete a mão no bolso do espectador e tira um coelho — isso é magia. Quando a mulher mete a mão no bolso do marido e tira um lenço — é um grande e inesperado milagre.

FALTAR

Era um homem impossivel. Nunca chegava a horas fosse para que fosse. Um dia morreu, porque não era ele que tinha de chegar á hora da morte. Era a sua hora que tinha que chegar.

A viuva, porém, recusou-se a fazer convites para o enterro e explicava:

— Nada! que ele é capaz de não chegar a horas...

SEM PALAVRAS